

O problema do Destino

As vidas sucessivas

As reencarnações e suas leis
Provas experimentais
As crianças prodígios
Objeções e críticas
Provas históricas

A lei dos destinos

petit



LÉON DENIS

O problema do Ser,
do Destino e da Dor

O problema do Destino

O problema do destino

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 2000

1ª edição: julho/00 - 15.000 exemplares

Direção editorial:

Flávio Machado

Coordenação editorial:

Sílvia Sampaio Ribeiro

Tradução:

Renata Barboza da Silva

Simone T. Nakamura Bele da Silva

Textos doutrinários conferidos e anotados por:

Mário Rasteiro da Fonseca

Capa (criação):

Flávio Machado

Diagramação:

Marcio da Silva Barreto

Revisão:

Leticia Castello Branco Braun

Sheila Tonon Fabre

Fotolito da capa:

Diarte

Impressão:

Cromosete Gráfica e Editora Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Denis, Léon, 1846 - 1927.

O problema do destino: 2ª parte / Léon Denis;
[tradução Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura
Bele da Silva]. – São Paulo : Petit, 2000. – (Coleção O
problema do ser, do destino e da dor)

Título original: Le problème de la destinée.

ISBN 85-7253-065-7

1. Destino 2. Espiritismo – Filosofia I. Título.
II. Série.

00-1420

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Destino: Espiritismo: Filosofia 133.901

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você estará prejudicando a editora, o autor e você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

Impresso no Brasil, no inverno de 2000.

LÉON DENIS

O problema do Destino

Nova Edição
Conforme edição de 1922
da União Espírita Francesa e Francófila

Estudos Experimentais sobre os Aspectos
Ignorados do Ser Humano – As Personalidades
Duplas – A Consciência Profunda – A Renovação
da Memória – As Vidas Anteriores e Sucessivas, etc.



Rua Atuaí, 383 - Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 - São Paulo - SP
Fone: (0XX11) 6684-6000
Endereço para correspondência:
Caixa Postal 67545 - Ag. Almeida Lima
03102-970 - São Paulo - SP

www.petit.com.br
petit@petit.com.br



LÉON DENIS (1846-1927)

Um dos mais extraordinários espíritas de todos os tempos.

Sucessor e propagador da obra de Allan Kardec, a qual ampliou em termos filosóficos.

Seus elevados conceitos doutrinários, alicerçados na mais pura moral cristã e nos ensinamentos dos espíritos, lançaram novas luzes sobre a Doutrina Espírita, que enfrentava, na época, a contestação e o desprezo de grupos religiosos e científico-materialistas. Léon Denis a todos respondia com a sua mais pura naturalidade, baseando-se nos ensinamentos do Cristo e na mais alta inspiração dos seus mentores, que, como ele próprio confessava, nessas horas nunca o abandonaram.

Era também um orador excepcional que sempre atraía multidões. Sua vida era regrada pelos exemplos do Divino Mestre, tendo para todos e a qualquer momento sempre uma palavra de ânimo, quando não a própria ajuda material que para ele mesmo já era escassa.

Atrás de si deixou o exemplo da caridade, da renúncia e do trabalho.

Sua obra doutrinária é básica e enfoca os problemas da angústia e da dor, a destinação do homem e a maneira de compreender e equacionar os obstáculos da vida terrena.

Destacamos as seguintes obras de sua autoria: *Depois da morte*, *Cristianismo e Espiritismo*, *Joana D'Arc médium*, *O porquê da vida* e *No invisível*. Desencarnou trabalhando, aos 81 anos.



SUMÁRIO

Introdução	7
1 – As vidas sucessivas. – A reencarnação e suas leis	19
2 – As vidas sucessivas. – Provas experimentais. – Renovação da memória	36
3 – As vidas sucessivas. – As crianças prodígios e a hereditariedade	82
4 – As vidas sucessivas. – Objeções e críticas	95
5 – As vidas sucessivas. – Provas históricas	106
6 – Justiça e responsabilidade. – O problema do mal	122
7 – A lei dos destinos	133



Esta introdução é a mesma para os três volumes da Coleção Léon Denis (*O problema do ser*, *O problema do destino* e *O problema da dor*).

INTRODUÇÃO

Uma observação dolorosa surpreende o pensador na velhice. Ela se torna ainda mais lastimável em conseqüência das impressões experimentadas em seu giro pelo mundo espiritual, e ele então reconhece que o ensinamento ministrado pelas instituições humanas em geral – religiões, escolas, universidades –, se nos ensinam muitas coisas supérfluas, em compensação não nos ensinam quase nada do que mais temos necessidade de conhecer para a nossa conduta: a direção da existência terrestre e a preparação para o além.

Apesar de ter sido escrito em 1908, o leitor notará ao longo deste e dos demais livros desta coleção que o autor estava tão bem assessorado pela espiritualidade que esta obra é tão atual quanto se tivesse sido escrita nos dias de hoje.

Aqueles a quem cabe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar sua natureza e seus verdadeiros destinos.

Nos meios universitários, uma completa incerteza ainda reina sobre a solução do problema mais importante com que o homem se defronta no decorrer de sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. Uma boa parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo o que se refere ao problema da vida, às questões de seu objetivo e finalidade.

Encontramos a mesma dificuldade nos líderes religiosos. Por suas afirmações desprovidas de provas, conseguem comunicar às almas sobre as quais têm responsabilidade apenas uma crença que não responde mais à lógica de uma crítica sã nem às exigências da razão.

A rigor, na universidade, assim como na Igreja, modernamente a alma encontra somente obscuridade e contradição em tudo que diz respeito ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que é preciso atribuir, em grande parte, os males



de nosso tempo: a incoerência das idéias, a desordem da consciência, a anarquia moral e social.

A educação dispensada às gerações é complicada: não lhes esclarece o caminho da vida e não as estimula para as lutas da existência. O ensino clássico habilita a cultivar, a ornar a inteligência, mas não ensina a agir, a amar, a se dedicar nem a alcançar uma concepção do destino que desenvolva as energias profundas do eu e oriente nossos impulsos, nossos esforços, para um objetivo elevado. No entanto, essa concepção é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a fonte das virtudes atuantes e das altas inspirações.

Carl du Prel* relata o seguinte fato¹:

“Um dos meus amigos, professor da universidade, sentiu a dor de perder sua filha, o que reavivou nele o problema da imortalidade. Ele se dirigiu aos seus colegas, professores de filosofia, esperando encontrar consolação em suas respostas. Teve uma amarga decepção: havia pedido pão e lhe ofereciam pedra; procurava uma afirmação e respondiam-lhe com um ‘talvez’.”

Francisque Sarcey, modelo completo do professor da universidade, escreveu²: *“Estou na Terra. Ignoro absolutamente como vim e como fui lançado aqui. Ignoro ainda mais como sairei daqui e o que acontecerá quando sair”.*

Não se pode confessar mais francamente: a filosofia da escola, após tantos séculos de estudo e trabalho, ainda é apenas uma doutrina sem luz, sem calor, sem vida³. A alma de nossos filhos, sacudida entre sistemas diversos e contraditórios – o positivismo de Augusto Comte, o naturalismo de Hegel, o materialismo de Stuart Mill, o ecletismo de Cousin**, etc. –, flutua incerta, sem ideal, sem um objetivo preciso.

* Carl du Prel (1839-1899): destacado filósofo alemão e um dos importantes pensadores modernos, grande defensor das idéias espíritas no seu tempo contra os materialistas. Deixou muitas obras publicadas (Nota do Editor).

1 - Carl du Prel. *La mort et l'au-delà (A morte e o além)*.

2 - *Petit Journal*, “Crônica”, 7 de março de 1894.

3 - A propósito dos exames universitários, M. Ducros, sub-reitor da Faculdade de Aix, escreveu no *Journal des Débats (Jornal dos Debates)*, em 3 de maio de 1912: “Parece que existe entre o discípulo e as coisas como que um anteparo, não sei que nuvem de palavras aprendidas, fatos dispersos e opacos. É sobretudo na filosofia que se prova esta triste impressão”.

** Augusto Comte (francês), J.G. Friedrich Hegel (alemão), J. Stuart Mill (inglês) e Victor Cousin (francês): filósofos de grande influência. Positivismo, naturalismo e materialismo são doutrinas filosóficas; ecletismo é um método que consiste em reunir teses de doutrinas diversas (N.E.).



Daí o desânimo precoce e o pessimismo desanimador, doenças das sociedades decadentes, ameaças terríveis para o futuro, às quais se acrescenta o ceticismo amargo e zombeteiro de tantos jovens que acreditam apenas no dinheiro e honram apenas o sucesso.

Note que, apesar de este livro ter sido escrito no início do século 20 (a 1ª edição é de 1908), o assunto ainda é bastante atual nos dias de hoje.

O ilustre professor Raoul Pictet assinala esse estado de espírito na introdução de sua última obra sobre as ciências psíquicas⁴. Ele fala do efeito desastroso produzido pelas teorias materialistas sobre a mentalidade de seus alunos e conclui assim:

“Esses pobres jovens admitem que tudo o que se passa no mundo é efeito necessário e fatal de condições primárias, em que a vontade não intervém. Consideram que sua própria existência é, forçosamente, joguete da fatalidade inevitável, à qual estão ligados, de pés e mãos atados. Esses jovens param de lutar logo que encontram as primeiras dificuldades. Não acreditam mais em si mesmos. Tornam-se túmulos vivos, onde guardam, confusamente, suas esperanças, seus esforços, seus desejos, fossa comum de tudo o que lhes fez bater o coração até o dia do envenenamento. Tenho visto esses cadáveres diante de suas carteiras e no laboratório, e têm-me causado pena.”

Tudo isso não é somente aplicável a uma parte de nossa juventude, mas também a muitos homens de nosso tempo e de nossa geração, nos quais podemos constatar um sintoma de cansaço moral e de abatimento.

F. Myers* também o reconhece: *“Há como que uma inquietude, um descontentamento, uma falta de confiança no verdadeiro valor da vida. O pessimismo é a doença moral de nosso tempo”*⁵.

As teorias de além-Reno**, as doutrinas de Nietzsche, de Schopenhauer, Haeckel***, dentre outros, muito contribuíram para desenvolver esse estado de coisas. Sua influência se espalha por toda parte. Deve-se atribuir a eles, em grande parte, esse

4 - *Étude critique du matérialisme et du spiritualisme, pour la physique expérimentale (Estudo crítico do materialismo e do espiritualismo pela física experimental)*.

* Friedrich Myers (1834-1901): professor da Universidade de Cambridge (Inglaterra). Seus estudos contribuíram para o entrelaçamento da ciência com a idéia de um Criador. No meio científico defendeu postulados espíritas, como as vidas sucessivas e a reencarnação. Ferrenho opositor do materialismo, é considerado uma das *inteligências brilhantes* de sua época (N.E.).

5 - F. Myers. *Human personality (Personalidade humana)*.

** O autor, ao usar o termo além-Reno, refere-se à Alemanha (N.E.).

*** Nietzsche, Schopenhauer, Haeckel: os dois primeiros filósofos e o último biólogo alemães (N.E.).



lento trabalho, obra obscura de ceticismo e desencorajamento que se desenvolve na alma contemporânea.

É tempo de reagir com vigor contra essas doutrinas funestas e de procurar, fora da órbita oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que respondam às imperiosas necessidades do momento presente. É preciso preparar os espíritos para as necessidades, os combates da vida atual e das vidas futuras; é preciso, sobretudo, ensinar o ser humano a se conhecer, a desenvolver, em vista de seus objetivos, as forças latentes que nele dormem.

Até aqui, o pensamento esteve limitado a círculos estreitos: religiões, escolas ou sistemas que se digladiam e se combatem reciprocamente. Daí essa divisão profunda das idéias, essas correntes violentas e contrárias que perturbam e transtornam o meio social.

Aprendamos a sair desses círculos rígidos e a dar livre expansão ao pensamento. Cada sistema contém uma parte de verdade; nenhum contém a realidade por completo. O universo e a vida possuem aspectos bastante variados, bastante numerosos para que algum sistema possa abarcar todos. Dentre essas concepções absurdas, é preciso recolher os fragmentos de verdade que elas contêm, aproximá-los e colocá-los de acordo. Depois, unindo-os aos novos e múltiplos aspectos da verdade que descobrimos a cada dia, caminharmos rumo à unidade majestosa e à harmonia do pensamento.

A crise moral e a decadência de nossa época provêm, em grande parte, do fato de o espírito humano ter se imobilizado durante muito tempo. É preciso tirá-lo da inércia, das rotinas seculares, levá-lo às mais elevadas altitudes, sem perder de vista as bases sólidas que vêm oferecer-lhe uma ciência engrandecida e renovada. É essa ciência do amanhã que trabalhamos para que seja constituída. Ela nos fornecerá o critério indispensável, os meios de verificação e de comparação sem os quais o pensamento, entregue a si mesmo, sempre correrá o risco de se perder.

*

A perturbação e a incerteza que verificamos no ensino repercutem e se encontram, como dissemos, em toda ordem social.

Por toda parte, há um estado de crise inquietante. Sob a superfície brilhante de uma civilização refinada, esconde-se um mal-estar profundo. A irritação cresce nas classes sociais. O conflito de interesses, a luta pela vida tornam-se, dia a dia, mais ásperos. O sentimento do dever tem-se enfraquecido na consciência popular a tal ponto que muitos homens nem mesmo



sabem onde está o dever. A lei do número, ou seja, da força cega, domina mais do que nunca. Retóricos* mentirosos dedicam-se a desencadear as paixões, os maus instintos da multidão, a espalhar teorias nocivas, às vezes criminosas. Depois, quando a maré sobe e o vento sopra em tempestade, eles se escondem e afastam de si toda responsabilidade.

Onde está, então, a explicação desse mistério, dessa contradição notável entre as aspirações generosas de nosso tempo e a realidade brutal dos fatos? Por que um regime que havia despertado tantas esperanças ameaça chegar à anarquia, à ruptura de todo o equilíbrio social?

A implacável lógica vai nos responder: a democracia, radical ou socialista, nas massas profundas e em seu espírito dirigente, inspirando-se nas doutrinas negativistas, podia chegar somente a um resultado negativo para a felicidade e a elevação da humanidade. Tal o ideal, tal o homem; tal a nação, tal o país!

As doutrinas negativistas, em suas conseqüências extremas, levam fatalmente à anarquia, ou seja, ao vácuo, ao nada social. A história humana já teve, diversas vezes, essa dolorosa experiência.

Enquanto se tratou de destruir os restos do passado, de dar o último golpe nos privilégios que restavam, a democracia serviu-se habilmente de seus meios de ação. Porém, hoje, o que importa é construir a cidade do futuro, o vasto edifício que deve abrigar o pensamento das gerações. E, diante dessas tarefas, as doutrinas mostram sua insuficiência e revelam sua fragilidade; vemos os melhores operários se debaterem em uma espécie de impotência material e moral.

Nenhuma obra humana pode ser grande e durável se não se inspirar, na teoria e na prática, em seus princípios e em suas aplicações, nas leis eternas do universo. Tudo o que é concebido e edificado fora das leis superiores se constrói na areia e afunda.

Acontece que as doutrinas do socialismo atual têm um erro essencial. Elas querem impor uma regra em contradição com a natureza da verdadeira lei da humanidade: o nível igualitário.

A evolução gradual e progressiva é a lei fundamental da natureza e da vida. É a razão de ser do homem, a norma do universo. Posicionar-se contra ela, substituir-lhe por outro fim, seria tão insensato quanto querer parar o movimento da Terra ou o fluxo e refluxo das marés.

* Retórico: nesse caso, orador que faz discurso pomposo e sem conteúdo (N.E.).



O lado mais fraco da doutrina socialista é a ignorância absoluta do homem, de seu princípio essencial, das leis que dirigem o seu destino. E quando se ignora o homem individual, como se poderia governar o homem social?

A origem de todos os nossos males está em nossa falta de saber e em nossa inferioridade moral. Toda sociedade permanecerá fraca e dividida enquanto a desconfiança, a dúvida, o egoísmo, a inveja e o ódio a dominarem. Não se transforma uma sociedade por meio das leis. As leis e as instituições não seriam nada sem os costumes, sem as crenças elevadas. Quaisquer que sejam a forma política e a legislação de um povo, se ele possui bons costumes e convicções firmes, será sempre mais feliz e mais poderoso do que um outro povo de moralidade inferior.

Para melhorar a forma de uma sociedade, sendo ela o resultado das forças individuais, boas ou más, é preciso agir inicialmente sobre a inteligência e a consciência dos indivíduos.

Porém, para a democracia socialista, o homem interior, o homem da consciência individual, não existe; a coletividade o absorve por completo. Os princípios que adota não passam de uma negação de toda filosofia elevada e de toda causa superior. Não se procura outra coisa a não ser conquistar direitos. Entretanto, o gozo dos direitos não pode ser obtido sem a prática dos deveres. O direito sem o dever, que o limita e o corrige, produz apenas novas aflições, novos sofrimentos.

Eis por que o impulso formidável do socialismo não faz nada mais do que deslocar os apetites, as ambições, as causas das doenças e substituir as opressões do passado por um despotismo* novo, ainda mais intolerável. Vemos isso no exemplo da Rússia.

Já podemos medir a extensão dos desastres causados pelas doutrinas negativistas. O determinismo, o materialismo, ao negar a liberdade humana e a responsabilidade, minam as próprias bases da ética universal. O mundo moral não passa de um anexo da fisiologia, ou seja, o reinado, a manifestação da força cega e irresponsável. Os espíritos de elite professam o niilismo metafísico**, e a massa humana, o povo, sem crenças, sem princípios determinados com exatidão, fica entregue a homens que exploram suas paixões e especulam com suas ambições.

* Despotismo: sistema de governo que se funda no poder de dominação sem freios (N.E.).

** Nihilismo metafísico: doutrina materialista segundo a qual só haverá progresso e avanço para o homem após a destruição social dos conhecimentos ligados à crença, que se baseiam em um poder criador de onde derivam a vida e todas as coisas (N.E.).



O positivismo*, apesar de ser menos absoluto, não é menos prejudicial em suas conseqüências. Por sua teoria do desconhecido, suprime as noções de objetivo e de larga evolução. Ele pega o homem na fase atual de sua vida, simples fragmento de seu destino, e o impede de ver para diante e para trás de si; método estéril e perigoso, feito, parece, para cegos de espírito e que se tem proclamado, muito falsamente, como a mais bela conquista do espírito moderno.

Esse é o estado atual da sociedade. O perigo é imenso e se alguma grande renovação espiritualista e científica não se produzisse, o mundo acabaria na incoerência e na confusão.

Nossos homens de governo já sentem o que lhes custa viver numa sociedade em que as bases essenciais da moral estão abaladas, em que as leis são brandas, frágeis ou superficiais, em que tudo se confunde, até mesmo a noção elementar do bem e do mal.

É verdade que as Igrejas, apesar de suas fórmulas antiquadas e de seu espírito contrário ao progresso, ainda agrupam ao redor de si muitas almas sensíveis; porém, tornaram-se incapazes de afastar o perigo pela impossibilidade em que se colocaram de fornecer uma definição precisa do destino humano e do além, apoiada em fatos comprovados.

A humanidade, cansada de dogmas** e de especulações sem provas, mergulhou no materialismo ou na indiferença. Não há salvação para o pensamento, senão por uma doutrina baseada na experiência e no testemunho dos fatos.

De onde virá essa doutrina? Que poder nos livrará do abismo em que nos arrastamos? Que ideal novo virá dar ao homem a confiança no futuro e o fervor pelo bem? Nas horas trágicas da História, quando todos pareciam desesperados, o socorro nunca faltou. A alma humana não pode afundar inteiramente e morrer. No momento em que as crenças do passado se esgotam, uma concepção nova da vida e do destino, baseada na ciência dos fatos, reaparece. A grande tradição revive sob formas engrandecidas, mais jovens e mais belas. Ela mostra a todos um futuro

* Positivismo: doutrina filosófica do francês Augusto Comte (1798-1875) baseada na investigação científica. Ensina que é pelo conhecimento científico (aplicação da ciência) que se resolvem os problemas sociais. Essa filosofia teve, de início, grande influência sobre os militares, políticos e intelectuais brasileiros no século 18. A divisa "Ordem e Progresso", da bandeira brasileira, é um conceito da filosofia positivista. Do positivismo deriva o que conhecemos hoje como sociologia (N.E.).

** Dogma: ensinamento, conceito ou regra formulada por dirigente religioso ou associação religiosa por meio do qual se impõem aos seus seguidores de forma autoritária e indiscutível as regras de conduta e sua maneira de interpretar os textos sagrados (N.E.).



cheio de esperança e de promessas. Saudemos o novo reino da idéia vitoriosa da matéria e trabalhemos para preparar seus caminhos!

A tarefa a cumprir é grande, e a educação do homem deve ser totalmente refeita. Essa educação, como vimos, nem a universidade nem a Igreja estão em condições de fornecer, uma vez que não possuem mais as sínteses necessárias para esclarecer a marcha das novas gerações. Apenas uma doutrina pode oferecer essa síntese: a do Espiritismo; ela já sobe no horizonte do mundo intelectual e parece iluminar o futuro.

A essa filosofia, a essa ciência livre, independente, desprovida de toda pressão oficial, de todo compromisso político, as descobertas contemporâneas trazem a cada dia novas e preciosas contribuições. Os fenômenos do magnetismo, da radioatividade, da telepatia são aplicações de um mesmo princípio, manifestações de uma mesma lei que rege, ao mesmo tempo, o ser e o universo.

Mais alguns anos de trabalho paciente, de experimentação conscienciosa, de pesquisas contínuas e a nova educação terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. Esse acontecimento será o maior fato da História desde o aparecimento do Cristianismo.

A educação, sabemos, é o fator mais poderoso do progresso; ela contém a origem do futuro. Mas, para ser completa, deve se inspirar no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude*, em sua evolução crescente em direção aos cimos da natureza e do pensamento.

Os mestres dirigentes da humanidade têm um dever imediato a cumprir. É o de recolocar o espiritualismo na base da educação, de trabalhar para refazer o homem interior e a saúde moral. É preciso despertar a alma humana, adormecida por uma teoria destrutiva, mostrar-lhe seus poderes ocultos, fazê-la ter consciência de si mesma, para realizar seu glorioso destino.

A ciência moderna analisou o mundo exterior; suas descobertas no universo objetivo são profundas: isso será sua honra e sua glória; mas ainda não sabe nada sobre o universo invisível e o mundo interior. É esse o império ilimitado que lhe resta conquistar. Saber por quais laços o homem se liga ao conjunto, descer às sinuosidades** misteriosas do ser, onde a

* Plenitude: qualidade daquilo que é completo, inteiro (N.E.).

** Sinuosidade: que apresenta curvas irregulares. Nesse caso, que não se manifesta com franqueza (N.E.).



sombra e a luz se misturam como na caverna de Platão*, percorrer seus labirintos, os redutos secretos, procurar conhecer o “eu” moral e o “eu” profundo, a consciência e a subconsciência: não há estudo mais necessário que esse. Enquanto as escolas e as academias não o tiverem introduzido em seus programas, nada terão feito pela educação definitiva da humanidade.

Porém, já vemos surgir e constituir-se uma psicologia totalmente maravilhosa e imprevisível, da qual vão derivar uma nova concepção do ser e a noção de uma lei superior, que engloba e resolve todos os problemas da evolução e do futuro.

Quando Léon Denis escreveu este livro, ele se referia ao século que se iniciava. Realmente, houve a expansão de vários setores, principalmente da ciência e da tecnologia. O Espiritismo, por sua vez, encontrou no Brasil terreno propício para se desenvolver. Estamos para iniciar um novo século, que será o século da descoberta da espiritualidade.

*

Um tempo se acaba; novos tempos se anunciam. A hora em que estamos é de crise, de parto doloroso. As formas esgotadas do passado empalidecem e se desfazem para dar lugar a outras, de início vagas e confusas, mas que se definem cada vez mais. Nelas se esboça o pensamento crescente da humanidade.

O espírito humano está em trabalho, por toda parte, sob a aparente decomposição das idéias e dos princípios. Em tudo, na ciência, na arte, na filosofia e até mesmo no seio das religiões, o observador atento pode constatar que uma lenta e trabalhosa gestação se faz. A ciência, especialmente, lança em abundância sementes de ricas promessas. O século que começa será o de poderosas descobertas.

As formas e as concepções do passado, dizíamos, não são suficientes. Por mais respeitável que pareça essa herança, apesar do sentimento piedoso com que se podem considerar os ensinamentos legados por nossos pais, sente-se, geralmente, compreende-se, que eles não foram suficientes para desfazer o mistério sufocante do porquê da vida.

Entretanto, atualmente, pode-se viver e agir com mais intensidade do que nunca. Mas é possível viver e agir plenamente sem ter consciência do objetivo a ser atingido? O estado da alma contemporânea pede, reclama, uma ciência, uma arte, uma reli-

* No seu livro *A República*, Platão desenvolve a idéia de *O mito da caverna*, na qual um espectador, apreciando as imagens refletidas no fundo da caverna onde está, julga ver o que é real, quando o que de fato vê são imagens que vêm de um mundo exterior, que ele não vê. A vida na Terra seria, assim, a imagem refletida na parede do fundo da caverna, onde nós estamos vivendo; é ilusória. E a vida real é a do Espírito, que nós não vemos, mas que existe (N.E.).



gião de luz e liberdade que venham dissipar-lhe as dúvidas, libertá-la das velhas servidões e das misérias do pensamento, guiá-la para os horizontes radiosos aonde se sente levada por sua própria natureza e pelo impulso de forças irresistíveis.

Muito se fala sobre progresso, mas o que se entende por progresso? É uma palavra vazia e sonora na boca dos oradores, para a maior parte dos materialistas, ou possui um sentido determinado? Vinte civilizações passaram sobre a Terra, iluminando com suas luzes a marcha da humanidade. Seus grandes focos brilharam na noite dos séculos e depois se apagaram. E o homem ainda não distingue, atrás dos horizontes limitados de seu pensamento, o além sem limites para onde o destino o leva; sem condições de solucionar o mistério que o rodeia, usa sua força nas obras da Terra e foge aos esplendores de sua tarefa espiritual, que fará sua verdadeira grandeza.

A fé no progresso não caminha sem a fé no futuro, no futuro de cada um e de todos. Os homens só progridem e só avançam se acreditarem nesse futuro e se marcharem com confiança, com certeza, para o ideal entrevisto.

O progresso não consiste somente nas obras materiais, na criação de máquinas poderosas e de todo equipamento industrial; não consiste, igualmente, em descobrir processos novos de arte, de literatura ou de formas de eloquência. Seu objetivo mais alto é agarrar, atingir a idéia primordial, a idéia-mãe que fecundará toda a vida humana, a fonte elevada e pura de onde derivarão, ao mesmo tempo, as verdades, os princípios, os sentimentos que inspirarão as obras importantes e as nobres ações.

É tempo de compreendê-lo: a civilização só poderá engrandecer-se, a sociedade só poderá subir se um pensamento sempre mais elevado, se uma luz mais viva vierem inspirar, esclarecer os espíritos e tocar os corações, renovando-os. Somente a idéia e o pensamento levam à ação. Somente a vontade de realizar a plenitude do ser, cada vez melhor, cada vez maior, pode nos conduzir aos cimos longínquos em que a ciência, a arte e toda obra humana, em uma palavra, encontrarão sua expansão, sua regeneração.

Tudo nos diz isso: o universo é regido pela lei de evolução; é isso o que entendemos pela palavra progresso. E nós mesmos, em nosso princípio de vida, em nossa alma e nossa consciência, estamos sempre submetidos a essa lei. Não se pode desconhecer hoje essa força soberana que conduz a alma e suas obras através do infinito do tempo e do espaço, rumo a um objetivo



sempre mais elevado; mas uma lei assim só pode concretizar-se por nossos esforços.

Para fazer obra útil, para cooperar com a evolução geral e recolher dela todos os frutos, é preciso antes aprender a distinguir, a reconhecer a razão, a causa e o objetivo dessa evolução, saber aonde ela conduz, a fim de participar, na plenitude das forças e das faculdades que dormem em nós, dessa ascensão grandiosa.

Nosso dever é o de traçar o caminho à humanidade futura da qual ainda faremos parte integrante, como nos ensina a comunhão das almas, a revelação dos grandes instrutores invisíveis, do mesmo modo que a natureza ensina, por suas milhares de vozes e pela renovação eterna de todas as coisas, àqueles que sabem estudá-la e compreendê-la.

Vamos rumo ao futuro, rumo à vida sempre renascente, pelo caminho imenso que nos abre o Espiritismo!

Tradições, ciências, filosofias, religiões, iluminai-vos com uma chama nova; sacudi vossos velhos sudários* e as cinzas que os cobrem. Escutai as vozes reveladoras do túmulo, elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do além, que o homem tem necessidade de conhecer para melhor viver, melhor agir e melhor morrer!

LÉON DENIS

* Sudário: espécie de lençol com o qual antigamente se envolviam os corpos dos mortos para o sepultamento. Mortalha (N.E.).





O PROBLEMA DO DESTINO

1

AS VIDAS SUCESSIVAS. – A REENCARNAÇÃO E SUAS LEIS

Após residir temporariamente no mundo espiritual, a alma renasce na condição humana, trazendo a herança, boa ou má, de seu passado⁶. Renasce criancinha, reaparece na cena terrestre para representar um novo ato do drama de sua vida, resgatar suas dívidas anteriores, conquistar novas capacidades que facilitarão sua evolução e acelerarão sua marcha para a frente.

A lei do renascimento explica e completa o princípio da imortalidade. A evolução do ser indica um plano e um objetivo: esse objetivo, que é a perfeição, não poderia se realizar em apenas uma única existência, por mais longa e frutífera que fosse. Devemos ver na pluralidade da vida da alma a condição necessária de sua educação e de seus progressos. É por meio de seus próprios esforços, lutas e sofrimentos que ela se liberta de seu estado de ignorância e de inferioridade e se eleva, de degrau em degrau, inicialmente na Terra, e depois nas inúmeras moradas do céu estrelado.

A reencarnação, afirmada pelas vozes de além-túmulo, é a única forma racional pela qual se podem admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos seres. Sem ela, não se vê nenhuma justificativa ou razão moral satisfatória e completa ou

6 – O tempo de permanência na espiritualidade é muito variável, segundo o estado de adiantamento do espírito. Pode levar muitos anos. Em geral, os espíritos de uma mesma família se entendem para reencarnarem juntos e constituírem grupos semelhantes na Terra.



possibilidade da existência de um ser que governe o universo com justiça.

Se admitirmos que o homem vive atualmente pela primeira e única vez neste mundo, que apenas uma só existência é a parcela de cada um de nós, seria preciso reconhecer que a incoerência e a parcialidade é que decidem a repartição dos bens e dos males, das aptidões e das faculdades ou dons, das qualidades inatas* e dos vícios originais.

Por que para uns a fortuna, a felicidade constante, e para outros a miséria, a infelicidade inevitável? Para aqueles a saúde, a beleza e para estes a doença, a feiúra? Por que de um lado a inteligência e o gênio e do outro a imbecilidade? Por que tantas qualidades morais admiráveis se encontram ao lado de tantos vícios e defeitos? Por que raças tão diversas, algumas tão atrasadas, a ponto de parecerem confinadas à animalidade, e outras favorecidas com os dons que lhes asseguram superioridade? E as enfermidades de nascença, a cegueira, a deficiência mental, as deformidades, todos os infortúnios que enchem os hospitais, os albergues noturnos, as casas de correção? A hereditariedade não explica tudo. Na maior parte dos casos, essas aflições não podem ser consideradas o resultado de causas atuais. O mesmo acontece com os favores da sorte. Muitas vezes, os justos parecem esmagados pelo peso da prova, enquanto os egoístas e os maus prosperam.

Por que das crianças morrem antes de nascer e outras são condenadas a sofrer desde o berço? Certas existências acabam em poucos anos, em poucos dias; outras duram quase um século. E de onde vêm os jovens prodígios: músicos, pintores, poetas, todos aqueles que, desde a infância, mostram aptidões extraordinárias para as artes ou as ciências, enquanto tantos outros permanecem medíocres por toda a vida, apesar do esforço insano? E igualmente os instintos precoces, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando às vezes tão estranhamente com o meio em que se manifestam?

Se a vida começa somente com o nascimento terrestre; se, antes dele, nada existe para cada um de nós, em vão poderão ser explicadas diversidades tão dolorosas, essas enormes anomalias, e ainda menos conciliá-las com a existência de um poder sábio, providente, justo. Todas as religiões, todos os sistemas filosóficos contemporâneos vieram esbarrar nesse problema. Nenhum deles pôde resolvê-lo. Considerado do ponto de vista deles,

* Inata: que nasce com o indivíduo (N.E.).

que consiste em uma única existência para cada ser humano, o destino permanece incompreensível, o plano do universo se obscurece, a evolução pára, o sofrimento se torna inexplicável. O homem, levado a crer na ação das forças cegas e fatais, na ausência de toda justiça distributiva, cai insensivelmente no ateísmo e no pessimismo.

Pelo contrário, tudo se explica, tudo se esclarece pela doutrina das vidas sucessivas. A lei de justiça se revela nos menores detalhes da existência. As desigualdades que nos chocam resultam das diferentes situações vividas pelas almas nos seus graus infinitos de evolução. O destino do ser é apenas o desenvolvimento, no decorrer das idades, da longa série de causas e efeitos originados por seus atos. Nada se perde; os efeitos do bem e do mal se acumulam e germinam em nós até o momento favorável ao seu desabrochar. Às vezes, expandem-se com rapidez; outras, depois de longo período, transmitem-se, repercutem de uma existência para a outra, dependendo do momento em que são ativados ou retardados pelas influências do ambiente; mas nenhum desses efeitos pode desaparecer por si mesmo. Apenas a reparação pode extingui-los.

Cada um leva para a outra vida e traz, ao nascer, a semente do passado. Essa semente, de acordo com a sua natureza, para nossa felicidade ou infelicidade, irá espalhar seus frutos sobre a nova vida que começa e até mesmo sobre as sucessivas, se uma única existência não for suficiente para desfazer as conseqüências más de nossas vidas anteriores. Ao mesmo tempo, nossos atos de cada dia, fonte de novos efeitos, vêm juntar-se às causas antigas, atenuando-as ou agravando-as e formando com elas um encadeamento de bens ou de males que, em seu conjunto, irão compor a trama de nosso destino.

Assim, nenhuma penalização ou recompensa moral, tão insuficientes e às vezes tão inúteis, quando examinadas do ponto de vista de uma única vida, reconhecem-se absolutas e perfeitas na sucessão de nossas existências. Há uma relação íntima entre nossos atos e nosso destino. Sofremos em nós mesmos, em nosso ser interior e nos acontecimentos de nossa vida, a repercussão dos nossos atos. Nossa atividade, sob todas as formas, é criadora de elementos bons ou maus, de efeitos próximos ou distantes que recairão sobre nós como chuva, tempestade ou alegre claridade. O homem constrói seu próprio futuro. Até aqui, na sua incerteza, na sua ignorância, ele o construiu às cegas e aceitou a sua sina sem poder explicá-la. Muito em breve, quando estiver mais esclarecido, compenetrado da majestade das



leis superiores, o homem compreenderá a beleza da vida que resulta do esforço corajoso e dará à sua obra um impulso mais nobre e mais elevado.

*

A variedade infinita das aptidões, das faculdades ou dons, dos caracteres, explica-se facilmente, dizíamos. Nem todas as almas têm a mesma idade; nem todas subiram com o mesmo passo seus estágios evolutivos. Um percorreram uma carreira imensa e já se aproximaram do apogeu do progresso terrestre; outras começam com dificuldade seu ciclo de evolução no seio da humanidade. Estas são as almas jovens, originadas há menos tempo do foco eterno, inesgotável, de onde saem incessantemente feixes de inteligências que descerão ao mundo da matéria para animar as formas rudimentares da vida. Quando chegarem à humanidade, tomarão lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que ocupam os continentes atrasados, as regiões deserdadas do globo. E quando, enfim, penetrarem em nossas civilizações, ainda serão reconhecidas, facilmente, pela falta de desembaraço, de jeito, pela sua incapacidade para todas as coisas, e, principalmente, por suas paixões violentas, por seus gostos sanguinários e às vezes até mesmo por sua ferocidade. Mas essas almas não-evoluídas subirão, por sua vez, a escala das graduações infinitas por meio de inúmeras reencarnações.

Um outro elemento do problema é a liberdade de ação do espírito. Para alguns, é permitido que demorem na via de evolução, que percam, sem cuidado com o verdadeiro objetivo da existência, tantas horas preciosas à procura de riquezas e de prazer. A outros, é permitido se apressarem a trilhar os caminhos árduos e alcançar rapidamente o auge do pensamento, se preferem em vez das seduções da matéria, a posse dos bens do espírito e do coração. Pertencem a esse grupo os sábios, os gênios e os santos de todos os tempos e de todos os países, os nobres mártires das causas generosas e os que consagraram vidas inteiras para acumular, no silêncio dos claustros, das bibliotecas e dos laboratórios, os tesouros da ciência e da sabedoria humana.

Todas as correntes do passado encontram-se, juntam-se e confundem-se em cada vida. Contribuem para fazer a alma generosa ou mesquinha, brilhante ou obscura, poderosa ou miserável. Entre a maior parte de nossos contemporâneos, essas correntes só conseguem fazer almas indiferentes, incessantemente sacudidas entre os sopros do bem e do mal, da verdade e do erro, da paixão e do dever.



Assim, no encadeamento de nossas etapas terrestres, continua e completa-se a obra grandiosa de nossa educação, a lenta edificação de nossa individualidade, de nossa personalidade moral. É por essa razão que a alma deve encarnar sucessivamente nos meios mais diversos, em todas as condições sociais, passar alternadamente pelas provas da pobreza e da riqueza, aprender a obedecer e depois comandar. Precisa das vidas obscuras, de trabalho e de privações para aprender a renunciar às vaidades materiais, a desapegar-se das coisas frívolas, a ter paciência, a conquistar a disciplina do espírito. Precisa das existências de estudo, das missões de dedicação, de caridade, pelas quais a inteligência se esclarece e o coração se enriquece de novas qualidades. Depois, virão as vidas de sacrifício, sacrifício pela família, pela pátria, pela humanidade. Também serão necessárias a prova cruel, fornalha onde se fundem o orgulho e o egoísmo, e as etapas dolorosas que são o resgate do passado, a reparação de nossas faltas, a forma pela qual a lei de justiça se cumpre. O espírito retempera-se, aperfeiçoa-se, purifica-se na luta e no sofrimento. Ele volta a expiar no próprio meio onde se tornou culpado. Acontece que, às vezes, as provas fazem de nossa existência um calvário, mas esse calvário é uma subida que nos aproxima dos mundos felizes.

Portanto, não existe fatalidade. É o homem, por sua própria vontade, quem forja suas próprias cadeias; é quem tece, fio por fio, dia a dia, desde seu nascimento até a morte, a rede de seu destino. A lei de justiça, no fundo, não é nada mais do que a lei de harmonia. Ela determina as conseqüências dos atos que praticamos livremente. Não castiga nem recompensa, mas preside simplesmente à ordem, tanto do equilíbrio do mundo moral quanto do mundo físico. Todo dano causado à ordem universal acarreta causas de sofrimento e uma reparação necessária, até que, por meio dos cuidados do culpado, a harmonia violada seja restabelecida.

O destino não tem outra regra a não ser a do bem e a do mal praticados. Sobre todas as coisas, uma grande e poderosa lei exerce influência, em virtude da qual cada ser vivo no universo só pode desfrutar de uma situação que seja proporcional aos seus méritos. Nossa felicidade, apesar das aparências enganadoras, está sempre em relação direta com nossa capacidade para o bem. E essa lei encontra sua total aplicação nas reencarnações da alma; é ela que determina as condições de cada renascimento e traça as grandes linhas de nossos destinos. É por isso que os maus parecem felizes, enquanto os justos sofrem excessivamente. A hora da reparação soou para esses e, em breve, soará para os outros.



Associar nossos atos ao plano divino, agir de acordo com a natureza, no sentido da harmonia e para o bem de todos, é preparar nossa elevação, nossa felicidade. Agir no sentido contrário, fomentar a discórdia, incitar os apetites indecentes, trabalhar para si mesmo em detrimento dos outros, é semear para o futuro fermentos da dor, é nos colocar sob o domínio de influências que retardam nosso adiantamento e nos acorrentam por muito tempo aos mundos inferiores.

É isso o que é preciso dizer, repetir e fazer penetrar no pensamento, na consciência de todos, a fim de que o homem tenha um único objetivo: conquistar as forças morais, sem as quais sempre ficará incapaz de melhorar sua condição e a da humanidade! Fazendo conhecer os efeitos da lei de responsabilidade, demonstrando que as conseqüências de nossos atos recaem sobre nós no decorrer do tempo, assim como a pedra lançada ao ar volta a cair no solo, pouco a pouco os homens serão levados a conformar seus procedimentos com essa lei, a edificar a ordem, a justiça e a solidariedade no meio social.

*

Certas escolas espiritualistas combatem o princípio das vidas sucessivas e ensinam que a evolução da alma após a morte continua a efetuar-se unicamente no plano espiritual. Outras, mesmo admitindo a reencarnação, acreditam que ela se realiza em esferas mais elevadas; o regresso à Terra não lhes parece ser uma necessidade.

Aos partidários dessas teorias, lembraremos que a encarnação na Terra tem um objetivo: é o aperfeiçoamento do ser humano. Acontece que, dada a infinita variedade das condições da existência terrestre, seja em sua duração, seja em seus resultados, é impossível admitir que todos os homens possam atingir um mesmo grau de perfeição numa única vida. Daí a necessidade de reencarnações sucessivas, para adquirir as qualidades necessárias para ingressar em mundos mais avançados.

O presente só pode ser explicado pelo passado. Foi necessária uma série de renascimentos terrestres para que o homem atingisse a posição que atualmente ocupa, e não parece admissível que esse ponto de evolução seja definitivo para nossa esfera. Nem todos os seus habitantes estão em condições de se mudar depois da morte para sociedades mais perfeitas. Tudo, pelo contrário, indica a imperfeição de sua natureza e a necessidade de novos trabalhos, de novas provas, para lhes completar a educação e lhes permitir atingir um grau superior da escala dos seres.



Por todos os lugares a natureza procede com sabedoria, método e morosidade. Foram-lhe necessários muitos séculos para elaborar a forma humana. A civilização só conseguiu firmar-se após longos períodos de barbárie. A evolução física e mental, o progresso moral, são regidos por lei idênticas. Não é numa única existência que se completam. E por que ir procurar bem longe, em outros mundos, os elementos de novos progressos, quando os encontramos por toda parte ao nosso redor? Desde a selvageria até a civilização mais requintada, nosso planeta não oferece um vasto campo para o desenvolvimento do espírito? Os contrastes, as oposições que aí se apresentam, sob todas as formas, o bem e o mal, o saber e a ignorância, são outros tantos exemplos e ensinamentos, outras tantas causas de estímulo.

Renascer não é mais extraordinário do que nascer. A alma volta à carne para nela se submeter às leis da necessidade. As carências e as lutas da vida material são outros tantos incentivos que a obrigam ao trabalho, aumentam sua energia, temperam seu caráter. Tais resultados não poderiam ser obtidos numa vida livre no além por espíritos jovens, de vontade vacilante. Para avançar, precisam da privação do necessário e de numerosas encarnações, no curso das quais a alma vai se concentrar, se recolher, adquirir o vigor e o impulso indispensáveis para descrever mais tarde sua imensa trajetória no céu.

O objetivo das encarnações é, portanto, definitivamente a revelação da alma para si mesma ou, antes, a sua própria valorização por meio do desenvolvimento constante de suas forças, de seu conhecimento, de sua consciência, de sua vontade. A alma inapta, inexperiente e nova não pode adquirir consciência de si mesma a não ser pela condição de estar separada das outras almas, presa num corpo material. Ela constituirá, assim, um ser distinto que vai firmar a sua personalidade, ampliar sua experiência, acentuar a sua marcha progressiva na razão direta de seus esforços para triunfar das dificuldades e dos obstáculos que a vida terrestre lhe semeia debaixo dos pés.

As existências planetárias nos colocam em relação com toda uma ordem de coisas que constituem o plano inicial, a base de nossa evolução infinita; e estão em perfeita harmonia com nosso grau de evolução. Mas essa ordem de coisas e a série de vidas que com elas se relacionam, por mais numerosas que sejam, representam apenas uma fração ínfima da existência sideral, um instante na duração ilimitada de nossos destinos.



A passagem das almas terrestres para outros mundos efetua-se sob o regime de certas leis. Os globos que povoam o infinito diferem entre si por sua natureza e densidade. O envoltório fluídico das almas só pode adaptar-se a esses novos meios por condições especiais de purificação. É impossível para os espíritos atrasados, em sua vida de erraticidade*, penetrar nos mundos elevados e descrever suas belezas aos nossos médiuns. A mesma dificuldade se encontra, em grau maior, quando se trata da reencarnação nesses mundos. As sociedades que os habitam, por seu estado de superioridade, são inacessíveis à imensa maioria de espíritos terrestres, ainda muito grosseiros, insuficientemente evoluídos. Os sentimentos psíquicos desses últimos, muito pouco apurados, não lhes permitiriam viver da vida sutil que reina nessas esferas distantes. Lá, seriam como cegos na luz ou surdos em um concerto. A atração que encadeia seus corpos fluídicos ao planeta liga seu pensamento e sua consciência às coisas inferiores. Seu desejo, seu apetite, seu ódio, até mesmo seu amor, fazem com que voltem para este mundo e que se liguem ao objeto de sua paixão.

É preciso aprendermos inicialmente a desatar os laços que nos amarram à Terra, para em seguida levantarmos vôo para mundos mais avançados. Arrancar as almas terrestres do seu meio antes de terem alcançado a evolução especial para esse meio, fazê-los transmigrar para esferas superiores, antes da realização do progresso necessário, seria perder a lógica e o compasso. A natureza não procede dessa maneira. Sua obra se desenrola, majestosa e com harmonia, em todas as suas fases. Os seres cujas leis dirigem sua ascensão só abandonam o campo de ação em que vivem após terem adquirido as virtudes e as potências capazes de dar acesso a um domínio mais elevado da vida universal.

*

A quais regras o retorno da alma à carne está sujeito? Às regras da atração e da afinidade. Quando um espírito encarna, é atraído para um meio de acordo com suas tendências, seu caráter, seu grau de evolução. As almas seguem umas às outras e encarnam em grupos. Elas constituem famílias espirituais, cujos membros são unidos por laços ternos e fortes, contraídos durante existências percorridas em comum. Às vezes esses espíritos

* Erraticidade: período em que o Espírito desencarnado, no plano espiritual, aguarda uma nova oportunidade para reencarnar. Leia sobre o assunto em *O Livro dos Espíritos*, parte segunda, capítulo 6 (N.E.).



ficam afastados uns dos outros temporariamente e mudam de meio para adquirir novas aptidões. Assim se explicam, de acordo com os casos, as semelhanças e diferenças que caracterizam os membros de uma mesma família, filhos e pais. Mas sempre aqueles que se amam se reencontram, cedo ou tarde, tanto na Terra quanto no espaço.

A doutrina das reencarnações é acusada de arruinar a idéia de família, de inverter e confundir as situações que ocupam, em relação aos outros, os espíritos unidos por laços de parentesco; por exemplo, as relações de mãe para filho, de marido para mulher, etc. O contrário é que é a verdade. Na hipótese de uma única vida, os espíritos se dispersam depois de uma breve coabitação e, muitas vezes, tornam-se estranhos uns aos outros. De acordo com a doutrina católica, as almas permanecem, depois da morte, em lugares diferentes, conforme seus méritos, e os eleitos sempre são separados dos condenados. Assim, os laços de família e de amizade formados por uma vida passageira se afrouxam na maioria dos casos e até se rompem de vez, enquanto, pelo renascimento, os espíritos se reúnem de novo e prosseguem juntos em suas peregrinações pelos mundos. Sua união torna-se, assim, cada vez mais íntima e profunda.

Nossa ternura espontânea por certos seres deste mundo explica-se facilmente. Já os conhecíamos; já nos encontramos anteriormente. Quantos maridos, quantos amantes não estão ligados por inúmeras existências percorridas a dois! Seu amor é indestrutível, pois o amor é a força das forças, o laço supremo que nada pode destruir.

As condições da reencarnação são de tal modo que nossas situações são raramente invertidas. Quase sempre nossos graus respectivos de parentesco são mantidos. Algumas vezes, em caso de impossibilidade, um filho poderá se tornar o irmão mais jovem do seu pai de outrora, uma mãe poderá renascer como a irmã mais velha de seu filho. Em casos excepcionais e somente a pedido dos interessados, as situações podem ser invertidas. Os sentimentos de delicadeza, de dignidade, de respeito mútuo que sentimos na Terra não podem ser desconhecidos no mundo espiritual. Para admitir isso, seria preciso ignorar a natureza das leis que regem a evolução das almas.

O espírito adiantado, cuja liberdade aumenta em proporção à sua evolução, escolhe o meio em que quer renascer, enquanto o espírito atrasado é impelido por uma força misteriosa a que obedece instintivamente; mas todos são protegidos, aconselhados, amparados na passagem da vida da erraticidade para a existência terrestre, mais dolorosa, mais temível que a morte.



A união da alma ao corpo se efetua por meio do envoltório fluídico, o perispírito*, de que muitas vezes temos falado. Sutil por natureza, ele servirá de laço entre o espírito e a matéria. A alma está presa ao gérmen** por “este mediador plástico***”, que vai se retrair, se condensar cada vez mais, por meio das fases progressivas da gestação, e formar o corpo físico. Desde a concepção até o nascimento, a fusão se opera lentamente, fibra por fibra, molécula por molécula. Pelo afluxo crescente dos elementos materiais e da força vital fornecidos pelos pais, os movimentos vibratórios do perispírito da criança em gestação vão diminuir e se reduzir, ao mesmo tempo em que as faculdades da alma, a memória e a consciência desaparecem e aniquilam-se. É a essa redução das vibrações fluídicas do perispírito, até o seu envolvimento na carne, que se deve atribuir a perda da memória das vidas anteriores. Um véu cada vez mais espesso envolve a alma e apaga suas radiações interiores. Todas as impressões de sua vida espiritual e do seu longo passado voltam às profundezas do inconsciente. Elas só surgirão nas horas de exteriorização ou por ocasião da morte, quando o espírito, ao recuperar a plenitude de seus movimentos vibratórios, evocar o mundo adormecido de suas lembranças.

O papel do duplo fluídico, o perispírito, é considerável; explica, desde o nascimento até a morte, todos os fenômenos vitais. Possuindo em si os traços eternos de todos os estados do ser desde sua origem, transmite-lhe a impressão, dá os traços essenciais ao gérmen material. Está aí a chave dos fenômenos embriogênicos****.

Durante o período de gestação, o perispírito impregna-se de fluido vital e se materializa o suficiente para se tornar o regulador de energia e o suporte dos elementos fornecidos pelos pais. Constitui, assim, um tipo de esboço, de rede fluídica permanente, por meio da qual passará a corrente de matéria que destrói e reconstitui incessantemente, durante a vida, o organismo terrestre. Será a armação invisível que sustenta interiormente a estátua humana. Graças a ele, a individualidade e a memória irão se conservar e se perpetuar no plano físico, apesar das sucessivas transformações da parte mutável e móvel do ser. E vai assegurar,

* Perispírito: substância semimaterial que serve de envoltório ao espírito e liga a alma ao corpo (N.E.).

** Gérmen: rudimento de um novo ser (N.E.).

*** Plástico: que tem propriedade de adquirir determinadas formas por efeito de uma ação exterior (N.E.).

**** Embriogênico: relativo a embriogenia, ou seja, produção ou origem do embrião (N.E.).



do mesmo modo, a lembrança dos fatos da existência presente, recordações cujo encadeamento, do berço ao túmulo, nos fornece a certeza íntima de nossa identidade.

A incorporação da alma não se dá de súbito, no momento do nascimento, como certas doutrinas afirmam; ela é gradual e só se completa e se torna definitiva na saída da vida uterina. Nesse momento, a matéria encerra completamente o espírito, que deverá vivificá-la pela ação das faculdades adquiridas. Longo será o período de desenvolvimento, durante o qual a alma se ocupará em moldar seu novo envoltório, em acomodá-lo às suas necessidades, em fazer dele um instrumento capaz de manifestar suas potências íntimas. Mas nessa obra será assistida por um espírito preposto à sua guarda, que cuida dela, que a inspira e a guia durante toda a sua peregrinação terrestre. E todas as noites, durante o sono, e muitas vezes até durante o dia, no período infantil, o espírito se desprenderá de sua forma carnal, retornará ao espaço, a fim de obter forças e encorajamento para, em seguida, descer de novo ao corpo e retomar o difícil curso da existência.

*

Antes de entrar novamente em contato com a matéria e começar uma nova carreira, o espírito, como dissemos, deve escolher o meio em que vai renascer na vida terrestre. Mas essa escolha é limitada, circunscrita, determinada por causas múltiplas. Os antecedentes do ser, suas dívidas morais, suas afeições, seus méritos e suas faltas, o papel que está apto a desempenhar, todos esses elementos intervêm na orientação da vida em preparação. Daí a preferência por tal raça, tal nação, tal família. As almas terrestres que amamos nos atraem. Os laços do passado reatam-se em filiações, alianças, novas amizades. Até mesmo os lugares exercem sobre nós sua misteriosa atração, e é raro que o destino não nos leve de novo muitas vezes às regiões onde já vivemos, amamos, sofremos. Os ódios também são forças que nos aproximam de nossos inimigos de outrora, a fim de apagarmos, por meio de melhores relações, velhas inimizades. Assim, encontramos outra vez em nosso caminho a maioria daqueles que fizeram nossa alegria ou nosso tormento.

O mesmo acontece com a adoção de uma classe social, com as condições de ambiente, com os privilégios da fortuna ou da saúde, com as misérias da pobreza. Todas essas causas tão variadas e tão complexas vão se combinar para garantir ao novo encarnado as satisfações, as vantagens ou as provações que convêm ao seu grau de evolução, seus méritos ou suas faltas e as dívidas contraídas por ele.



A partir disso, poderá se compreender quanto a escolha do meio é difícil. Na maioria das vezes nos é inspirada por inteligências superiores, ou então elas mesmas poderão fazê-lo, em proveito nosso, se não possuímos o discernimento necessário para adotar, com toda a sabedoria e previdência, os meios mais eficazes para impulsionar nossa evolução e resgatar nosso passado.

Entretanto, o interessado permanece livre para aceitar ou adiar a hora das reparações obrigatórias que lhe cabem. No momento de se ligar a um gérmen humano, quando a alma ainda possui toda sua lucidez, seu mentor mostra-lhe o panorama da existência que a espera; indica-lhe os obstáculos e os males que ele terá de enfrentar; faz-lhe compreender a utilidade desses obstáculos para desenvolver suas virtudes ou libertar-se dos seus vícios. Se a prova lhe parecer muito rude, se não se sentir suficientemente forte para afrontá-la, é permitido ao espírito recusar a reencarnação e procurar uma vida transitória que aumente suas forças morais e sua vontade.

Na hora das resoluções supremas, antes de descer de novo à carne, o espírito percebe, atinge o sentido geral da vida que vai começar. Ele a vê aparecer em suas grandes linhas, em seus fatos culminantes, sempre modificáveis, entretanto, por sua ação pessoal e o uso de seu livre-arbítrio, porque a alma é senhora dos seus atos. Mas, desde que ela decidiu, desde que o laço se consolidou e a incorporação se iniciou, tudo se apaga, tudo desaparece. A existência vai se desenrolar com todas as suas conseqüências previstas, aceitas, desejadas, sem que nenhuma intuição do futuro permaneça na consciência normal do ser encarnado. O esquecimento é necessário durante a vida material. O conhecimento antecipado dos acontecimentos infelizes que não de surgir, a previsão dos males ou das catástrofes que nos esperam, paralisariam nossos esforços, suspenderiam a nossa marcha para a frente.

Quanto à escolha do sexo, também é a alma que resolve previamente e pode até mesmo variar de uma encarnação para outra por um ato de sua vontade criadora, modificando as condições orgânicas do perispírito. Certos pensadores admitem que a alternância dos sexos é necessária para que se possa adquirir virtudes mais especiais, dizem eles, de cada uma das metades do gênero humano; por exemplo, no homem, a vontade, a firmeza, a coragem; na mulher, a ternura, a paciência, a pureza.

Acreditamos, de acordo com as instruções de nossos mentores espirituais, que a mudança de sexo, sempre possível para o espírito, é, em princípio, inútil e perigosa. Os espíritos elevados



a desaconselham. É fácil reconhecer, à primeira vista, ao nosso redor, as pessoas que, em uma existência anterior, tinham adotado um sexo diferente; são sempre, de algum ponto de vista, excêntricas, anormais. As viragos*, de caráter e gostos masculinos, algumas das quais apresentam o traço dos atributos do outro sexo, como, por exemplo, barba no mento**, são, evidentemente, homens reencarnados. Elas não têm nada de estético nem de sedutor. O mesmo acontece com homens efeminados, que têm todas as características das filhas de Eva e são aparentemente deslocados na vida. Quando um espírito se habituou com um sexo, não é bom para ele sair do que se tornou a sua natureza.

Muitas almas juntam-se em pares e se propõem a evoluir, unidas para sempre, tanto na alegria como na dor. São chamadas de almas irmãs; o seu número é mais considerável do que geralmente se crê. Realizam a forma mais completa e mais perfeita da vida e do sentimento, e dão às outras almas o exemplo de um amor fiel, inalterável, profundo; podem ser reconhecidas por essa característica. O que seria de sua afeição, sua relação, seu destino, se a mudança de sexo fosse uma necessidade, uma lei? Entendemos antes que, pelo próprio fato da ascensão geral, os nobres caracteres e as altas virtudes irão se multiplicar nos dois sexos ao mesmo tempo. Finalmente, nenhuma qualidade será a característica de um sexo isolado, mas o atributo dos dois.

Há apenas um único ponto de vista em que se poderia considerar a mudança de sexo como um ato imposto pela lei de justiça e de reparação: quando maus-tratos ou graves danos infligidos a pessoas de um sexo atraem para esse mesmo sexo os espíritos responsáveis, para assim resgatarem, por sua vez, os efeitos das causas a que deram origem. Mas a pena de talião*** não rege de maneira absoluta o mundo das almas, como veremos mais adiante: existem mil formas de fazer a reparação e de eliminar as causas do mal. A cadeia onipotente**** das causas e dos efeitos se desenrola em mil anéis diversos.

Talvez alguém possa alegar que seria absurdo obrigar metade dos espíritos a evoluir num sexo mais fraco e na maioria das vezes oprimido, humilhado, sacrificado por uma organização social ainda bárbara. Podemos responder que esse estado de

* Virago: mulher masculinizada (N.E.).

** Mento: região abaixo do lábio inferior do rosto (N.E.).

*** Pena de talião: forma antiga de castigar os criminosos, fazendo-os sofrer a mesma ação que haviam praticado (N.E.).

**** Onipotente: que tem o poder absoluto. Que tudo pode. Deus é onipotente (N.E.).



coisas tende a desaparecer dia após dia, para dar lugar a uma maior igualdade. É pelo aperfeiçoamento moral e social da sólida educação da mulher que a humanidade irá se levantar. Quanto às dores do passado, sabemos que não ficam perdidas. O espírito que sofreu as injustiças sociais colhe, por força da lei de equilíbrio e compensação, o resultado das provas pelas quais passou. O espírito feminino, dizem-nos os mentores, sobe com um vôo mais alto para a perfeição.

O papel da mulher é imenso na vida dos povos. Irmã, esposa ou mãe é a grande consoladora e a doce conselheira. Pelo filho, ela tem o porvir e prepara o homem do futuro. Por isso, as sociedades que a rebaixam, rebaixam a si mesmas. É a mulher respeitada, honrada e esclarecida que faz a família forte e a sociedade grande, moral, unida!

*

Certas atrações são temíveis para as almas que aguardam o renascimento. Por exemplo, as famílias de alcoólatras, de devassos, de dementes. Como conciliar a noção de justiça com a encarnação dos seres nesses meios? Não há aí, em jogo, razões psíquicas profundas e ocultas, e as causas físicas não são uma simples aparência? Vimos que a lei de afinidade aproxima os seres parecidos. Todo um passado de culpas arrasta a alma atrasada para grupos que apresentam semelhanças com seu próprio estado fluídico e mental, estado que ela criou por seus pensamentos e ações.

Não há, nesses casos, lugar para a arbitrariedade ou o acaso. É o mau uso prolongado de seu livre-arbítrio, a procura constante de resultados egoístas ou maléficos que atraem a alma para pais semelhantes a si. Eles lhe fornecem materiais em harmonia com seu organismo fluídico, impregnados das mesmas tendências grosseiras, próprios para a manifestação dos mesmos apetites, dos mesmos desejos. Uma nova existência se abrirá, novo degrau de queda para o vício e para a criminalidade. É a descida para o abismo.

Senhora de seu destino, a alma deve passar pelo estado de coisas que preparou, que escolheu. Entretanto, depois de ter feito de sua consciência um antro tenebroso, um covil do mal, deverá transformá-la em templo de luz. As faltas acumuladas farão nascer sofrimentos mais vivos; as encarnações irão se suceder mais difíceis, mais dolorosas; o círculo de ferro irá se apertar até que a alma, triturada pela engrenagem das causas e dos efeitos por ela criados, compreenda a necessidade de reagir contra suas tendências, de vencer suas más paixões e de mudar de caminho.



Desde então, por pouco que o arrependimento a toque, ela sentirá nascer forças, impulsos novos que a levarão para lugares mais puros. Nesses lugares irá sentir forças, elementos mais apropriados para sua obra de reparação e renovação. Passo a passo, serão feitos progressos. Na alma arrependida e enternecida, raios e energias irão penetrar, e desejos desconhecidos, necessidade de ação útil, de devotamento, irão despertar. Essa lei de atração que a impelia para as últimas camadas sociais reverterá em seu benefício e se tornará o instrumento de sua regeneração.

Entretanto, a elevação não será fácil; a ascensão não se realizará sem dificuldades. As faltas, os erros cometidos repercutem como causas de obstáculos nas vidas futuras. O esforço deverá ser tanto mais enérgico e prolongado quanto mais pesadas forem as responsabilidades, quanto mais extenso tiver sido o período de resistência e persistência no mal. Na difícil subida, o passado dominará por muito tempo o presente e seu peso fará curvar mais de uma vez os ombros do caminhante. Mas, do alto, mãos piedosas se estenderão para ele e o ajudarão a transpor as passagens mais difíceis. *“Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por cem justos que perseveram*.”*

Nosso futuro está em nossas mãos e as nossas facilidades para o bem aumentam na razão direta de nossos esforços para praticá-lo. Toda vida nobre e pura, toda missão superior são o resultado de um imenso passado de lutas, de derrotas sofridas, de vitórias ganhas contra nós mesmos, o término de trabalhos longos e pacientes, o acúmulo de frutos de ciência e caridade colhidos, um a um, no decorrer da idade. Cada faculdade brilhante, cada virtude sólida têm necessidade de existências múltiplas de trabalho obscuro, de combates violentos entre o espírito e a carne, a paixão e o dever. Para chegar ao talento, ao gênio, o pensamento teve de amadurecer lentamente no decorrer dos séculos. O campo da inteligência, penosamente desbravado, deu a princípio apenas fracas colheitas, e só depois, pouco a pouco, vieram as searas cada vez mais ricas e abundantes.

Em cada regresso ao espaço estabelece-se o balanço dos lucros e das perdas; os progressos são avaliados e firmados. O ser se examina e se julga. Ele analisa minuciosamente sua história recente, escrita em si mesmo; passa em revista os frutos de experiência e sabedoria que sua última vida lhe proporcionou, para assinalar-lhes mais profundamente a substância. A vida no além é para o espírito em evolução o período de exame, de

* Evangelho de Lucas 15:7 (N.E.).



recolhimento, no qual as faculdades, depois de terem sido gastas no exterior, refletem-se, aplicam-se ao estudo íntimo, ao interrogatório da consciência, ao inventário rigoroso do que há na alma de belo ou de feio. A vida do espaço é a forma necessária e perfeita da terrestre, vida de equilíbrio, em que as forças se reconstituem, em que as energias se retemperam, em que os entusiasmos se reanimam e o ser se prepara para as tarefas futuras. É o descanso depois do trabalho, a calma depois da tormenta, a concentração tranqüila e serena depois da expansão ativa ou do conflito ardente.

*

Segundo os teósofos*, o retorno da alma à carne efetua-se a cada 1500 anos⁷. Essa teoria não é confirmada nem pelos fatos nem pelo testemunho dos espíritos. Estes, interrogados em grande número e em vários lugares, responderam que a reencarnação é muito mais rápida. As almas ávidas de progresso permanecem pouco tempo na erraticidade. Elas pedem o regresso à vida deste mundo para conquistar novos títulos, novos méritos. Possuímos sobre as existências anteriores de certa pessoa indicações recolhidas em pontos muito afastados uns dos outros, de médiuns que nunca se conheceram, indicações perfeitamente de acordo entre si. Elas demonstram que apenas 10, 20, 30 anos, quando muito, separaram sua vida terrestre. Em relação a isso, não há uma regra exata. As encarnações se aproximam ou se distanciam de acordo com o estado das almas, seu desejo de trabalho e de adiantamento, e as ocasiões favoráveis que lhes são oferecidas. No caso de morte precoce, por exemplo, de crianças muito novas, elas são algumas vezes imediatas.

Sabemos que o corpo fluídico se materializa ou se espiritualiza de acordo com a natureza dos pensamentos e das ações do espírito. As almas viciosas, por suas tendências, atraem para si fluidos impuros, que tornam mais espesso seu envoltório e lhes diminuem as radiações. Quando morrem, não podem elevar-se além das nossas regiões e permanecem confinadas na atmosfera ou misturadas com os humanos. Se persistem no mal, a atração planetária torna-se tão poderosa que lhes apressa a reencarnação.

Quanto mais material e grosseiro for o espírito, mais a lei de gravidade tem influência sobre ele. O fenômeno inverso se

* Teósofo: seguidor dos preceitos da teosofia, doutrina espiritualista ligada ao lamaísmo e ao budismo, dos quais tirou seus principais conceitos (N.E.).

7 - Os livros teosóficos, diz Annie Besant, concordam em reconhecer que "um período médio de 15 séculos separa as reencarnações" (*La reincarnation - A reencarnação*).



produz nos espíritos puros, cujo perispírito radioso vibra com todas as sensações do infinito, os quais encontram nas regiões etéreas meios apropriados à sua natureza e ao seu estado de progressão. Quando atingem um grau superior, esses espíritos prolongam cada vez mais sua estada no espaço; as vidas planetárias serão para eles a exceção; a vida livre se tornará a regra, até que a soma das perfeições os liberte para sempre da servidão do renascimento.





2

AS VIDAS SUCESSIVAS. – PROVAS EXPERIMENTAIS. – RENOVAÇÃO DA MEMÓRIA

Nas páginas anteriores, expusemos as razões lógicas que prevalecem em favor da doutrina das vidas sucessivas. Consagramos este capítulo e os seguintes a contestar as objeções de seus opositores e abordaremos o conjunto das provas científicas que, todos os dias, vêm consolidá-la.

A objeção mais comum é esta: se o homem já viveu, pergunta-se, por que não se lembra de suas existências passadas? Já indicamos resumidamente a causa fisiológica desse esquecimento. Essa causa é o próprio renascimento, ou seja, a ação de revestir um novo organismo, um envoltório material que, ao se sobrepor ao invólucro fluídico, faz, a seu respeito, o papel de um apagador. Em consequência da diminuição de seu estado vibratório, o espírito, a cada vez que toma posse de um novo corpo, de um cérebro virgem de toda imagem, encontra-se na impossibilidade de exprimir as lembranças acumuladas de suas vidas anteriores. Seus antecedentes, é verdade, ainda se revelarão em suas aptidões, na facilidade de aprendizagem, nas qualidades e nos defeitos. Mas todas as particularidades dos fatos, dos acontecimentos que constituem seu passado, reintegrado nas profundezas da consciência, ficarão veladas na vida terrestre. O espírito, no estado de vigília, só poderá exprimir pela forma de linguagem as impressões registradas por seu cérebro material.

A memória é o encadeamento, a associação das idéias, dos fatos, do conhecimento. Quando essa associação desaparece, quando o fio das lembranças se rompe, o passado parece se apagar para nós. Mas só na aparência. Num discurso pronunciado no



dia 6 de fevereiro de 1905, O professor Charles Richet*, da academia de medicina, dizia: *“A memória é uma faculdade implacável de nossa inteligência, pois nenhuma de nossas percepções jamais é esquecida. Quando um fato nos impressiona os sentidos, então ele se fixa irrevogavelmente na memória. Pouco importa que tenhamos guardado a consciência dessa lembrança; ela existe, é indestrutível”*.

Acrescentamos que ela pode ressurgir. O despertar da memória é apenas um efeito de vibração produzido pela ação da vontade nas células do cérebro. Para fazermos reviver as lembranças anteriores ao nascimento, é preciso que nos coloquemos de novo em harmonia de vibrações com o estado dinâmico em que nos achávamos na época em que houve a percepção. Não existindo os cérebros que registraram essas percepções, então é preciso procurá-las na consciência profunda. Mas essa consciência permanece calada enquanto o espírito está preso na carne. Ele deve sair dela e se separar do corpo a fim de recuperar a plenitude de suas vibrações e reaver o fio das lembranças nele ocultas. Então percebe seu passado e pode reconstituí-lo nos mínimos fatos. É o que ocorre nos fenômenos do sonambulismo e do transe.

Sabemos que há em nós profundezas misteriosas onde se foram depositando lentamente, no decorrer das idades, os sedimentos de nossas vidas de luta, de estudo e de trabalho; ali se gravam todos os incidentes, todas as alternativas e lances do passado obscuro. É como um oceano de coisas adormecidas mansamente nas ondas do destino. Um apelo poderoso da vontade pode fazê-las reviver. A vista do espírito, nas horas de clarividência**, desce para elas, assim como as radiações das estrelas passam das profundezas galácticas até debaixo das abóbadas e das arcadas dos recantos ocultos do mar.

*

Recordemos aqui os pontos essenciais da teoria do “eu”, à qual estão ligados todos os problemas da memória e da consciência.

A identidade do “eu” e a personalidade só persistem e se mantêm pela lembrança e pela consciência. As recordações, as

* Charles Richet (1850 – 1935): notável médico fisiologista francês (Prêmio Nobel de 1913), que por sua inteligência prestou grande serviço à ciência (N.E.).

** Clarividência: dom que possibilita às pessoas ver os espíritos e o ambiente espiritual em que eles se encontram (N.E.).



intuições, as aptidões determinam a sensação de haver vivido. Na inteligência, existe uma continuidade, uma sucessão de causas e de efeitos que é preciso reconstituir na sua totalidade para possuir o conhecimento integral do “eu”. Isso, como vimos, é impossível na vida material, uma vez que a incorporação produz uma extinção temporária dos estados de consciência que formam esse conjunto contínuo. Assim como a vida física está sujeita às alternâncias da noite e do dia, também se produz um fenômeno semelhante na vida do espírito. Nossa memória e nossa consciência atravessam alternadamente períodos de eclipse ou de esplendor, de sombra ou de luz, no estado espiritual ou terrestre, e até mesmo nesse último plano, durante a vigília ou nos diferentes estados do sono. E assim como há gradações no eclipse, também há graus de luz.

Muitos sonhos não deixam nenhum vestígio ao despertar, como também acontece no sono sonambúlico. Todos os magnetizadores* sabem que o esquecimento, ao despertar, é um fenômeno constante nos sonâmbulos. Mas, desde que o espírito do indivíduo entre novamente no sono e se encontre de novo nas condições dinâmicas que permitam a renovação das lembranças, essas se reavivam. O indivíduo se lembra do que fez, do que disse, do que viu e exprimiu em todas as épocas de sua existência.

Dessa forma podemos compreender o porquê do esquecimento das vidas anteriores. É que a situação do perispírito, unido então ao corpo em que está encarnado, é muito fraca, de pouca intensidade e sem a necessária independência para que essas lembranças possam se expressar livremente enquanto está acordado.

Na realidade, a memória não passa de uma modalidade da consciência. A lembrança está, muitas vezes, em estado subconsciente. Já no círculo restrito da vida atual, não conservamos a recordação de nossos primeiros anos, que está, contudo, gravada em nós, assim como todos os estados percorridos no decurso de nossa história. O mesmo acontece com um grande número de atos e de fatos que pertencem aos outros períodos da vida. Gassendi**, dizem, lembrava-se da idade de 18 meses; mas isso é uma exceção. O esforço mental é necessário para

* Magnetizadores: nesse caso, hipnotizadores (N.E.).

** Pierre Gassendi (1592–1655): filósofo materialista francês. Defensor da vida libertina e do sensualismo, pela qual se atinge o prazer, a cultura do espírito e a virtude, conforme teoria do filósofo grego Epicuro (341–270 a.C.), de quem era seguidor (N.E.).



reavivar essas recordações da vida normal, a que nos é mais familiar; necessária, repetimos, para novamente colher mil coisas estudadas, aprendidas e esquecidas, pois baixaram às camadas profundas da memória.

A cada instante a inteligência deve procurar na subconsciência os conhecimentos, as recordações que quer reavivar; ela se esforça para fazê-los passar para a consciência física, para o cérebro concreto, depois de tê-los provido dos elementos vitais fornecidos pelos neurônios ou células nervosas. De acordo com a riqueza ou a pobreza desses elementos, a lembrança surgirá clara ou nebulosa; às vezes se esquiva; a comunicação não pode estabelecer-se, ou então a projeção produz-se somente mais tarde, no momento em que menos se espera.

Portanto, para recordar, a primeira das condições é querer. Isso explica por que muitos espíritos, mesmo na vida espiritual, sob o domínio de certos preconceitos doutrinários, desprezam toda pesquisa e permanecem ignorantes do passado que neles dorme. Nesse meio, assim como entre nós, no decorrer da experimentação, uma sugestão é necessária. Vemos essa lei da sugestão se manifestar por todas as partes, sob mil formas; estamos sujeitos à sua ação a cada instante do dia. Por exemplo, perto de nós um canto se eleva, ressoa uma palavra, um nome, uma imagem nos choca e eis que, de repente, graças à associação de idéias, todo um encadeamento de recordações confusas, quase esquecidas, dissimuladas nas camadas profundas de nossa consciência, desenrola-se em nosso espírito.

Períodos inteiros de nossa vida presente podem se apagar da memória. Em seu livro *Les phénomènes psychiques (Os fenômenos psíquicos)*, o doutor J. Maxwell* fala nos seguintes termos do que chama casos de amnésia:

“Algumas vezes até desaparece a noção de personalidade. Há doentes que, subitamente, esquecem o próprio nome. Toda a sua vida se apaga e eles parecem voltar ao estado em que estavam quando nasceram. Eles devem reaprender a falar, a se vestir e a comer. Algumas vezes a amnésia não é tão completa. Pude observar um doente que havia esquecido tudo o que tinha ligação com sua personalidade. Ele ignorava absolutamente tudo o que havia feito, não sabia mais onde tinha nascido, quem eram seus pais. Tinha cerca de 30 anos. A memória orgânica e as

* J. Maxwell: doutor em medicina, procurador-geral na Corte de Apelação de Paris (N.E.).



memórias organizadas fora da personalidade subsistiam. Ele podia ler, escrever, desenhar alguma coisa, tocar grosseiramente um instrumento. A amnésia nele era limitada a todos os fatos ligados à sua personalidade anterior.”

A guerra multiplicou esses casos e pudemos constatar isso nos jornais.

O doutor Pitre, reitor da Faculdade de Medicina de Bordéus, em seu livro *L'hystérie et l'hypnotisme (Histeria e hipnotismo)* cita um caso que demonstra que todos os fatos e conhecimentos registrados em nós desde a infância podem renascer; é o que ele chama de fenômeno da ecmnésia*. O indivíduo, uma jovem de 17 anos, falava só francês e havia esquecido o dialeto gascão**, idioma de sua juventude. Adormecida e transportada pela sugestão à idade de 5 anos, ela não mais entendia o francês e só falava o dialeto. Contava as menores particularidades de sua infância, que se apresentavam perfeitamente nítidas, mas não respondia às questões feitas, pois não compreendia mais a língua em que lhe falavam. Havia esquecido todos os fatos de sua vida que se haviam desenrolado entre 5 e 17 anos.

O doutor Burot fez experiências idênticas. Sua paciente Joana foi transportada por ele, mentalmente, a diferentes épocas de sua juventude e, em cada período, os incidentes de sua existência se desenhavam com precisão em sua memória, mas todo fato que havia ocorrido após a época lembrada se apagava. Era possível seguir, em escala descendente, os progressos de sua inteligência. Quando atingiu a idade de 5 anos, verificou-se que mal sabia ler; escrevia como fazia naquela idade, de uma maneira atrapalhada, com os erros de grafia que costumava cometer naquela época⁸.

Todas essas narrativas foram comprovadas. Os sábios que citamos dedicaram-se a minuciosas pesquisas; puderam constatar a exatidão dos fatos relatados pelos indivíduos, fatos que estavam apagados da memória no estado normal.

Vamos ver que, por um encadeamento lógico e rigoroso, esses fenômenos nos conduzem à possibilidade de despertarmos experimentalmente, na parte permanente do ser, as lembranças

* Ecmnésia: perturbação da memória que causa o esquecimento dos fatos recentes, mas conserva perfeita lembrança dos antigos (N.E.).

** Dialeto gascão: dialeto da Gasconha-França (N.E.).

8 - Doutores Bourru e Burot. *Les changements de la personnalité (As mudanças da personalidade)*. Biblioteca Científica Contemporânea, 1887.



anteriores ao nascimento. Verificaremos isso nas experiências de F. Colavida*, E. Marata**, coronel De Rochas***, etc.

O estado de febre, o delírio, o sono anestésico, provocando a separação parcial da alma e do corpo, também podem abalar, dilatar as camadas profundas da memória e despertar conhecimentos e lembranças antigas. Todos se lembram, sem dúvida, do caso célebre de Ninfa Filiberto, de Palermo. Em sua febre, ela falava diversas línguas estrangeiras que havia esquecido há muito tempo. Eis outros fatos relatados por médicos:

O doutor Henri Frieborn⁹ cita o caso de uma mulher com 70 anos de idade que, gravemente doente, com bronquite, foi vítima de um delírio, de 13 a 16 de março de 1902:

*“Na noite de 13 para 14, percebeu-se que ela falava uma língua desconhecida das pessoas que a rodeavam. Parecia, às vezes, que recitava versos; outras, que conversava. Repetiu diversas vezes a mesma composição em versos. Acabou-se por descobrir que a língua era a indostânica****.*

Na manhã do dia 14, o indostânico começou a se misturar com um pouco de inglês; ela conversava dessa maneira com parentes e amigos de infância, ou então falava deles. No dia 15, o indostânico havia desaparecido, e a doente dirigia-se aos amigos que tinha conhecido mais tarde se servindo do inglês, do francês e do alemão. A senhora em questão havia nascido na Índia, de onde saiu com a idade de três anos, para morar na Inglaterra, onde chegou após quatro meses de viagem. Até o dia em que desembarcou na Inglaterra, ela havia sido confiada a serviços hindus e não falava nada de inglês.

É curioso constatar que após um período de 66 anos, durante o qual nunca mais havia falado o indostânico, o delírio lhe tinha lembrado essa linguagem de sua primeira infância. Atualmente, a doente fala com tanta facilidade o francês e o alemão quanto o

* Fernandez Colavida: pesquisador espírita espanhol, presidente do Grupo de Estudos Psíquicos de Barcelona (N.E.).

** Esteve Marata: pesquisador espírita espanhol, presidente da União Espírita da Catalunha, Espanha (N.E.).

*** Coronel A. de Rochas: engenheiro e matemático francês, coronel do exército de seu país. Notável pesquisador dos fenômenos espíritas e do magnetismo. Deixou publicadas várias obras de grande valor nas quais aborda as suas pesquisas, sempre tendo como base a sobrevivência da alma e os fenômenos anímicos. A propósito, a palavra anímico deriva de animismo, que é um fenômeno psíquico pelo qual a pessoa leva ao passado os próprios sentimentos, de onde recolhe as impressões de que se vê possuída (N.E.). 9 – Ver *Lancet*, de Londres, número de junho de 1902.

**** Indostânico: um dos idiomas falados na Índia (N.E.).



inglês; mas, ainda que conheça algumas palavras do indostânico, ela é absolutamente incapaz de falar essa língua ou até mesmo de formar uma única frase.”

Os *Annales des Sciences Psychiques* (Anais das Ciências Psíquicas), de março de 1906, registram um caso interessante de amnésia na vigília, relatado pelo doutor Gilbert-Ballet, do Hospital de Paris:

“Trata-se de um doente que, por causa de um choque violento, havia esquecido completamente um “trecho” de sua vida passada. Ele se lembrava muito bem de sua infância e de fatos bem distantes, mas havia se produzido uma lacuna numa parte de sua existência mais recente, e não conseguia se lembrar dos acontecimentos que se haviam passado nesse período de sua vida. É o que se chama de amnésia retrógrada. O doente chama-se Dada e tem 50 anos. Desde o dia 4 até o dia 7 de outubro último, existia em sua memória um vazio absoluto. Tendo deixado no dia 4 seus patrões, que o empregavam como jardineiro numa propriedade perto de Nevers, achou-se, no dia 7, sem saber como, em Liège*, junto às portas da exposição. De que maneira fez essa longa viagem? Ele não sabe e, apesar de todos os seus esforços, não consegue obter a mínima recordação.”*

Mas eis que esse doente foi mergulhado na hipnose e logo se reconstituíram todos os incidentes dessa viagem nos menores detalhes, incluindo a recordação das pessoas encontradas. O senhor Dada vivia sua quarta crise de amnésia nervosa. Ele se lembrou, adormecido, do que se esquecerera quando estava desperto simplesmente porque se encontrava de novo na condição anterior, ou seja, no estado pelo qual passava no momento de seu ataque de amnésia. Esse caso ainda nos coloca no rastro das leis e condições que regem os fenômenos de renovação da memória de vidas anteriores.

Em resumo, todo estudo do homem terrestre nos fornece a prova de que existem estados distintos de consciência e de personalidade. Vimos na primeira parte desta obra que a existência em nós de um “mental duplo”, no qual as duas partes se juntam e se fundem na morte, é atestada não somente pelo hipnotismo experimental, mas também por toda a evolução psíquica.

O simples fato dessa dualidade intelectual, considerada nas relações com o problema das encarnações, nos explica como

* Nevers e Liège: a primeira, cidade francesa. A segunda, cidade belga (N.E.).



toda uma parte do “eu”, com seu imenso cortejo de impressões e recordações antigas, pode permanecer imersa na sombra no decorrer da vida atual.

Sabemos que a telepatia, a clarividência, a previsão dos acontecimentos são poderes próprios do “eu” profundo e oculto. A sugestão facilita o seu exercício; é um apelo da vontade, um convite às almas fracas e incapazes de sair da prisão e entrar temporariamente mais uma vez na posse das riquezas, das potências que nela dormitam. Os passes magnéticos desfazem os laços que prendem a alma ao corpo físico e provocam o desprendimento. A partir daí a sugestão, pessoal ou estranha, começa a agir, ser exercida com mais intensidade. Sua ação não é somente aplicável ao despertar dos sentidos psíquicos; acabamos de ver que ela também pode reconstituir o encadeamento das recordações gravadas nas profundezas do ser.

Parece que, em certos casos excepcionais, essa ação pode ser exercida até mesmo no estado de vigília. F. Myers¹⁰ fala da faculdade do “subliminal”^{*} de evocar estados emocionais desaparecidos na consciência normal e de reviver o passado. Esse fato, diz ele, encontra-se freqüentemente nos artistas, cujas emoções rememoradas podem ultrapassar em intensidade as emoções originais.

O mesmo autor emite a opinião de que a teoria mais provável para explicar o gênio é a das reminiscências de Platão^{**}, com a condição de baseá-las nos dados científicos estabelecidos em nossos dias.

Esses mesmos fenômenos reaparecem com outra forma em uma ordem de fatos já assinalados. São as impressões de pessoas que sofreram acidentes, mas escaparam da morte. Por exemplo, afogados salvos antes da asfixia completa e outros que sofreram quedas graves. Muitos contam que entre o momento em que caíram e aquele em que perderam os sentidos, todo o espetáculo de sua vida se desenrolou em seu cérebro de uma

10 – F. Myers. *Personnalité humaine*.

* Subliminar ou subliminal: nesse caso, abaixo do limiar, abaixo de um patamar. Inferior. Em psicologia diz-se que um estímulo é subliminar quando não é suficientemente intenso para que dele o indivíduo tome conhecimento e que só à custa de muitas repetições é que se alcança o efeito desejado. É um dos recursos usados em propaganda (N.E.).

** Reminiscências de Platão: filosofia de Platão (350 a.C.), filósofo grego. Segundo seu conceito, é a lembrança que a alma guarda de uma vida anterior, junto aos deuses, na qual teve conhecimento da verdade e a visão direta das idéias, do ideal e do belo. Platão compreendia a idéia da reencarnação. Veja em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução (N.E.).



maneira automática, em quadros sucessivos e retrógrados, com uma rapidez vertiginosa, de segundos, acompanhada de um sentimento moral do bem e do mal, assim como da consciência das responsabilidades expostas.

T. Ribot, o líder do positivismo francês, em sua obra *Les maladies de la mémoire* (*As doenças da memória*), citou diversos fatos que estabelecem a possibilidade de despertar espontâneo, automático, de todas as cenas ou imagens que povoam a memória, particularmente em caso de acidente.

Lembremos, a esse respeito, o caso do almirante Beaufort, extraído do *Jornal de Medicina* de Paris¹¹. Ele caiu ao mar e perdeu durante dois minutos os sentidos. Esse tempo foi suficiente para que sua consciência transcendental resumisse toda a sua vida terrestre em quadros reduzidos, de uma nitidez prodigiosa. Todos os seus atos, inclusive as causas, as circunstâncias eventuais e os efeitos desfilaram em seu pensamento. Eis um caso da mesma natureza relatado pelo senhor Cottin, aeronauta:

“Em sua última ascensão, o balão Le Montgolfier levava o senhor Perron, presidente da academia de aerostação, como chefe, e F. Cottin, agente administrativo da Associação Científica Francesa.*

*“Tendo subido de um salto, o balão, às 16 horas e 24 minutos, elevava-se a 700 metros; foi então que ele furou e começou a descer mais rápido do que tinha subido, e caiu às 16 horas e 27 minutos na casa número 20 do beco do Cavaleiro, em Saint-Ouen. Após ter lançado fora tudo o que podia complicar o acidente, diz-nos o senhor Cottin¹², ‘uma espécie de quietação, de inércia, talvez, se apossou de mim; mil recordações distantes surgiam, chocavam-se diante de minha imaginação; depois as coisas se acentuavam e o panorama de minha vida se desenrolava diante de meu espírito atento. Tudo era exato: os castelos na Espanha**, as decepções, a luta pela existência, e tudo isso dentro do momento fatal imposto pelo destino... Quem acreditaria, por exemplo, que eu me vi de novo, com 20 anos, sargento no 22º de Linha, com mochila nas costas e cantando na estrada? Em menos de três minutos vi toda a minha vida desfilar diante de minha memória.’”*

11 – Ver *Personnalité humaine*, capítulo 11.

* Aerostação: ciência que estuda os balões e dirigíveis; balonismo (N.E.).

12 – Extraído de *Le Spiritisme et l'anarchie* (*O Espiritismo e a anarquia*), de J. Bouvery.

** Castelos na Espanha: expressão da língua francesa que corresponde ao nosso “castelos no ar”. Ilusões. Coisas irrealizáveis (N.E.).



Esses fenômenos podem ser explicados por um princípio de exteriorização. Nesse estado, assim como na vida espiritual, a subconsciência se une à consciência normal e reconstitui a consciência total, a plenitude do “eu”. Por um instante, a associação das idéias e dos fatos se restabelece; a cadeia das recordações se reata. O mesmo resultado pode ser obtido pela experimentação; mas o indivíduo, em sua pesquisa, deve ser ajudado por uma vontade superior à dele em poder, que se associe a ele e estimule seus esforços. Nos fenômenos de transe, esse papel é desempenhado, seja pelo espírito mentor, seja pelo magnetizador, cujo pensamento age sobre o indivíduo como uma alavanca.

As duas vontades combinadas, sobrepostas, adquirem então uma intensidade de vibrações que abalam e ativam as camadas profundas e mais ocultas do subconsciente.

*

Um outro ponto essencial deve prender a nossa atenção: é o fato, estabelecido por toda a ciência fisiológica, de que existe uma correlação íntima entre o físico e o mental do homem. A cada ação física corresponde um ato psíquico e vice-versa. Os dois se registram ao mesmo tempo na memória subconsciente de tal forma que um não pode ser evocado sem que o outro surja imediatamente. Essa concordância se aplica aos menores fatos de nossa existência integral, tanto em relação ao presente quanto em relação aos episódios de nosso passado mais antigo.

A compreensão desse fenômeno, pouco inteligível para os materialistas, nos é facilitada pela consciência do perispírito ou envoltório fluídico da alma. É nele que se gravam todas as nossas impressões, e não no organismo físico, composto de matéria fluente, incessantemente variável em suas células constitutivas.

O perispírito é o instrumento de precisão que registra com fidelidade absoluta as menores variações da personalidade. Todas as idéias do pensamento, todos os atos da inteligência têm nele a sua repercussão. Seus movimentos, seus estados vibratórios distintos deixam nele traços sucessivos e sobrepostos. Certos experimentadores compararam esse modo de registro a um cinematógrafo* vivo, sobre o qual se fixam sucessivamente nossas aquisições e recordações. Ele se desenrolaria por uma espécie de desencadeamento ou abalo, causado

* Cinematógrafo: máquina que podia registrar e projetar uma seqüência de fotos. Essa máquina só existe atualmente em museus (N.E.).



quer pela ação de uma sugestão estranha, quer por uma auto-sugestão, ou então em consequência de um acidente, como dissemos anteriormente.

Já a influência do pensamento sobre o corpo nos é demonstrada por fenômenos que podem ser observados em nós mesmos e em outras pessoas. O medo paralisa os movimentos; a admiração, a vergonha e o susto provocam a palidez ou o rubor; a angústia nos aperta o coração, a dor profunda faz escorrer nossas lágrimas e pode causar com o tempo uma depressão vital. Aí estão outras tantas provas da ação poderosa da força mental sobre o corpo físico.

O hipnotismo, desenvolvendo a sensibilidade do ser, nos demonstra de uma maneira ainda mais clara essa ação reflexa do pensamento. Vimos que a sugestão de uma queimadura pode produzir no indivíduo tantas desordens como a própria queimadura. Provoca-se, pela vontade, a aparição de chagas, cicatrizes, etc¹³.

Se o pensamento e a vontade podem exercer tal influência sobre o corpo físico, poderemos compreender que essa influência seja ainda maior e produza efeitos mais intensos quando aplicada à matéria fluídica, imponderável, da qual o perispírito é formado. Menos densa, menos compacta que a matéria física, obedecerá com muito mais facilidade às menores vontades do pensamento. É em virtude dessa lei que os espíritos podem aparecer com uma das formas que tiveram no passado, com todas as características de sua personalidade extinta. Basta que pensem fortemente em uma fase qualquer de sua existência para se mostrarem aos videntes tais como eram na época registrada em sua memória. E embora a força psíquica necessária lhes seja fornecida por um ou mais médiuns, tornam-se possíveis as materializações.

O coronel De Rochas, em suas experiências, conseguindo isolar o corpo fluídico, demonstrou que ele era a sede da sensibilidade e das recordações¹⁴. O hipnotismo e a fisiologia* combinados nos permitem, de agora em diante, estudar a ação da alma sem o seu envoltório grosseiro e unida ao seu corpo sutil. Logo irão nos fornecer os meios de solucionar os mais delicados problemas do ser. A experimentação psíquica contém a chave de todos os fenômenos da vida; está destinada a reno-

13 – Ver *No invisível*, capítulo 20.

14 – Ver A. de Rochas. *L'exteriorisation de la sensibilité* (*A exteriorização da sensibilidade*).

* Fisiologia: parte da biologia que investiga as funções orgânicas, processos ou atividades vitais, como o crescimento, a nutrição, a respiração, etc. (N.E.).



var inteiramente a ciência moderna, lançando luz viva sobre um grande número de questões obscuras até o presente.

Vamos ver agora, nos fenômenos hipnóticos e particularmente no transe, que as impressões, registradas profundamente pelo corpo fluídico, formam associações íntimas. As impressões físicas estão ligadas às impressões morais e intelectuais de tal maneira que não se podem chamar umas sem aparecerem as outras. Sua reaparição é sempre simultânea.

Essa correlação íntima do físico e do moral, em sua aplicação nas recordações gravadas em nós, é demonstrada por inúmeras experiências. Citemos primeiro a dos sábios positivistas, que, apesar de suas prevenções a respeito de toda teoria nova, confirmaram-na sem se darem conta disso:

O senhor Pierre Janet, professor de fisiologia na Sorbonne, expõe os fatos a seguir¹⁵. Ele fez a experimentação em sua paciente, Rosa, adormecida:

“Sugiro a Rosa que não estamos mais em 1888, mas em 1886, no mês de abril, para constatar simplesmente as modificações de sensibilidade que poderiam ser produzidas. Mas eis um acidente bastante estranho. Ela geme, queixa-se de estar cansada e de não poder andar. ‘Pois bem, o que tem?’ ‘Oh! Não é nada... no estado em que me encontro!’ ‘Que estado?’ Ela me responde com um gesto; seu ventre havia crescido de repente e inchou por um acesso súbito de timpanismo histérico. Sem saber, eu a havia transportado a um período de sua vida em que estava grávida.*

“Estudos mais interessantes foram feitos com outra paciente, Maria. Por esse meio, pude, fazendo-a voltar sucessivamente a diferentes períodos de sua existência, constatar todos os estados diversos da sensibilidade pelos quais ela passou e as causas de todas as modificações. Assim, ela está agora completamente cega do olho esquerdo e pensa ser assim desde o seu nascimento. Fazendo-a voltar à idade de sete anos, verifica-se que nela ainda existe anestesia no olho esquerdo; mas, se a ela for sugerido que tem seis anos, nota-se que vê bem com os dois olhos e pode-se determinar a época e as circunstâncias bem curiosas nas quais perdeu a sensibilidade do olho esquerdo.

15 – P. Janet. *L'automatisme psychologique (O automatismo psicológico)*.

* Timpanismo: nesse caso, distensão do ventre provocada por gases. Crescimento. Inchação (N.E.).



A memória realizou automaticamente um estado de saúde do qual o indivíduo acreditava não ter conservado nenhuma recordação.”

*

A possibilidade de despertar na consciência de um indivíduo em transe as recordações esquecidas de sua infância nos conduz logicamente à renovação das recordações anteriores ao nascimento. Essa ordem de fatos foi assinalada pela primeira vez no Congresso Espírita de Paris, em 1900, por experimentadores espanhóis. Eis aqui um resumo do relatório, na sessão do dia 25 de setembro¹⁶:

“Estando o médium em sono profundo por meio de passes magnéticos, Fernandez Colavida, presidente do Grupo de Estudos Psíquicos de Barcelona, ordenou-lhe que dissesse o que tinha feito na véspera, na antevéspera, uma semana, um mês, um ano antes e sucessivamente ele o fez voltar até a sua infância e descrevê-la em todos os detalhes.

“Sempre impulsionado pela mesma vontade, o médium contou sua vida no plano espiritual, a sua morte na última encarnação e, continuamente estimulado, chegou até quatro encarnações, das quais a mais antiga tinha sido uma existência totalmente selvagem. A cada existência, os traços do médium mudavam de expressão. Para trazê-lo ao estado habitual, fez-se com que voltasse gradualmente até a sua existência atual e depois foi despertado.

“Algum tempo depois, de improviso, com a intenção de comprovar os fatos, o experimentador fez magnetizar o mesmo indivíduo por outra pessoa, sugerindo-lhe que suas descrições anteriores eram frutos da imaginação. Apesar dessa sugestão, o médium reproduziu a série de quatro existências, como havia feito anteriormente. O despertar das recordações e o seu encadeamento foram idênticos aos resultados obtidos na primeira experiência.”

Na mesma sessão desse congresso, Esteve Marata, presidente da União Espírita de Catalunha, declarou ter obtido fatos semelhantes, pelos mesmos processos, ao fazer a experiência em sua própria esposa, em estado de sono magnético. A propósito de uma mensagem dada por um espírito, que tinha relação com uma das suas vidas passadas, pôde despertar na consciência dela os traços de suas existências anteriores.

16 – Ver *Compte Rendu du Congrès Spirite et Spiritualiste de 1900 (Relatório do Congresso Espírita e Espiritualista de 1900)*. Leymarie ed.



Desde então essas experiências têm sido tentadas em muitos centros de estudos. Têm-se obtido assim inúmeras indicações sobre o fato das vidas sucessivas da alma. Essas experiências irão provavelmente se multiplicar a cada dia. Notemos, entretanto, que há de se ter uma grande prudência. Os erros e as fraudes são fáceis; devemos rezear os perigos. O experimentador deve escolher indivíduos muito sensíveis e bem desenvolvidos. Ele deve ser assistido por um Espírito bastante evoluído para afastar todas as influências estranhas, todas as causas de perturbação e preservar o médium de possíveis acidentes, dos quais o mais grave seria o desprendimento completo, irremediável, a impossibilidade de fazer voltar o espírito a retomar o corpo, o que ocasionaria a separação definitiva, a morte.

É necessário, principalmente, colocar-se em guarda contra os excessos da auto-sugestão e só aceitar as descrições dentro dos limites em que é possível examiná-las e verificá-las; exigir nomes, datas, pontos de referência, numa palavra, um conjunto de provas que apresentem um caráter verdadeiramente positivo e científico. Seria bom imitar nesse ponto o exemplo dado pela Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres e adotar métodos precisos e rigorosos, como, por exemplo, os que procuraram uma grande autoridade para acompanhar os trabalhos sobre telepatia.

A falta de precaução e de observação das regras mais elementares da experimentação fizeram das incorporações de Héléne Smith um caso obscuro e cheio de dificuldades. Entretanto, no meio da confusão dos fatos assinalados por Th. Flournoy, professor na Universidade de Genebra, entendemos que se deve destacar o fenômeno da princesa hindu Simandini.

A médium em transe reproduziu as cenas de uma de suas existências, vivida na Índia, no século 12. Nesse estado, ela se serviu muitas vezes de palavras sânscritas, língua que ignorava no estado normal. Ela deu, sobre personagens históricos hindus, indicações que não se encontram em nenhuma obra comum, e por elas o professor, após muita pesquisa, obteve a confirmação numa obra de Marlès, historiador pouco conhecido e completamente fora do alcance da paciente. Héléne Smith, no sono sonambúlico, tomou uma atitude impressionante. Eis o que diz o senhor Flournoy num livro que teve grande repercussão¹⁷:

“Há em todo o ser, na expressão da sua fisionomia, em seus movimentos, em seu timbre de voz, quando fala ou canta na língua

17 – Th. Flournoy. *Des Indes à la planète Mars*.



indiana, uma graça lenta, um abandono, uma doçura melancólica, algo de sensual e sedutor que corresponde ao caráter do Oriente.

“Toda a mímica de Hélène tão diferente e esse falar exótico têm tal caráter de originalidade, de facilidade, de natural, que se pergunta com espanto de onde vem para essa filha das margens do Lemano, sem educação artística nem conhecimentos especiais do Oriente, uma perfeição de jogo cênico à qual, sem dúvida, a melhor atriz só chegaria à custa de estudos prolongados ou de uma estada nas margens do Ganges**.”*

Quanto à escrita e à linguagem indostânica empregadas por Hélène, o senhor Flournoy acrescenta que, em suas pesquisas para explicar o conhecimento que ela possuía, “todas as tentativas falharam”.

Nós mesmos pudemos observar, durante vários anos, casos semelhantes ao de Hélène Smith. Uma das médiuns do grupo cujos trabalhos dirigíamos reproduzia, no transe, sob a influência do Espírito mentor, cenas de suas diferentes existências. A princípio, foram as da vida atual, no período infantil, com expressões características e emoções juvenis. Depois, vieram episódios de vidas remotas, com mudanças de fisionomia, atitudes, movimentos, reminiscências da meia-idade, todo um conjunto de detalhes psicológicos e automáticos bastante diferentes dos hábitos atuais da senhora, bastante honesta e incapaz de alguma simulação, pela qual obtínhamos esses estranhos fenômenos.

*

O coronel A. de Rochas, antigo administrador da Escola Politécnica, ocupou-se muito dessa espécie de experimentações. Apesar das objeções que podem causar, acreditamos dever relatar algumas de suas experiências, e eis o porquê:

A princípio, encontramos mais uma vez em todos os fatos da mesma ordem provocados por De Rochas essa correlação do físico e do mental que já assinalamos anteriormente e que parece ser a expressão de uma lei. As recordações de fatos anteriores ao nascimento produzem, no organismo dos indivíduos adormecidos, efeitos materiais constatados por todos os assistentes, muitos dos quais eram médicos. Acontece que, ainda que se leve em conta o papel que pode representar, nessas experiências, a imaginação dos indivíduos, ainda que sejam levados em conta

* Lemano: nome que se dá na França ao Lago de Genebra, localizado entre a França e a Suíça (N.E.).

** Ganges: o mais importante rio da Índia (N.E.).



os arabescos* que ela borda em torno do fato principal, é muito mais difícil atribuir esses efeitos à simples fantasia desses indivíduos que, segundo as próprias expressões do Coronel, “*se tem plena certeza de sua boa-fé e de que suas revelações são acompanhadas de características somáticas que parecem provar, de uma maneira absoluta, a sua realidade*”¹⁸.

Damos a palavra ao coronel De Rochas:

“Há muito tempo se sabia que, em algumas ocasiões, especialmente quando se está para morrer, recordações há muito tempo esquecidas se sucedem com uma rapidez extrema no espírito de algumas pessoas, como se diante de sua vista se desenrolassem os quadros de toda a sua vida.

“Determinei experimentalmente um fenômeno semelhante sobre indivíduos magnetizados; com a diferença que, em vez de fazer voltar simples recordações, faço os indivíduos tornarem aos estados de alma correspondentes às idades a que os reconduzo, com esquecimento de tudo o que é posterior a essas épocas. Tais transformações se operam com a ajuda de passes longitudinais comuns, que têm como efeito o aprofundamento do sono magnético. As mudanças de personalidade, se assim se podem chamar as diferentes etapas pelas quais passa um mesmo indivíduo, sucedem-se, invariavelmente, de acordo com a ordem dos tempos, fazendo-o voltar ao passado quando se empregam passes longitudinais, para voltar, na mesma ordem, ao presente, quando se recorre aos passes transversais ou despertadores. Enquanto o indivíduo não volta ao estado normal, apresenta a insensibilidade cutânea. Podem-se precipitar as transformações com o auxílio da sugestão, mas é preciso percorrer sempre as mesmas fases e não agir com muita pressa, porque senão provocam-se os gemidos do indivíduo, que diz estar sendo torturado e que não pode seguir-nos.

“Quando fiz meus primeiros ensaios, parava logo que o indivíduo, transportado à primeira infância, não sabia mais me responder; pensava não ser possível ir mais longe. Um dia, contudo, tentei tornar mais profundo o sono continuando os passes, e grande foi minha admiração quando, ao interrogar o dormente, encontrei-me na presença de uma outra personalidade, dizendo ser a alma de um morto que tinha usado tal nome e vivido em tal país. Um novo

* Arabesco: ornato de origem árabe no qual se entrelaçam linhas, ramagens, flores, frutos, etc. (N.E.).

18 – *Revista Espírita*, janeiro de 1907. Ver também a obra do coronel De Rochas *Les vies successives (Vidas sucessivas)*, Ed. Chacornac, 1911.



caminho parecia se abrir: continuando os passes no mesmo sentido, fiz reviver o morto e esse, ressuscitado, percorreu toda sua vida anterior, remontando o curso do tempo. Nesse caso não eram simples recordações que eu despertava, mas estados de alma sucessivos que eu fazia reaparecer.

“À medida que essas experiências se repetiam, essa viagem no passado se efetuava cada vez com mais rapidez, passando sempre exatamente pelas mesmas fases, de maneira que pude assim recuar a diversas existências anteriores sem haver muita fadiga para o paciente e para mim. Todos os indivíduos, quaisquer que fossem suas opiniões no estado de vigília, apresentavam o espetáculo de uma série de individualidades, cada vez menos adiantadas moralmente, à medida que se remontava o curso das idades; em cada existência expiava-se, por uma espécie de pena de talião, as faltas da existência anterior, e o tempo que separava duas encarnações passava-se num meio mais ou menos luminoso, de acordo com o estado de adiantamento do indivíduo.*

“Passes que despertavam faziam progressivamente o indivíduo voltar ao estado normal, percorrendo as mesmas etapas, exatamente na ordem inversa.

“Quando verifiquei por mim mesmo e por outros experimentadores que operavam em outras cidades, com outros indivíduos, que não se tratava de simples sonhos decorrentes de causas fortuitas, mas de uma série de fenômenos apresentados de uma maneira regular com todas as características aparentes de uma visão no passado ou no futuro, dediquei-me totalmente a investigar se essa visão correspondia à realidade.”

O resultado das pesquisas feitas pelo coronel De Rochas o levou a concluir nestes termos¹⁹:

*“É certo que por meio de operações magnéticas se pode trazer progressivamente a maior parte dos sensitivos a épocas anteriores a sua vida atual, com as particularidades intelectuais e fisiológicas características dessas épocas, e isso até o momento de seu nascimento. Não são lembranças que acordam; são os estados sucessivos da personalidade que são evocados; essas evocações sempre se produzem na mesma ordem e por meio de uma sucessão de letargias** e de estados sonambúlicos.*

* Expiar: sofrer as conseqüências de um ato (N.E.).

19 – A. de Rochas. *Les vies successives*.

** Letargia: estado caracterizado por sono profundo e demorado, causado por distúrbios cerebrais ou por perda momentânea do controle cerebral (N.E.).



“É certo que, ao continuar essas operações magnéticas, além do nascimento e sem ter necessidade de recorrer a sugestões, faz-se passar o indivíduo por estados semelhantes correspondentes às encarnações anteriores e aos intervalos que separam essas encarnações. O processo é o mesmo das sucessões de letargias e de estados sonambúlicos.”

Convém repetir que as concordâncias que existem entre os fatos constatados por sábios materialistas, hostis ao princípio das vidas sucessivas, tais como Pierre Janet, doutor Pitre, doutor Burot e outros, e os relatados pelo coronel De Rochas, nos demonstram que há nesses fatos mais do que sonhos ou romances “subliminais”; há uma lei de correlação que merece estudo atento e contínuo. Foi por isso que nos pareceu necessário insistir nesses fatos.

Em primeiro lugar, convém mencionar uma série de experiências feitas em Paris com Laurent V..., rapaz de 20 anos que cursava a Escola Politécnica e ia se formar em filosofia. Os resultados foram publicados em 1895 nos *Anais das Ciências Psíquicas*. O senhor De Rochas resumiu-os assim²⁰:

“Tendo verificado que ele era sensitivo, quis compreender os efeitos fisiológicos e psicológicos que poderiam ser obtidos com a ajuda do magnetismo. Descobri por acaso que, adormecendo-o por meio de passes longitudinais, trazia-o para estados de consciência e de desenvolvimento intelectual correspondentes a idades cada vez menos adiantadas; assim, passava sucessivamente a aluno de retórica, de segunda, de terceira classe, etc., não sabendo mais nada do que se ensinava nas classes superiores. Acabei por levá-lo ao momento em que aprendia a ler, e ele me deu, em relação à sua professora e aos seus pequenos companheiros de escola, detalhes que havia esquecido completamente quando acordado, mas cuja exatidão foi confirmada por sua mãe.*

“Alternando os passes adormecedores e os passes despertadores, fazia-o subir ou descer, de acordo com minha vontade, pelo curso de sua vida.”

Com os fatos a seguir, o círculo dos fenômenos se amplia. O coronel acrescenta:

*“Há pouco tempo encontrei em Grenoble e Voiron** três indivíduos que possuíam faculdades semelhantes e cuja realidade*

20 – Memória lida na Academia Delphinale, em 19 de novembro de 1904, por A. de Rochas.

* Retórica: nesse caso, conjunto de regras relativas à capacidade de falar e exprimir-se com facilidade (N.E.).

** Grenoble e Voiron: cidades francesas (N.E.).



pude igualmente verificar. Tive a idéia de continuar os passes adormecedores, após os ter levado à sua mais tenra infância, e os passes despertadores após os ter trazido à sua idade atual. Fiquei muito admirado de ouvi-los narrar sucessivamente os principais acontecimentos de suas existências passadas e seu estado entre duas vidas. As indicações, que não variavam nunca, eram de tal modo precisas que pude fazer indagações. Constatei assim que os nomes de lugares e de famílias que entravam em suas narrativas realmente existiram, embora não se lembrassem de nada quando estavam acordados; mas não pude achar nos atos do estado civil nenhum traço das personagens obscuras que eles teriam vivido.”

Extraímos outros detalhes complementares de um estudo do senhor De Rochas, mais extenso que o anterior²¹:

“Esses indivíduos não se conheciam. Uma, chamada Joséphine, tem 18 anos, mora em Voiron e não é casada. A outra, Eugénie, tem 35 anos e mora em Grenoble; é viúva, tem dois filhos e possui uma natureza apática, muito franca e pouco curiosa. Ambas possuem boa saúde e conduta regular. Ao conhecer a família delas, pude verificar a exatidão de suas revelações retrospectivas em inúmeros detalhes que não teriam nenhum interesse para o leitor. Citarei apenas alguns relativos a Eugénie, a fim de dar-lhes apenas uma idéia; são resumos das atas de nossas sessões com o doutor Bordier, diretor da Escola de Medicina de Grenoble:

“Adormecida, transporto-a a alguns anos antes. Vejo uma lágrima escorrer de seus olhos. Ela me diz que tem 20 anos e que acaba de perder um filho.

“...Continuação dos passes. Sobressalto brusco com grito de pavor; viu aparecerem ao seu lado fantasmas de sua avó e de uma de suas tias, falecidas havia pouco tempo. (Essa aparição, que aconteceu na idade a que a levei, havia lhe causado uma impressão muito profunda.)

“...Agora ela está com 11 anos. Vai fazer sua primeira comunhão; seus maiores pecados são ter desobedecido algumas vezes à sua avó e, sobretudo, ter tirado alguns trocados do bolso de seu papai. Teve muita vergonha e pediu perdão.

“...Aos 9 anos. Sua mãe falecera havia 8 dias; ela estava bastante triste. Seu pai, tintureiro em Vinay, acabou de mandá-la para a casa de seu avô em Grenoble, para aprender a costurar.

21 – Ver A. de Rochas. *Les vies successives*. Ed. Chacornac, 1911.



“Aos 6 anos. Está na escola de Vinay e já sabe escrever bem.

“Aos 4 anos. Cuida de sua irmãzinha quando não está na escola. Começa a fazer riscos e a escrever algumas letras.

“Passes transversais, despertando-a, fazem-na passar exatamente pelas mesmas fases e pelos mesmos estados de alma.”

O coronel experimenta o que ele chama o “instinto do pudor”, em diferentes fases do sono; levanta um pouco o vestido de Eugénie, que, a cada vez, abaixa-o com vivacidade ou lhe dá alguns tapas. *“Quando pequena, não reage contra esse procedimento; seu pudor ainda não acordou.”*

“Joséphine, em Voiron, apresentou os mesmos fenômenos em relação à escrita em diferentes idades. (Seguem-se cinco modelos da escrita mostrando o progresso de sua instrução, dos 4 aos 18 anos.)

“Até agora temos caminhado em terreno firme; observamos um fenômeno fisiológico dificilmente explicável, mas que inúmeras experiências e observações permitem considerar como certo. Vamos agora entrever horizontes novos.

“Deixamos Eugénie no estado de criancinha amamentada por sua mãe. Ao tornar seu sono mais profundo, detectei uma mudança de personalidade. Já não estava viva; flutuava em uma semi-obscuridade, não tendo pensamentos, nem necessidades, nem comunicação com ninguém. Depois, recordações ainda mais distantes.

“Ela havia sido antes uma menina que desencarnou muito nova de uma febre causada pela dentição; vê seus pais chorando em volta de seu corpo, do qual se separou muito depressa.

“Procedi depois ao despertar, dando passes transversais. Ao acordar, percorre em sentido inverso todas as fases assinaladas anteriormente e me dá novos detalhes provocados pelas minhas perguntas. Algum tempo antes de sua última encarnação, sentiu que deveria reviver em certa família; aproximou-se daquela que viria a ser sua mãe e que acabava de concebê-la... Entrou, pouco a pouco, ‘por baforadas’ no pequeno corpo. Até os sete anos viveu, em parte, fora desse corpo carnal que ela via, nos primeiros meses de sua vida, como se estivesse fora dele. Não distinguia bem os objetos materiais que a rodeavam, mas, em compensação, tinha a percepção de espíritos flutuando ao seu redor. Uns, muito brilhantes, protegiam-na contra outros, escuros e malfazejos, que procuravam influenciar seu corpo físico; quando conseguiam isso, provocavam aqueles acessos de raiva que as mães chamam de manha.”



São apresentados longos detalhes muito interessantes sobre outras existências da personalidade que culminam por último em Joséphine; e o senhor De Rochas termina assim:

“É muito difícil conceber como as ações mecânicas, tais como as dos passes, determinam o fenômeno da regressão da memória de uma maneira absolutamente certa até um momento determinado, e essas ações, continuadas exatamente da mesma maneira, mudam bruscamente, nesse momento, o seu efeito, para somente originarem alucinações.”

Não acrescentaremos nada a esses comentários com receio de enfraquecê-los. Preferimos passar sem transição a uma outra série de experiências do senhor De Rochas, feitas em Aix-en-Provence, experiências relatadas, sessão por sessão, nos *Anais das Ciências Psíquicas* de julho de 1905²²:

O indivíduo é uma jovem de 18 anos, desfruta de saúde perfeita e nunca ouviu falar de magnetismo nem de Espiritismo. A senhorita Marie Mayo é filha de um engenheiro francês, falecido no Oriente. Foi educada em Beirute, onde foi confiada aos cuidados de criados do lugar; aprendeu a ler e escrever em árabe. Depois, foi trazida para a França e mora em Aix, com uma tia.

As sessões tinham como testemunhas o doutor Bertrand, antigo presidente da Câmara Municipal de Aix, médico da família, e o senhor Lacoste, engenheiro, a quem se deve a redação da maior parte das atas. Ocorreram muitas sessões. A enumeração dos fatos ocupa 50 páginas dos *Anais*. As primeiras experiências, realizadas no mês de dezembro de 1904, estavam relacionadas à renovação das recordações da vida atual. A jovem, imersa na hipnose pelo coronel, volta gradualmente ao passado e revive as cenas de sua infância. Ela dá, em diferentes idades, exemplos de sua letra, que podem ser examinados. Aos 8 anos, escreve em árabe e traça caracteres que depois esqueceu.

Obtém-se, a seguir, a renovação das vidas anteriores. Alternadamente, subindo ou descendo o curso de suas existências para chegar à época atual, sob o império dos processos magnéticos que indicamos, o indivíduo passa e torna a passar pelas mesmas etapas, na mesma ordem, direta ou retrógrada, com uma lentidão, diz o coronel, *“que torna as explorações difíceis para além de um certo número de vidas e de personalidades”*.

A simulação não é possível. A senhorita Mayo atravessa os diferentes estados hipnóticos e, em cada um deles, manifesta os sintomas que o caracterizam. Diversas vezes o doutor Bertrand

22 – Ver também seu livro *Les vies successives*.



verifica a catalepsia*, a contratura**, a insensibilidade completa. Mayo passa a mão sobre uma chama de vela e não sente nada. *“Ela não tem nenhuma sensibilidade ao amoníaco. Seus olhos não reagem à luz; a pupila não é impressionada por um candeeiro ou por uma vela colocada rapidamente perto de seu olho ou afastada rapidamente²³.”* Em compensação, a sensibilidade a distância fica mais acentuada, o que demonstra, com toda a evidência, o fenômeno da exteriorização. Citemos as atas:

“Faço subir a Mayo o curso dos anos; ela vai, desse modo, até a época de seu nascimento. Fazendo-a chegar mais longe, ela se lembra do que já viveu, de que se chamava Line, de que morreu afogada, de que se elevou depois ao ar, de que viu seres luminosos com os quais não podia falar. Além da vida de Line, encontra-se de novo na erraticidade, mas em um estado lastimável, pois, antes, havia sido um homem ‘que não fora bom’.”

Nessa encarnação, chamava-se Charles Mauville. Entrou na vida pública como empregado num escritório em Paris. Havia muitas brigas nas ruas. Ele mesmo tinha matado pessoas e sentia prazer nisso, era mau. Cabeças eram decepadas nas praças.

Aos 50 anos, deixa o escritório, está doente (Mayo tosse) e não tarda a morrer. Pode seguir seu enterro e ouvir as pessoas dizerem *“cometeu muitas extravagâncias”*. Ainda permanece durante algum tempo ligado ao seu corpo. Sofre, é infeliz. Afinal, passa para o corpo de Line.

Outras sessões reconstituem a existência de Line, a bretã: *“Torna-se Line de novo... no momento em que se afoga”*. Imediatamente Mayo faz um movimento brusco na poltrona; vira-se para o lado direito com o rosto nas mãos e permanece assim por alguns segundos. Poderia ser dito que aquela era uma fase do ato que é executado voluntariamente, pois se Line morre afogada, é um afogamento voluntário, um suicídio, o que dá à cena um aspecto totalmente particular, bem diferente de um afogamento involuntário.

Depois, Mayo vira-se bruscamente para o lado esquerdo. Os movimentos respiratórios precipitam-se e tornam-se difíceis; o peito levanta-se com esforço e irregularidade; o rosto exprime

* Catalepsia: estado caracterizado pela rigidez dos músculos e imobilidade; pode ser provocado por afecções nervosas ou induzidas, como, por exemplo, pelo hipnotismo (N.E.).

** Contratura: ato de contrair-se, apertar-se, ficar com os músculos tensos (N.E.).

23 – *Anais das Ciências Psíquicas*, julho de 1905.



ansiedade, angústia; os olhos estão espantados. Ela faz verdadeiros movimentos de deglutição, como se engolisse água, mas contra a sua vontade, pois se vê que resiste. Nesse momento, dá alguns gritos inarticulados; torce-se mais do que se debate e seu rosto exprime um sofrimento tão real que o senhor De Rochas lhe ordena que envelheça algumas horas. Depois lhe pergunta:

“Você se debateu por muito tempo?”

“Sim.”

“É uma morte ruim?”

“Sim.”

“Onde está?”

“No escuro.”

30 de dezembro de 1904 – Existência de Charles Mauville. Mayo descreve uma das fases da doença que o mata. Parece passar por todos os sintomas característicos das doenças do peito: opressão, fortes acessos de tosse. Ela morre e assiste ao seu funeral:

“Havia muitas pessoas no cortejo?”

“Não.”

“O que diziam de você? Não diziam bem, não é verdade? Lembravam que você tinha sido um homem mau?”

(Depois de hesitar e bem baixinho):

“Sim.”

Em seguida, está no “escuro”; o coronel faz que o atravesse rapidamente e ela reencarna na Bretanha. Vê-se menina, depois jovem, tem 16 anos e ainda não conhece seu futuro marido; aos 18 anos ela o encontra, casa-se pouco depois e vem a ser mãe. Assistimos aqui a uma cena de parto de um realismo surpreendente²⁴. A paciente se mexe na poltrona, seus membros se enrijecem, seu rosto se contrai e seu sofrimento parece tão intenso que o coronel lhe ordena que os passe com rapidez.

Ela está com 22 anos, perdeu seu marido em um naufrágio e seu filhinho morreu. Desesperada, afoga-se. Esse episódio, que ela já reproduziu em uma outra sessão, é tão doloroso que o coronel lhe pede para ir mais adiante, o que ela faz, mas não sem experimentar verdadeiro abalo. No “escuro” em que se vê depois, ela não sofre, como dissemos, tanto quanto sofrera no “escuro” depois da morte de Charles Mauville. Ela encarna em sua família atual e volta à idade que tem. A mudança ocorre por meio de passes magnéticos transversais.

24 – Não lhe foi naturalmente revelado esse incidente ao despertar.



31 de dezembro de 1904 – Proponho-me, nessa sessão, obter alguns novos detalhes sobre a personalidade de Charles Mauville e fazer que Mayo chegue até uma vida anterior. Faço rapidamente com que o sono se torne mais profundo por meio de passes longitudinais, até a infância de Mauville. No momento em que o interrogo, tem cinco anos; seu pai é contramestre em uma manufatura, sua mãe está vestida de preto e tem uma touca na cabeça. Continuo a aprofundar o sono.

Antes de seu nascimento, está na “escuridão”. Sofre. Antes, havia sido uma senhora casada com um gentil homem, ligado à corte de Luís XIV; chamava-se Madeleine de Saint-Marc.

Informações sobre a vida dessa senhora: conheceu a senhora de La Vallière, que lhe era simpática; mal conhece a senhora de Montespan. A senhora de Maintenon lhe desagrada.

“Dizem que o Rei casou-se secretamente com ela.”

“Imagem! É apenas amante dele.”

“E o que você pensa a respeito do rei?”

“É um orgulhoso.”

“Conhece Scarron?”

“Deus! Como ele é feio!”

“Viu representar Molière?”

“Sim, mas não gosto muito dele.”

“Conhece Corneille?”

“É um selvagem.”

“E Racine?”

“Conheço principalmente suas obras e gosto muito delas.”

Proponho que envelheça para que veja o que irá acontecer mais tarde com ela. Recusa-se. É em vão que ordeno com autoritarismo; só consigo vencer sua resistência com enérgicos passes transversais, dos quais procura fugir por todos os meios.

No momento em que paro, tem 40 anos; deixou a corte; tosse e sente dor no peito. Faço que fale de seu caráter; confessa que é egoísta e ciumenta, que tem ciúme principalmente de mulheres bonitas.

Aos 45 anos, morre de tuberculose pulmonar. Assisto a uma curta agonia e ela entra na escuridão.

Paremos um instante para considerar o conjunto desses fatos, procurar as garantias de autenticidade que apresentam e deles tirar ensinamentos.

Logo de início uma coisa nos impressiona: é, em cada vida renovada, a repetição constante, no decorrer das sessões múltiplas, dos mesmos acontecimentos, na mesma ordem, tanto



ascendentes quanto descendentes, de uma maneira espontânea, sem hesitação, erro ou confusão²⁵.

Depois, vem a constatação unânime dos experimentadores na Espanha, em Genebra, Grenoble, Aix, etc., constatação que eu mesmo pude fazer sempre que observei fenômenos desse gênero: em cada nova existência que se desenrola, a atitude, o gesto e a linguagem do indivíduo mudam; a expressão do rosto fica diferente, tornando-se mais dura à medida que se recua na ordem do tempo. Vem à tona um conjunto de opiniões, de preconceitos, de crenças em relação à época e ao meio em que essa existência se passou. Quando o indivíduo é uma mulher e passa por uma encarnação masculina, a fisionomia é inteiramente outra, a voz é mais forte, o tom mais elevado, os modos demonstram certa rudeza. As atitudes, os gestos e a linguagem são também muito diferentes quando se atravessa o período infantil.

Os estados físicos e mentais encadeiam-se, ligam-se sempre em uma conexão íntima, completando-se uns aos outros e permanecendo inseparáveis. Cada recordação evocada, cada cena revivida, mobiliza todo um cortejo de sensações e impressões, cômicas ou lastimáveis, de acordo com o caso, mas perfeitamente adequadas à situação. A lei de correlação constatada por Pierre Janet, T. Ribot, etc. encontra-se e manifesta-se aqui em todo o seu rigor, com uma precisão mecânica, tanto no que se refere às cenas da vida presente quanto às das vidas anteriores. Essa correlação constante bastaria, por si só, para assegurar às duas ordens de recordações o mesmo caráter de probabilidade. As recordações da existência atual em suas fases primárias, apagadas da memória normal do indivíduo, tendo sido verificadas como exatas, são para umas prova de autenticidade e são igualmente uma forte presunção em prol das outras.

Por outro lado, os indivíduos reproduziram com uma fidelidade absoluta, com uma vivacidade de impressões e de sensações de forma alguma artificiais, cenas tão comoventes como complicadas: asfixia por imersão, agonias causadas pela tuberculose no último grau, caso de gravidez seguida de parto, com toda uma série de fenômenos físicos correspondentes: sufocações, dores, etc.

25 – Um outro experimentador, senhor A. Bouvier, diz (*Paix universelle de Lyon*, 15 de setembro de 1906): “Cada vez que o sujeito torna a passar por um mesma vida, quaisquer que sejam as precauções tomadas para enganá-lo ou fazê-lo se enganar, permanece sempre a mesma individualidade, com seu caráter pessoal, corrigindo quando necessário os erros dos que o interrogam”.



Acontece que esses indivíduos, quase todos moças de 16 a 18 anos, são, por natureza, muito tímidos e pouco entendidos em matéria científica. Por declaração dos próprios experimentadores, dos quais um é médico da família de Mayo, a incapacidade de simularem essas cenas é notória. Elas não possuem nenhum conhecimento de fisiologia ou de patologia* e não foram testemunhas, em sua existência atual, de nenhum incidente capaz de lhes fornecer indicações e ensinamentos sobre fatos dessa natureza²⁶.

Todas essas considerações nos levam a afastar as suspeitas de fraude, artifício ou a hipótese de um simples jogo da imaginação.

Que talento, que arte, qual perfeição de atitude, de gesto e de acentuação não seria necessário despender de maneira contínua, no decorrer de tantas sessões, para imaginar e simular cenas tão realistas, às vezes dramáticas, em presença de experimentadores hábeis em desmascarar a impostura, de práticos sempre em guarda contra o erro ou a mentira? Tal papel não pode ser atribuído a jovens sem nenhuma experiência de vida, tendo recebido uma instrução elementar básica.

Outra coisa: no encadeamento dessas sessões, no destino dos seres, que são o motivo principal, nas peripécias de suas existências, encontramos sempre a confirmação dessa alta lei de causalidade** ou de consequência de atos, que rege o mundo moral. Certamente não podemos ver nisso um reflexo das opiniões desses indivíduos, visto que não possuem nenhuma noção a tal respeito, por não terem sido preparados pelo meio em que viveram nem pela educação que receberam para o conhecimento das vidas sucessivas, como atestam os observadores²⁷.

Evidentemente, muitos descrentes pensarão que esses fatos ainda são insuficientes para que possa surgir, a partir deles, uma teoria segura e de conclusões definitivas. Poderão dizer que convém esperar para isso uma quantidade mais considerável de provas e de testemunhos. Irão nos apresentar como objeção muitas experiências sem datas precisas com aspecto suspeito, em que sobram contradições e fatos sem autenticidade. Temos,

* Patologia: ramo da medicina que se ocupa da natureza e das modificações estruturais e funcionais produzidas pela doença no organismo (N.E.).

26 – Essa opinião foi emitida em minha presença, quando estive em Aix, pelo senhor Lacoste e pelo doutor Bertrand.

** Lei de Causalidade: Lei de Causa e Efeito ou de Ação e Reação pela qual cada um recebe de volta aquilo que tem dado (N.E.).

27 – Ver sobre esse assunto A. de Rochas, *Les vies successives*.



em relação a essas narrativas falsas, a forte impressão de que observadores benévolos tenham sido enganados, mistificados. Mas como as experiências sérias seriam atingidas com isso? Os abusos, os erros praticados aqui e ali, não podem atingir os estudos feitos com um método preciso e um rigoroso espírito de verificação.

Em resumo, acreditamos que os fatos relatados unidos a muitos outros da mesma natureza, que seria supérfluo enumerar aqui, são suficientes para estabelecer a existência, na base do edifício do “eu”, de uma espécie de cripta* onde se amontoa uma imensa reserva de conhecimentos e de recordações. O longo passado do ser deixou aí seus traços indestrutíveis, que poderão nos contar o segredo das origens e da evolução, o mistério profundo da natureza humana.

Há, diz Herbert Spencer**, dois processos de construção da consciência: a aprendizagem e a lembrança. Mas é preciso reconhecer que a consciência normal a que ele se refere é apenas uma consciência incerta e limitada, que vacila à beira dos abismos da alma como uma chama intermitente***, iluminando um mundo oculto onde estão adormecidas forças e imagens, em que se acumulam as impressões recolhidas desde o ponto inicial do ser.

E tudo isso, oculto durante a vida pelos véus da carne, revela-se no transe, sai da sombra com tanto mais nitidez quanto mais livre da matéria está a alma e maior é o seu grau de evolução.

*

Quanto às reservas feitas pelo coronel De Rochas a propósito das inexatidões observadas por ele nas narrações dos hipnotizados, no decorrer de suas investigações, devemos acrescentar uma coisa: não há nada de estranho em relação à possibilidade de terem ocorrido erros, atendendo ao estado mental dos indivíduos e à quantidade de elementos conhecidos e desconhecidos – na hora atual – que entram em jogo nesses fenômenos tão novos para a ciência. Eles poderiam ser atribuídos a três causas diferentes: a lembranças diretas dos indivíduos, a visões ou então a sugestões de origem externa. Em relação ao primeiro caso, notemos que, em todas as experiências que tenham por objetivo colocar em vibração as forças anímicas****, o ser assemelha-se

* Cripta: galeria subterrânea, caverna, gruta (N.E.).

** Herbert Spencer (1820–1903): importante filósofo inglês fundador das escolas evolucionista e individualista, materialista de grande repercussão ainda nos nossos dias (N.E.).

*** Intermitente: que apresenta interrupções ou suspensões; não contínuo (N.E.).

**** Forças anímicas: forças da alma ou da psique (N.E.).



a um foco que se acende e aviva e que, em sua atividade, projeta vapores e fumos que, de tempos em tempos, encobrem a chama interior. Entretanto, nos indivíduos pouco evoluídos, pouco estimulados, as recordações normais, as impressões recentes irão se misturar com lembranças mais distantes. A habilidade dos experimentadores consistirá em saber separar esses elementos perturbadores, em dissipar as brumas e as sombras, para darem ao foco central sua importância e seu brilho.

Também poderíamos ver nisso os resultados de sugestões exercidas pelos magnetizadores ou por personalidades estranhas. Eis o que diz, sobre esse assunto, o coronel De Rochas²⁸:

“Essas sugestões certamente não vêm de mim, que não somente evitei tudo o que poderia colocar o indivíduo num determinado caminho, mas que procurei muitas vezes em vão desviá-lo com diferentes sugestões. O mesmo aconteceu com outros experimentadores que se entregaram a esse estudo.

“Será que essas idéias, segundo a expressão popular, ‘andam no ar’ e atuam com mais força no espírito do indivíduo separado dos laços do corpo? Até que poderia ser, pois temos notado que todas as revelações dos extáticos se ressentem mais ou menos do meio em que viveram.*

“Será que os espíritos, querendo espalhar entre os homens a crença nas encarnações sucessivas, procedem como a Morale en action (Moral em ação), com a ajuda de pequenas histórias assinadas por pseudônimos para evitar as reivindicações entre os vivos?”

Os espíritos, sendo consultados a tal respeito por via mediúnica, responderam²⁹:

“Quando o indivíduo não está livre o suficiente para ler em si mesmo a história de seu passado, passamos então a proceder por quadros sucessivos, que lhe reproduzem, à sua vista, suas próprias existências. São, de fato, visões, e é por isso que nem sempre podem ser exatas.

“Podemos iniciar-vos em vosso passado, sem exatidão quanto a datas e lugares. Não vos esqueçais de que, livres das convenções terrestres, não há mais para nós nem tempo, nem espaço. Vivendo fora desses limites, facilmente cometemos enganos nas

28 – *Anais das Ciências Psíquicas*, janeiro de 1906.

* Extático: que entra em transe. Momento em que o espírito do médium alcança estados de extraordinária independência em relação ao corpo físico e penetra em mundos desconhecidos, enquanto nos sonhos e no sonambulismo o espírito percorre o mundo terrestre – Veja *O Livro dos Espíritos*, questão 455 (N.E.).

29 – Comunicação obtida em um grupo de Havre, em junho de 1907.



coisas ligadas a eles. Consideramos tudo isso coisas mínimas e preferimos falar de vossos atos, bons ou maus, e de suas consequências. Se algumas datas, se alguns nomes não se encontram em vossos arquivos, chegais a concluir que é tudo falso. Erro profundo de vosso julgamento! As dificuldades são grandes para vos dar conhecimentos tão precisos quanto o que exigis. Mas, acreditai-nos, não vos canseis em vossas investigações. Esse estudo é o mais nobre de todos. Não sentis que é belo difundir a luz? No entanto, em vosso planeta, passará muito tempo até que as massas compreendam para que aurora devem se dirigir!”

Seria fácil acrescentar um grande número de fatos que têm ligação com a mesma ordem de investigações.

O príncipe Adam Wiszniewski, rua do Débarcardère, 7, em Paris, comunica-nos a experiência que narramos a seguir, relatada pelas próprias testemunhas, algumas das quais só consentiram ser designadas pelas iniciais:

“O príncipe Galitzin, o marquês de B. e o conde de R. estavam reunidos, durante o verão de 1862, nas praias de Hamburgo.

“Uma noite, após terem jantado muito tarde, passeavam no parque do cassino quando perceberam uma pobre deitada num banco. Depois de terem abordado e interrogado a mulher, convidaram-na para comer no hotel. Após se ter alimentado com grande apetite, o príncipe Galitzin, que era magnetizador, teve a idéia de magnetizá-la. Ele conseguiu após vários passes. Qual não foi o espanto das pessoas presentes quando, profundamente adormecida, aquela que, em vigília, só conseguia se exprimir em um péssimo dialeto alemão, começou a falar corretamente em francês, contando que havia reencarnado na pobreza por castigo, por ter cometido um crime em sua vida anterior, no século 18. Ela morava então num castelo na Bretanha, à beira-mar. Por causa de um amante, quis se livrar do marido e empurrou-o para o mar, do alto de um rochedo. Ela indicou o local do crime com grande precisão.

“Graças às indicações que a mulher lhes havia dado, o príncipe Galitzin e o marquês de B. puderam separadamente, mais tarde, dirigir-se à Bretanha, às costas do Norte, fazer investigação sobre o caso, cujos resultados foram idênticos. Tendo questionado diversas pessoas, não conseguiram, de início, colher nenhuma informação. Encontraram enfim uns camponeses já velhos que se lembraram de ter ouvido os pais contarem a história de uma jovem e bela castelã que havia assassinado o marido, atirando-o ao mar. Tudo o que a pobre mulher de Hamburgo havia dito no estado de sonambulismo foi reconhecido como exato.



“O príncipe Galitzin, em seu retorno da França, passando de novo por Hamburgo, indagara do comissário de polícia a respeito dessa mulher. Esse funcionário lhe declarou que ela não tinha nenhuma instrução, só falava um dialeto vulgar alemão, e que vivia apenas de mesquinhos recursos, como meretriz, mulher de soldados.”

Podemos ver que a doutrina das vidas sucessivas, ensinada pelas grandes escolas filosóficas do passado e, em nossos dias, pelo Espiritismo da codificação kardecista, recebe, pelos trabalhos de sábios e investigadores, de uma maneira ora direta, ora indireta, novas e numerosas contribuições. Graças à experimentação, as profundezas mais ocultas da alma humana entreabrem-se, e a nossa própria história parece reconstituir-se da mesma maneira que a geologia* pôde reconstituir a história do globo, escavando suas possantes bases.

É verdade que a questão ainda permanece pendente. É preciso observar uma extrema reserva em relação às conclusões. Entretanto, apesar das obscuridades que existem, consideramos um dever publicar esses fatos e experiências, a fim de atrair para elas a atenção dos pensadores e provocar novas investigações. Só assim a luz se fará, pouco a pouco, completa em relação a esse problema, assim como se fez em relação a tantos outros.

*

Em princípio dissemos que o esquecimento das existências anteriores é uma das conseqüências da reencarnação. Entretanto, esse esquecimento não é absoluto. Em muitas pessoas, o passado renova-se em forma de impressões, ou então de lembranças precisas. Essas impressões às vezes influenciam nossos atos; não vêm nem da educação, nem do meio ou da hereditariedade. Entre elas, podemos classificar as simpatias e as antipatias repentinas, as intuições rápidas, as idéias inatas. Basta examinarmos a nós mesmos, estudarmo-nos com atenção, para encontrar em nossos gostos e tendências, em traços de nosso caráter, muitos vestígios desse passado. Infelizmente, entre nós, são poucos os que se dedicam a esse exame com método e atenção.

Há mais. Podemos citar, em todas as épocas da História, um certo número de homens que, graças a disposições excepcionais de seu organismo psíquico, conservaram lembranças de

* Geologia: ciência cujo objeto de estudo é o conjunto da origem da formação e das sucessivas transformações do globo terrestre (N.E.).



suas vidas passadas. Para eles, a pluralidade das existências não era uma teoria; era um fato de percepção direta.

O testemunho desses homens assume uma importância considerável por terem ocupado, na sociedade de seu tempo, altas posições; quase todos, inteligências superiores, exerceram, na sua época, uma grande influência. A faculdade bastante rara da qual gozavam era, sem dúvida, o resultado de uma imensa evolução. Estando o valor de um testemunho em relação direta com a inteligência e a integridade da testemunha, não podiam passar em branco as afirmações desses homens, alguns dos quais trouxeram na cabeça a coroa da genialidade.

É um fato bastante conhecido que Pitágoras se recordava de pelo menos três de suas existências e dos nomes que usava em cada uma delas³⁰: ele declarava ter sido Hermótimo, Eufórbio e um dos Argonautas.

Juliano*, chamado de “o Apóstata”, tão caluniado pelos cristãos, mas que foi na realidade uma das grandes figuras da história romana, lembrava-se de ter sido Alexandre da Macedônia.

Empédocles** afirmava que, em relação a ele, “*lembrava-se até mesmo de ter sido sucessivamente moço e moça*”³¹.

Segundo Herder, *Dialogues sur la métempsycose (Diálogos sobre a metempsicose)*, devemos acrescentar a esses nomes os de Yarcas e de Apolônio de Tiana.

Na Idade Média, encontramos essa faculdade em Gerolamo Cardano***.

Entre os modernos, Lamartine**** declara em seu livro *Voyage en Orient (Viagem ao Oriente)*, ter tido lembranças bastante claras de um passado distante. Eis seu testemunho:

“Na Judéia eu não tinha nem Bíblia, nem bagagem de mão; não tinha ninguém para me dizer o nome dos lugares e o nome antigo dos vales e dos montes. Contudo, logo reconheci o vale de Terebinto e o campo de batalha de Saul. Quando estivemos no convento, os padres me confirmaram a exatidão de minhas previsões. Meus companheiros não podiam



Pitágoras: filósofo e matemático grego, viveu entre os anos 500 e 600 a.C.

30 – Heródoto (Hist.). Tomo 2, capítulo 123. *Vie de Pythagore (Vida de Pitágoras)*. Diogenes Laerce.

* Juliano: imperador romano de 301 a 363 d.C., era chamado de “o Apóstata”, que significa aquele que abandonou a fé cristã (N.E.).

** Empédocles: médico, matemático, músico e filósofo grego, viveu em 500 a.C. (N.E.). 31 – *Fragment (Fragmento)*. Diogenes Laerce, *Vie d'Empédocle (Vida de Empédocles)*.

*** Gerolamo Cardano (1501–1576): célebre matemático, médico e filósofo italiano (N.E.).

**** Lamartine (1790–1869): poeta, político e diplomata francês (N.E.).



acreditar. Do mesmo modo, em Séfora, eu havia apontado com o dedo e designado pelo nome uma colina que tinha no alto um castelo arruinado, como o lugar provável do nascimento da Virgem. No dia seguinte, aos pés de um monte árido, reconheci o túmulo dos Macabeus e falava a verdade sem o saber. Exceutando os vales do Líbano, quase não encontrei na Judéia um lugar ou algo que não fosse para mim como uma lembrança. Temos então vivido duas ou mil vezes? Nossa memória é, então, apenas uma imagem desbotada que o sopro de Deus aviva?"*

Em Lamartine, a concepção das vidas múltiplas do ser era tão viva que ele tinha a intenção de fazer disso uma idéia dominante, a inspiradora por excelência de suas obras. *La chute d'un ange* (*A queda de um anjo*) era, em seu pensamento, o primeiro elo, e *Jocelyn* o último de uma série de obras que deviam encadear-se umas às outras e traçar a história de duas almas prosseguindo, através dos tempos, a evolução dolorosa. As agitações da vida política não lhe deixavam tempo para prender umas às outras as contas desse rosário de obras-primas³².

Joseph Méry** estava compenetrado nas mesmas idéias. O *Jornal Literário*, do dia 25 de novembro de 1864, sobre sua vida, dizia o seguinte:

*"Há teorias singulares que, para ele, são convicções. Assim, acredita firmemente que viveu diversas vezes; ele se lembra das menores circunstâncias de suas existências anteriores e as descreve com um tom de certeza tão forte que se impõe como autoridade. Assim, foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio; conheceu Augusto*** e Germânico****; fez a guerra nas Gálias*



Horácio (64–8 a.C.): grande poeta latino, amigo do imperador Augusto.



Virgílio (71–19 a.C.): gênio da poesia latina, autor da *Eneida*. Viveu na mesma época que Augusto.

* Macabeus: sete irmãos e sua mãe, no ano 168 a.C., quando os judeus se achavam sob o domínio de Antioco Epifânio, rei da Síria, foram sacrificados por se recusarem a comer carne de porco e assim renunciar à sua fé em Moisés, que lhes proibia tal alimento. Os macabeus eram uma família da judéia antiga, da tribo dos asmoneus, que pelo seu nacionalismo e fé se distinguiram e tiveram participação gloriosa em muitos episódios do seu povo, pelo que até hoje ainda são celebrados (N.E.).
32 – Ver Petit de Julleville, *Histoire de la littérature française (História da literatura francesa)*, tomo 7.

** Joseph Méry (1798–1856): poeta e romancista francês, celebrou-se pela criatividade das suas obras (N.E.).

*** Augusto (63 a.C. a 14 d.C.): imperador romano dos mais extraordinários. Apesar de sua saúde frágil, durante o seu reinado Roma alcançou o período mais esplendoroso de vida em todos os setores, especialmente nas artes, na arquitetura e também na sua expansão territorial. Foi durante o seu reinado que nasceu Jesus (N.E.).

**** Germânico: célebre general romano do reinado de Augusto (N.E.).



e na Germânia. Era general e comandava as tropas romanas quando atravessaram o Reno. Ele se reconhece nas montanhas e sítios onde acampou, nos vales e campos de batalha em que outrora combateu. Chamava-se Mínius. Aqui se passa um episódio que parece estabelecer bem o fato de tais recordações não serem simples miragens de sua imaginação.

“Um dia, em sua vida atual, ele estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi recebido por jovens noviços, usando longos hábitos escuros, que começaram a falar com ele no mais puro latim. Méry era bom latinista em tudo quanto dizia respeito à teoria e às coisas escritas, mas nunca havia experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal*. Ao ouvir esses romanos de hoje e admirar esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os costumes da época em que era utilizado com os monumentos, pareceu-lhe que um véu caía-lhe dos olhos e que ele mesmo, em outros tempos, havia conversado com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases inteiras e corretas saíam de seus lábios; imediatamente encontrou a elegância e a correção; falou finalmente latim, como falava francês. Tudo isso não poderia ser feito sem uma aprendizagem e, se ele não tivesse sido súdito de Augusto, se não tivesse atravessado esse século de todos os esplendores, não teria improvisado um conhecimento impossível de adquirir em algumas horas.”

O *Jornal Literário*, ainda a respeito de Méry, continua:

“Sua outra passagem pela Terra se deu nas Índias: eis a razão pela qual, quando publicou *La Guerre du Nizan* (A Guerra do Nizan), nenhum de seus leitores duvidou de que ele houvesse morado por tanto tempo na Ásia. Suas descrições são muito vivas e seus quadros, muito originais. Ele faz tocar com os dedos os menores detalhes. É impossível que não tenha visto o que conta; o caráter da verdade está presente em tudo isso.

“Pretende ter entrado nesse país com a expedição muçulmana, em 1035. Lá viveu 50 anos, passou belos dias e se fixou para nunca mais sair, continuou a ser poeta, mas menos dedicado às letras do que em Roma e em Paris. Guerreiro nos primeiros tempos, visionário mais tarde, guardou em sua alma as imagens surpreendentes das margens do rio sagrado e dos sítios hindus. Tinha muitas moradas na cidade e no campo, orou no templo dos elefantes**, conheceu a civilização avançada de

* Juvenal (125 a 42 a.C.): poeta satírico latino (N.E.).

** Templo dos elefantes: templo sagrado da Índia (N.E.).





Emanuel Swedenborg: sábio e poliglota sueco. Inteligência brilhante de sua época, levou as revelações espíritas de que era precursor para um caminho personalista, chegando a fundar uma religião a que chamou Nova Igreja.

Java, viu esplêndidas ruínas que ele assinala e que ainda são tão pouco conhecidas.

“É preciso ouvi-lo cantar seus poemas, porque são verdadeiros poemas essas lembranças a Swedenborg. Ele é bastante sério, não duvideis disso. Não há mistificação feita à custa de seus ouvintes. É uma realidade da qual consegua vos convencer.”

Paul Stapfer, em seu livro intitulado *Victor Hugo à Guernesey (Victor Hugo em Guernesey)* conta suas palestras com o grande poeta. Este lhe falava de sua crença nas vidas sucessivas. Ele acreditava ter sido

Ésquilo*, Juvenal, etc. É preciso reconhecer que essas palavras não brilham por excesso de modéstia e que possuem poucas provas demonstrativas.

O filósofo sutil e profundo que foi Amiel** escrevia:

“Quando penso nas intuições de todas as naturezas que tive desde minha adolescência, parece-me que vivi muitas dúzias e até centenas de vidas. Toda individualidade caracteriza esse mundo idealmente em mim ou, antes, forma-me momentaneamente à sua imagem. É assim que fui matemático, músico, frade, filho, mãe, etc. Nesses estados de simpatia universal, fui até mesmo animal e planta.”

Théophile Gautier, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e muitos outros escritores modernos compartilhavam dessas convicções. Gustave Flaubert***, em sua *Correspondance (Correspondência)*, escreve isto: *“Tenho certeza de ter sido no Império romano diretor de alguma trupe de comediantes ambulantes... e, ao reler as comédias de Plauto, surgem para mim como que recordações”*.

*

Às lembranças de homens ilustres, na maior parte, é preciso acrescentar as de um grande número de crianças.

* Ésquilo (525–426 a.C.): sábio grego. Dramaturgo, criador da tragédia grega. Gênio da literatura (N.E.).

** Henri Frédéric Amiel (1821–1881): poeta, escritor e filósofo suíço de grande profundidade e pureza de pensamento (N.E.).

*** Gustave Flaubert (1821–1880): renomado romancista francês, questionador e polêmico (N.E.).



Victor Hugo (1802 – 1885): é o mais célebre poeta e romancista francês e dos maiores da humanidade. Em vida lutou pela justiça e pela igualdade, tendo sofrido a pena de exílio, que aceitou com serenidade. Defendeu as idéias reencarnacionistas de Allan Kardec contra os detratores da doutrina nascente. Era conhecedor dos fenômenos espíritas.



Aqui, o fenômeno se explica facilmente. A adaptação dos sentidos psíquicos ao organismo material, a partir do nascimento, opera-se lenta e gradualmente. Só é completa por volta dos sete anos, e mais tarde ainda em certos indivíduos.

Até essa época, o espírito da criança, flutuando ao redor de seu envoltório, ainda vive, até certo ponto, a vida do espaço. Ele goza de percepções, de visões que, às vezes, impressionam com fugitivos vislumbres o cérebro físico. Foi assim que pudemos recolher de certas bocas juvenis alusões a vidas anteriores, descrições de cenas e de personagens que não têm nenhuma relação com a vida atual deles.

Essas visões, essas lembranças desfazem-se geralmente ao chegar a idade adulta, quando a alma entra em plena posse dos seus órgãos terrestres. Então, é interrogada, em vão, a respeito dessas lembranças, que desaparecem rapidamente. Toda transmissão das vibrações perispirituais terminou; a consciência profunda emudeceu.

Até agora, não demos a essas revelações toda a atenção que merecem. Os pais que ficam inquietos por causa de manifestações consideradas estranhas e anormais, em vez de provocá-las, procuram, pelo contrário, impedi-las. A ciência perde, assim, úteis indicações. Se a criança, quando tenta traduzir em sua linguagem singela e confusa as vibrações fugitivas de seu cérebro físico, fosse animada, interrogada, em vez de ser repelida, ridicularizada, seria possível obter esclarecimentos de certo interesse em relação ao passado, ao passo que atualmente são perdidas na maioria dos casos.

No Oriente, onde a doutrina das vidas sucessivas está presente em toda parte, dá-se mais importância a essas lembranças. Elas são recolhidas e constatadas na medida do possível e, muitas vezes, a exatidão é verificada. Eis aqui uma prova dentre mil:

Uma correspondência de Simla (Índias Orientais) ao *Daily Mail*³³, conta que um menino, nascido no distrito, era considerado a reencarnação do falecido senhor Tucker, superintendente da comarca, assassinado em 1894 por desordeiros. O menino recorda-se dos menores incidentes de sua vida anterior. Quis visitar vários lugares familiares ao senhor Tucker. No local do homicídio, começou a tremer e deu todas as indicações de terror. “*Esses fatos são muito comuns em Burma – acrescenta o jornal – , onde*

33 – Reproduzida por *Matin e Paris-Nouvelles*, de 8 de julho de 1903, sob o título de Uma Reencarnação, correspondência de Londres, 7 de julho.



os reencarnados que se lembram de seu passado têm o nome de winsas.”

O senhor C. de Lagrange, cônsul da França, escrevia de Vera Cruz (México) à *Revista Espírita*, em 14 de julho de 1880³⁴:

“Há dois anos tínhamos, em Vera Cruz, um menino de sete anos que possuía a faculdade de médium curador*. Diversas pessoas foram curadas, seja pela imposição de suas mãos, seja com a ajuda de remédios vegetais que ele receitava e que afirmava conhecer. Quando lhe perguntavam onde tinha aprendido essas coisas, respondia que, quando era adulto, era médico. Portanto, essa criança tem a lembrança de uma existência anterior.

“Falava com dificuldade. Seu nome era Jules Alphonse, nascido em Vera Cruz. Essa surpreendente faculdade se desenvolveu nele com a idade de quatro anos. Muitas pessoas que primeiramente eram incrédulas se impressionaram e hoje estão convencidas. Quando estava sozinho com os pais, repetia-lhes muitas vezes: ‘Pai, não acredites que ficarei muito tempo contigo; estou aqui apenas por alguns anos, uma vez que é preciso que eu vá para outro lugar.’ E se lhe perguntavam: ‘Mas onde queres ir?’ ‘Longe daqui – respondia – e onde é melhor do que aqui’.

“Este menino era muito sóbrio, grande em todas as suas ações, perspicaz e muito obediente. Depois de algum tempo morreu.”

O *Banner of Light*, de Boston, de outubro de 1892, publicou a seguinte narrativa do honorável Isaac G. Forster, inserida igualmente pelo *Globe Democrat*, de Saint-Louis, em 20 de setembro de 1892, no *Brooklyn Eagle* e no *Milwaukee Sentinel*, de 25 de setembro de 1892:

“Há 12 anos morava no condado de Effingham (Illinois) e perdi uma filha, Maria, quando ela entrava na puberdade. No ano seguinte fixei residência em Dakota. Aí nasceu, há nove anos, uma nova filhinha, que chamamos de Nellie. Assim que ela atingiu a idade de falar, fingia que não se chamava Nellie e sim Maria; dizia que esse era o seu verdadeiro nome, que era o nome que lhe tínhamos dado antigamente.

“Recentemente voltei ao condado de Effingham para cuidar de alguns negócios e levei Nellie comigo. Ela reconheceu nossa antiga residência e muitas pessoas que nunca tinha visto, mas

34 – *Revista Espírita*, 1880.

* Médium curador: aquele que tem o dom de curar ou de aliviar a dor, geralmente pela imposição das mãos ou pela prece (N.E.).



que minha primeira filha, Maria, havia conhecido muito bem. A dois quilômetros da casa havia a escola que Maria freqüentava. Nellie, que nunca a tinha visto, fez uma descrição exata e manifestou o desejo de revê-la. Eu a conduzi e, uma vez lá, ela se dirigiu diretamente para a carteira que sua irmã ocupava, me dizendo: ‘Esta é a minha carteira!’”

O *Journal des Débats* de 11 de abril de 1912, em seu folheto científico assinado por Henri de Varigny, cita um caso semelhante colhido na obra do senhor Fielding Hall, que se dedicou a longas pesquisas sobre essa questão:

“Há cerca de meio século, duas crianças, um menino e uma menina, nasceram no mesmo dia, na mesma aldeia, na Birmânia. Mais tarde casaram-se e, depois de terem formado uma família e praticado todas as virtudes, morreram no mesmo dia.

“Tempos turbulentos sobrevieram e dois jovens de sexos diferentes tiveram de fugir da aldeia onde o primeiro episódio se desenrolou. Foram se estabelecer em outro lugar e tiveram dois filhos gêmeos que, em vez de se chamarem por seus nomes próprios, davam-se entre eles os nomes do casal virtuoso e morto do qual falamos.

“Os pais se espantaram, mas compreenderam logo. Para eles, o casal virtuoso encarnou em seus filhos. Quiseram tirar a prova. Conduziram-nos à aldeia onde o casal havia nascido. Eles reconheceram tudo: estradas, casas, pessoas, até as roupas do casal, conservadas sem que se dissesse a razão. Um se lembrou de ter emprestado duas rupias* para uma pessoa, que ainda vivia; ela confirmou o fato.

“O senhor Fielding Hall, que viu as duas crianças quando tinham seis anos, achava em uma a aparência mais feminina; esta abrigava a alma da mulher já morta. Antes da reencarnação, diziam eles, viveram algum tempo sem corpo, nos ramos das árvores. Mas essas lembranças longínquas se tornaram cada vez menos nítidas e se apagaram pouco a pouco.”

Essa percepção das vidas anteriores se encontra também, excepcionalmente, em alguns adultos.

O doutor Gaston Durville, no *Psychic Magazine*, número de janeiro a abril de 1914, conta um caso notável de recordações no estado de vigília.

A senhora Laure Raynaud, conhecida em Paris por suas curas por meio do magnetismo, afirmava, havia muito tempo, que se lembrava de uma outra vida passada em um lugar que ela

* Rupia: nome da moeda da Índia (N.E.).



descrevia e que dizia reencontraria um dia. Ela declarava ter vivido em condições claramente determinadas (sexo, categoria social, nacionalidade, etc.) e desencarnado há certo número de anos, em consequência de uma moléstia. Testemunhos precisos foram recolhidos a esse respeito.

A senhora Raynaud, em viagem à Itália em março de 1913, reconheceu o país em que tinha vivido. Percorreu os arredores de Gênova e encontrou sua residência como a tinha descrito. *“Graças à ajuda do senhor Calaire, um psiquista erudito de Gênova, encontramos – disse o doutor –, nos registros da paróquia de São Francisco de Albaro, um registro de óbito que foi o da senhora Raynaud nº 1.”*

Todas as declarações feitas por ela muitos anos antes (sexo, condição social, nacionalidade, idade e causa da morte) foram confirmadas.

*

Os testemunhos que nos chegam do mundo invisível são tão numerosos quanto variados. Não só espíritos em grande número afirmam em suas mensagens terem vivido muitas vezes na Terra; mas há os que anunciam com antecedência a sua reencarnação. Eles dizem seu futuro sexo e a época de seu nascimento; fornecem alguns detalhes sobre a própria aparência física ou disposições morais, que permitem reconhecê-los na sua volta a este mundo; prevêm ou anunciam particularidades de sua próxima existência, o que se tem podido verificar.

A revista *Filosofia della Scienza (Filosofia da Ciência)*, de Palermo, número de janeiro de 1911, publicou, sobre um caso de reencarnação, uma narrativa do mais alto interesse, que resumimos a seguir. É o chefe da família na qual os acontecimentos se passaram, o doutor Carmelo Samona, de Palermo, que fala:

“Perdemos, em 15 de março de 1910, uma filhinha que minha mulher e eu adorávamos. Para minha companheira, o desespero foi tal que por um momento receei que ela perdesse a razão. Três dias após a morte de Alexandrine, minha mulher teve um sonho em que acreditou ver a criança lhe dizer: ‘Mãe, não chores mais, eu não te abandonei; não me afastei de ti: ao contrário, voltarei a ti como filha’.

“Três dias mais tarde, a repetição do mesmo sonho. A pobre mãe, a quem nada podia diminuir a dor, e que não tinha, naquela época, nenhuma noção do Espiritismo, encontrava nesses sonhos apenas uma nova razão para reavivar a sua dor. Uma manhã em que se lamentava como de costume, se fizeram ouvir três batidas secas à porta do quarto onde nos encontrávamos. Acreditando



ser a chegada de minha irmã, meus filhos, que estavam conosco, foram abrir a porta dizendo: 'Tia Catherine, entre'. Para nós foi uma grande surpresa constatar que não havia ninguém atrás dessa porta, nem na sala que a precedia. Foi então que resolvemos começar as sessões de tiptologia, na esperança de que talvez por esse meio tivéssemos alguns esclarecimentos sobre o fato misterioso dos sonhos e das batidas que nos preocupavam tanto. Continuamos nossas experiências durante três meses com uma grande regularidade.*

"Desde nossa primeira sessão, duas entidades se manifestaram: uma dizia ser minha irmã, a outra nossa querida filha. Esta última confirmou sua aparição nos dois sonhos de minha mulher e revelou que as pancadas tinham sido feitas por ela e repetiu ainda à sua mãe: 'Não te aflijas mais, pois nascerei de novo por ti, e antes do Natal'. A predição foi acolhida por nós com total incredulidade, porque um acidente seguido de operação (21 de novembro de 1909) tornava impossível outra gravidez para minha mulher. E, entretanto, em 10 de abril, uma primeira suspeita de gravidez se revelou para ela. Em 4 de maio seguinte, nossa filha se manifestou ainda pela mesa e nos deu um novo aviso: 'Mãe, há uma outra em ti'. Como não compreendíamos essa frase, a outra entidade que, parece, acompanhava sempre nossa filha, confirmou-a, comentando assim: 'A pequena não se engana: um outro ser se desenvolve em ti, minha cara Adèle'.

"As comunicações que se seguiram confirmaram todas essas declarações e até mesmo as indicaram com exatidão, ao anunciar que as crianças que deveriam nascer seriam meninas; que uma delas pareceria com Alexandrine e seria até mesmo um pouco mais bela do que ela tinha sido anteriormente. Apesar da incredulidade persistente de minha mulher, as coisas pareceram tomar o caminho anunciado, pois, em meados de agosto, o doutor Cordaro, parteiro renomado, anunciou a gravidez de gêmeos.

*"E a 22 de novembro de 1910, minha mulher deu à luz duas filhinhas, sem semelhança entre si. Uma, entretanto, reproduzia em seus traços as particularidades físicas bem especiais que caracterizavam a fisionomia de Alexandrine, ou seja, uma hiperemia***

* Tiptologia: comunicação dos espíritos por meio de batidas ou apontamento de letras e números previamente fixados numa cartolina. Foram assim as primeiras comunicações dos espíritos em Hydesville (Estados Unidos) às meninas Fox, em 1848. Margaret, de 14 anos, e Kate, de 11, acabaram por desencadear o que se conhece hoje por espiritualismo moderno. Daí se partiu para as mesas girantes, que acabaram por originar a Codificação Espírita por Allan Kardec. Porém, devemos considerar que as batidas (tiptologia) e os demais fatos espíritas são tão antigos quanto o homem (N.E.).

** Hiperemia: congestão sanguínea de um órgão (N.E.).



no olho esquerdo, uma leve seborréia no ouvido direito, enfim, uma dessimetria pouco marcada da face.”*

E, com o apoio de suas declarações, o doutor Carmelo Samona traz os atestados de sua irmã, Samona Gardini, do professor Wigley, da senhora Mercantini, do marquês Natoli, da princesa Niscomi, do conde de Ranchileile, todos que iam ficando a par, à medida que as comunicações obtidas na família do doutor Carmelo Samona se produziam.

Desde o nascimento dessa criança, dois anos e meio se passaram e o doutor Carmelo escreveu à *Filosofia della Scienza* que a semelhança entre a primeira e a segunda Alexandrine fez apenas se confirmar não só no físico, mas principalmente na moral. As mesmas atitudes e brincadeiras calmas, as mesmas formas de carinho com a sua mãe; os mesmos terrores infantis expressos nos mesmos termos, mesma tendência irresistível a usar a mão esquerda, o mesmo modo de pronunciar os nomes daqueles que a rodeiam. Como a primeira Alexandrine, ela abre o armário dos sapatos todas as vezes que pode entrar no quarto onde esse móvel se encontra, calça um pé e passeia triunfalmente pelo quarto. Em uma palavra, ela refaz de modo absolutamente idêntico a existência, na idade correspondente da primeira Alexandrine.

Não se nota nada de semelhante em Maria Pace, sua irmã gêmea.

Compreende-se todo o interesse que apresenta uma observação dessa ordem, seguida durante anos por um investigador do valor do doutor Carmelo.

O senhor Jaffeux, advogado do Supremo Tribunal de Justiça de Paris, comunicava-nos o seguinte fato (5 de março de 1911):

“Desde o início de 1908, tinha como mentor uma mulher que tinha conhecido em minha infância e da qual todas as comunicações apresentavam um caráter de rara precisão: nomes, endereços, cuidados médicos, predições de ordem familiar, etc. Em meados de junho de 1909, transmiti a essa entidade, da parte de Père Henri, diretor espiritual do grupo, o conselho de não prolongar indefinidamente uma permanência estacionária no espaço. Nessa época, a entidade respondeu-me: ‘Tenho a intenção de reencarnar; terei sucessivamente três reencarnações muito breves’. Para o mês de outubro de 1909, ela anunciou espontaneamente que ia reencarnar em minha família e me indicou o local dessa reencarnação:

* Dessimetria: nesse caso, falta de proporcionalidade em tamanho e forma entre os dois lados do rosto (N.E.).



uma aldeia da região de Eure-et-Loir. Tinha, de fato, uma prima grávida lá, naquele momento. Então, fiz a seguinte pergunta:

“Por meio de que sinal a poderei reconhecer?” “Terei uma cicatriz de dois centímetros do lado direito da cabeça.” Em 15 de novembro a mesma entidade me avisou que deixaria de se comunicar a partir do mês de janeiro e seria substituída por um outro espírito. Procurei, a partir desse momento, dar a essa prova toda a sua importância e nada me seria mais fácil, depois de constatar oficialmente a predição, de conseguir um certificado médico do nascimento da criança. Infelizmente, encontrava-me na presença de uma família que manifestava uma hostilidade agressiva contra o Espiritismo. Eu estava desarmado.

“No mês de janeiro de 1910, a criança nasceu, com uma cicatriz de dois centímetros do lado direito da cabeça, e tem agora 14 meses.”

O senhor Warcollier, engenheiro químico em Paris, relata o seguinte fato na *Revue Scientifique et Morale* (Revista Científica e Moral) de fevereiro de 1920:

“A senhora B. pertencia a uma família aristocrática com ideais da nobreza, e me foi apresentada por uma pessoa de minha família, a senhora Viroux. Ela tinha perdido durante a guerra um filho que particularmente amava; ainda lhe restam outros filhos, sendo que um deles é uma filha casada, da qual falaremos a seguir. Os detalhes relativos a esse caso são conhecidos de todos os amigos da senhora B., que haviam sido informados sobre o assunto no decorrer dos acontecimentos. Alistado voluntário no início da guerra, seu filho ganhou rapidamente os galões de subtenente, mas foi morto em combate. A mãe teve um sonho no qual viu o local preciso, um planalto da estrada de ferro, onde o corpo de seu filho estava morto. Graças a esse sonho, ela encontrou os despojos do rapaz e os enterrou no cemitério da aldeia vizinha.

“Alguns meses depois teve um outro sonho e viu seu filho, que lhe dizia: ‘Mãe, não chores, vou voltar, não para ti, mas para minha irmã’. Ela não compreendeu o sentido dessas palavras; mas sua filha teve um sonho semelhante, no qual via seu irmão novamente criança brincando em seu próprio quarto. Nem uma nem outra pensava ou acreditava em reencarnação. A filha da senhora B., que nunca tivera filhos, desolava-se a esse respeito. Mas logo depois ela ficou grávida.

“Na noite que precedeu o nascimento, a senhora B. reviu seu filho em sonho. Ele lhe falou ainda de seu retorno e lhe mostrou um bebê recém-nascido que tinha os cabelos negros, que ela reconheceu perfeitamente quando o recebeu em seus braços



algumas horas mais tarde. A senhora B. convenceu-se, mediante mil detalhes psicológicos e por traços curiosos de caráter, que essa criança era realmente seu filho reencarnado e, entretanto, afirma que antes não era reencarnacionista; era católica de nascimento e, por sua classe, totalmente simpatizante do clero; confessou que era absolutamente céptica, talvez até um pouco atéia, e nunca tinha freqüentado nem os espíritas nem os teósofos**.”*

*

Indicamos neste capítulo as causas físicas do esquecimento das vidas anteriores. Ao terminá-lo, não será conveniente nos colocar num outro ponto de vista e de nos perguntar se esse esquecimento não se justifica por uma necessidade de ordem moral? A lembrança do passado não nos parece desejável para a maioria dos homens, frágeis “*canas pensantes*”*** que se agitam ao sopro das paixões. Ao contrário, parece indispensável para o seu adiantamento que as vidas anteriores sejam momentaneamente apagadas de sua memória.

A persistência das lembranças acarretaria a persistência das idéias errôneas, dos preconceitos de casta, do tempo e do meio; em uma palavra, de toda uma herança mental, de todo um conjunto de visões e de coisas o qual nos custaria muito mais a modificar, a transformar quanto mais vivo estivesse em nós. Encontraríamos aí muitos obstáculos à nossa educação, ao nosso progresso; nossa capacidade de julgar seria muitas vezes falseada desde o nascimento. O esquecimento, ao contrário, ao nos permitir aproveitar mais amplamente os estados diferentes que uma nova vida nos proporciona, nos ajuda a reconstruir nossa personalidade sobre um plano melhor; nossas faculdades e nossas experiências ganham em extensão e em profundidade.

Outra consideração ainda mais séria: o conhecimento de um passado corrupto, sórdido, como deve ser o caso para muitos entre nós, seria um fardo pesado a carregar. É preciso uma vontade fortemente aguçada para ver sem vertigem um longo caminho de erros, de fraqueza, de atos vergonhosos, talvez de crimes, para pesar as conseqüências disso e se resignar a sofrê-las. A maioria dos homens da atualidade é incapaz de tal esforço. A lembrança das vidas anteriores pode ser proveitosa apenas

* Céptico: que duvida de tudo, descrente (N.E.).

** Teósofo: pessoa que segue a teoria teosófica, que é um conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que têm por objeto a união do homem com a divindade (N.E.).

*** Canas pensantes ou caniços pensantes: expressão do físico, matemático, geômetra, escritor e filósofo francês Blaise Pascal (1623–1662) (N.E.).



ao espírito muito evoluído, bastante senhor de si mesmo para suportar o peso disso sem fraquejar, desligado das coisas humanas o bastante para contemplar com serenidade o espetáculo de sua história, reviver as dores e as injustiças sofridas, as traições dos que amou. É um privilégio doloroso conhecer as vidas desperdiçadas, um passado de sangue e de lágrimas; é também uma causa de torturas morais, de tumultos interiores.

As visões que se reúnem a isso seriam, na maior parte dos casos, uma fonte de cruéis inquietações para a alma frágil, presa nas teias de seu destino. Se nossas vidas anteriores foram felizes, a comparação entre as alegrias que nos deram e as amarguras do presente tornaria as outras insuportáveis. Foram culpadas? A contínua expectativa dos males que elas originam paralisaria a nossa ação, tornaria a nossa existência improdutivo. A persistência dos remorsos, a lentidão de nossa evolução nos fariam acreditar que a perfeição é inatingível!

Quantas coisas não gostaríamos de apagar de nossa existência atual, que são outros tantos obstáculos à nossa paz interior, entraves à nossa liberdade! O que seria se os séculos percorridos se desenrolassem sem parar, em todos os seus detalhes, diante de nossos olhos! O que importa trazer consigo são os frutos úteis do passado, ou seja, os valores, as capacidades adquiridas; aí está o instrumento do trabalho, o meio de ação do espírito. É também tudo o que constitui o caráter, o conjunto das qualidades e dos defeitos, dos gostos e das aspirações, tudo o que da consciência profunda se manifesta na consciência normal.

O conhecimento integral das vidas passadas apresentaria inconvenientes terríveis, não somente para o indivíduo, mas também para a coletividade. Introduziria na vida social elementos de discórdia, fermentos de ódio que agravariam a situação da humanidade e atrapalhariam todo o progresso moral. Todos os criminosos da História, reencarnados para expiar, seriam desmascarados; as vergonhas, as traições, as deslealdades, as crueldades de todos os séculos seriam novamente expostas aos nossos olhos. O passado acusador, conhecido de todos, tornaria a ser uma causa de profunda divisão e de terríveis sofrimentos.

O homem que vem para este mundo para agir, desenvolver suas faculdades, conquistar novos méritos, deve olhar para a frente e não para trás. O futuro se abre diante dele, cheio de esperanças e de promessas; a grande lei lhe ordena que avance resolutamente e, para lhe tornar a marcha mais fácil, para livrá-lo de todo laço, de todo fardo, lança um véu sobre seu passado. Agradecemos à Providência infinita que, aliviando-nos da carga esmagadora



dora das lembranças, tornou-nos a elevação mais cômoda, a reparação menos amarga.

Algumas vezes, alegam-nos os contestadores da Doutrina que não é justo ser punido pelas faltas esquecidas, como se o esquecimento apagasse a falta! Disseram-nos, por exemplo: *“Uma justiça que se trama no segredo e que nós mesmos não podemos julgar deve ser considerada como algo extremamente injusto”*.

Mas, antes de mais nada, não existe em tudo algo secreto para nós? O talo de erva que rebenta, o vento que sopra, a vida que se agita, o astro que se move na noite silenciosa, tudo é mistério. Se devemos acreditar apenas nas coisas que compreendemos bem, em que devemos então acreditar?

Se um criminoso, condenado pelas leis humanas, fica doente e perde a memória de suas ações – vimos que os casos de amnésia não são raros –, segue-se disso que sua responsabilidade fica eliminada ao mesmo tempo que suas lembranças? Nenhum poder é capaz de fazer com que o passado deixe de existir.

Em muitos casos, seria mais doloroso saber do que ignorar. Quando o espírito cujas vidas passadas foram criminosas deixa a Terra é que as más lembranças se revelam para ele; quando vê levantarem-se sombras vingadoras, lamenta o tempo do esquecimento? Acusa Deus de lhe ter tirado, com a memória de suas faltas, a perspectiva das provas que acarretam?

Basta-nos conhecer o objetivo da vida, saber que a divina justiça governa o mundo. Cada um está no local que fez para si e nada acontece a não ser que seja por mérito. Não temos nossa consciência por guia e os ensinamentos dos gênios celestes não brilham com um esplendor vivo em nossa noite intelectual?

Mas a inteligência humana flutua em todos os ventos da dúvida e da contradição. Às vezes acha que tudo está bem e pede novas energias vitais; logo em seguida amaldiçoa a existência e reclama o nada. Pode a Justiça Eterna conciliar seus planos com nossos anseios móveis e instáveis? Colocar a questão é resolvê-la. A justiça é eterna apenas porque é imutável. No caso da nossa reencarnação, ela é a harmonia perfeita que se estabelece entre a liberdade de nossas ações e a fatalidade de suas consequências. O esquecimento temporário de nossas faltas não evita o seu efeito. Ignorar o passado é necessário, para que toda atividade do homem vá em direção ao presente e ao futuro, para que se submeta à lei do esforço e se harmonize com as condições do meio em que renasce.



*

Durante o sono, a alma age, pensa, vagueia. Algumas vezes sobe ao mundo das causas* e tem a noção das vidas passadas. Do mesmo modo que as estrelas brilham somente durante a noite, o nosso presente também se deve acolher à sombra para que os clarões do passado se acendam no horizonte da consciência.

A vida na carne é o sono da alma; é um sonho triste ou alegre. Enquanto dura, esquecemos os sonhos anteriores, ou seja, as encarnações passadas. Entretanto, é sempre a mesma individualidade que persiste sob suas duas formas de existência. Em sua evolução, atravessa alternadamente períodos de contração e dilatação, de sombra e de luz. A personalidade se resume ou se abre nesses dois estados sucessivos, como se perde e se recobra por meio das alternativas do sono e da vigília, até que a alma, chegada ao apogeu intelectual e moral, tenha acabado para sempre de sonhar.

Há em cada um de nós um livro misterioso onde tudo se grava em caracteres indestrutíveis. Fechado aos nossos olhos durante a vida terrestre, abre-se no espaço; o espírito evoluído percorre-lhe à vontade as páginas. Encontra aí ensinamentos, impressões e sensações que o homem material tem dificuldade para compreender.

Esse livro, o subconsciente dos psiquistas, é o que chamamos de perispírito. Quanto mais se purifica, mais as lembranças se aclaram. Nossas vidas, uma a uma, emergem da sombra e desfilam diante de nós, para nos acusar ou nos glorificar. Os menores fatos, ações, pensamentos, tudo reaparece e se impõe à nossa atenção. Então o espírito contempla a temível realidade; mede o seu grau de elevação; sua consciência julga sem apelação. Como são doces para a alma, nessa hora, as boas ações realizadas, as obras de sacrifício! Entretanto, pesadas são as fraquezas, as obras de egoísmo e crueldade!

Durante a encarnação, devemos relembrar, a matéria cobre o perispírito com seu manto espesso; comprime, apaga suas radiações; daí o esquecimento. Livre desse laço, o espírito elevado encontra a plenitude de sua memória. O espírito inferior quase não se lembra de sua última existência. É o essencial para ele, uma vez que ela significa a soma do progresso adquirido, a síntese de todo o seu passado; por ela pode avaliar sua situação. Aqueles cujo pensamento não se compenetraram no nosso mundo, das noções das preexistências, ignoram por muito tempo suas

* Mundo das causas: mundo do espírito (N.E.).



vidas primitivas, as mais afastadas. Daí a afirmação de muitos espíritos, em alguns países, de que a reencarnação não é uma lei. Esses não interrogaram as profundezas de seu ser; não abriram o livro trágico no qual tudo está gravado. Conservam os preconceitos do meio terrestre em que viveram, e seus preconceitos, em vez de estimulá-los a essa procura, afastam-nos dela.

Os espíritos superiores, por um sentimento de caridade, conhecendo a fraqueza dessas almas, julgam que o conhecimento do passado ainda não lhes é necessário, evitam atrair para esse ponto a atenção delas, a fim de lhes poupar a visão de quadros dolorosos. Mas chega um dia em que, sob as sugestões “do alto”, sua vontade desperta e rebusca nos recantos da memória. Então, as vidas anteriores lhes aparecem como uma miragem distante. Chegará o tempo em que o conhecimento dessas coisas estará mais divulgado. Todos os espíritos terrestres, iniciados por uma forte educação na lei dos renascimentos, verão o passado se desenrolar diante deles logo após a morte e até mesmo, em alguns casos, durante esta vida. Eles terão adquirido a força moral necessária para encarar os fatos sem enfraquecer.

Para as almas purificadas, a lembrança é constante. O espírito elevado tem o poder de reviver à vontade o passado, de ver o presente com suas conseqüências e de penetrar no misterioso futuro, no qual as profundezas se iluminam por instantes para ele com rápidos clarões, para mergulhar novamente nas sombras do desconhecido.





3

AS VIDAS SUCESSIVAS. – AS CRIANÇAS PRODÍGIOS E A HEREDITARIEDADE

Podem-se considerar algumas manifestações precoces do gênio como tantas outras provas da preexistência, tendo em vista que elas são uma revelação dos trabalhos realizados pela alma em outros ciclos anteriores.

Os fenômenos desse gênero, de que fala a História, não podem ser fatos desconexos, sem ligação com o passado, que acontecem ao acaso, no vazio do tempo e do espaço. Demonstram, ao contrário, que o princípio organizador da vida em nós resulta num ser que chega a este mundo com todo um passado de trabalho e de evolução, dentro de um plano traçado e de um objetivo perseguido no decorrer de suas existências sucessivas.

Cada encarnação encontra, na alma que recomeça nova vida, uma cultura particular de aptidões, aquisições mentais que explicam sua facilidade de trabalho e seu poder de assimilação. É por isso que Platão dizia: “*Aprender é recordar-se!*”

A lei da hereditariedade vem muitas vezes dificultar, em certo ponto, essas manifestações da individualidade, porque o espírito se afeiçoa ao seu corpo apenas por meio de elementos colocados à sua disposição pela hereditariedade. Entretanto, apesar das dificuldades materiais, vê-se manifestarem-se para alguns seres, desde a idade mais tenra, faculdades de tal modo superiores e sem nenhuma relação com as de seus antepassados, que não se pode, apesar de todas as sutilezas da casuística* materialista, relacioná-las a nenhuma causa imediata e conhecida.

* Casuística: diz-se da maneira de ver e aceitar idéias ou fatos passivamente sem apreciar as relações mais amplas e sutis que neles estão subentendidas (N.E.).



Tem-se citado, muitas vezes, o caso de Mozart, que executou uma sonata no piano aos 4 anos e, aos 8, compôs uma ópera. Paganini e Teresa Milanollo, ainda crianças, tocavam violino maravilhosamente. Liszt, Beethoven, Rubinstein eram aplaudidos aos 10 anos. Michelangelo, Salvatore Rosa se revelaram de repente com talentos improvisados. Pascal, aos 12 anos, descobriu a geometria plana, e Rembrandt, antes de saber ler, desenhava como um grande mestre³⁵.

Napoleão* se fez notar por sua aptidão prematura para o militarismo. Desde a infância, brincava de soldadinho como as crianças de sua idade, mas com um método extraordinário, que parecia ser de sua própria invenção.

O século 16 nos deixou a lembrança de um prodigioso poliglota, Jacques Chrichton, que Scaliger denominava um “gênio monstruoso”. Era escocês e, aos 15 anos, discutia em latim, em grego, em hebreu, em árabe sobre qualquer questão. Desde os 14 anos, havia conquistado o grau de mestre.

Henri de Heinecken nasceu em Lübeck, em 1721, e falou quase ao nascer. Aos 2 anos, sabia três línguas. Aprendeu a escrever em alguns dias e dentro de pouco tempo exercitava-se em pronunciar pequenos discursos. Aos 2 anos e meio fez um exame de geografia e histórias antiga e moderna. Viveu apenas do leite de sua ama; quiseram desmamá-lo, e ele enfraqueceu e morreu em Lübeck, em 27 de junho de 1725, quando estava com 5 anos e meio, ao afirmar suas esperanças em outra vida. “*Era, dizem as Mémoires de Trévoux (Memórias de Trévoux), delicado, enfermo e ficava doente muitas vezes.*” Esse jovem fenomenal teve a plena consciência de seu fim próximo. Falava disso com uma serenidade pelo menos tão admirável quanto sua ciência prematura, e quis consolar seus pais ao lhes deixar encorajamentos tirados de suas crenças comuns.

A História dos últimos séculos assinala um grande número dessas crianças prodígios.

O jovem Van der Kerkhove, de Bruges, morreu aos 10 anos e 11 meses, em 12 de



Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791): célebre compositor austríaco. É dentre os mestres da música dos mais admirados em todo o mundo. Desencarnou aos 35 anos, em Viena (Áustria), em extrema penúria, a ponto de ter sido enterrado como indigente em local ignorado. Deixou mais de 600 composições musicais dos mais variados estilos, apreciadíssimas até os nossos dias.

35 – Ver C. Lombroso. *L’homme de génie (O homem de caráter)*.

* Napoleão Bonaparte (1769–1821): foi o gênio militar mais brilhante do século 19 e imperador dos franceses (N.E.).



agosto de 1873, deixando 350 pequenos quadros de mestre, dos quais alguns, diz Adolphe Siret, membro da Academia Real das Ciências, Letras e Belas-Artes da Bélgica, “*poderiam ser assinados por nomes como Diaz, Salvatore Rosa, Corot, Van Goyen, etc.*”

Uma outra criança, William Hamilton, estudava hebreu aos 3 anos e, aos 7, possuía conhecimentos mais extensos do que a maioria dos candidatos ao magistério. “*Eu o vejo ainda – dizia um de seus parentes – responder a uma questão árdua de matemática, depois se afastar pulando, puxando atrás de si o seu pequeno carrinho.*” Aos 13 anos, conhecia 12 línguas. Aos 18, surpreendida todas as pessoas ao seu redor, a tal ponto que um astrônomo irlandês dizia dele: “*Não digo que ele será, mas que já é o primeiro matemático de sua época.*”

Nessa época, 1908, a Itália se honra de possuir um lingüista* fenomenal, senhor Trombetti, que ultrapassou muito aos seus antigos compatriotas, o célebre Pico de Mirandola e o prodigioso Mezzofanti, o cardeal que discursava em 70 línguas.

Trombetti nasceu de uma família de bolonheses pobres e completamente ignorantes. Aprendeu sozinho, na escola primária, o francês e o alemão, e, no fim de dois meses, lia Voltaire e Goethe**. Simplesmente aprendeu o árabe ao ler algo sobre a vida de Abd-el-Kader nessa língua. Um persa, de passagem pela Bolonha, ensinou-lhe sua língua em algumas semanas. Aos 12 anos, aprendeu sozinho e simultaneamente o latim, o grego e o hebreu. Depois estudou quase todas as línguas vivas ou mortas; seus amigos afirmam que ele conhece hoje cerca de 300 dialetos orientais. O rei da Itália nomeou-o professor de filologia*** na Universidade de Bolonha.

No Congresso Internacional de Psicologia de Paris, em 1900, o senhor Charles Richet, da Academia de Medicina, apresentou em assembléia geral, reunidas todas as seções, uma criança espanhola de 3 anos e meio, chamada Pepito Arriola, que tocava e improvisava ao piano árias variadas, muito ricas de sonoridade. Reproduzimos a comunicação feita pelo senhor Richet aos congressistas, na sessão de 21 de agosto de 1900, a respeito dessa criança, antes da audição musical³⁶:

* Lingüista: nesse caso, pessoa versada no estudo das línguas (N.E.).

** Voltaire foi escritor e filósofo francês, e Goethe foi poeta, romancista, dramaturgo e cientista alemão. Ambos escreviam textos complexos, usando uma linguagem difícil, e o fato de Trombetti conseguir ler as obras deles com apenas dois meses de estudo do francês e do alemão demonstra uma inteligência fora do comum (N.E.).

*** Filologia: estudo da língua em toda a sua extensão e dos documentos escritos que servem para documentá-la (N.E.).

36 – Ver *Revue Scientifique*, de 6 de outubro de 1900, e *Compte Rendu Officiel du Congrès de Psychologie*, 1900, F. Alcan.



“Eis o que conta a sua mãe do modo pelo qual, pela primeira vez, percebeu os dons musicais extraordinários do jovem Pepito:

“A criança tinha mais ou menos dois anos e meio quando descobri pela primeira vez, e por acaso, suas aptidões musicais. Naquela época, um de meus amigos músicos me enviou uma composição sua, e eu a tocava ao piano com muita freqüência; é provável que a criança tenha prestado atenção; mas não percebi. Acontece que, numa manhã, ouvi tocar essa mesma ária, mas com tanta autoridade e perfeição que quis saber quem se permitia tocar ao piano desse modo em minha casa. Entrei no salão e vi meu filhinho, que estava sozinho e tocava essa ária. Ele estava sentado sobre um assento elevado, completamente sozinho e, ao me ver, começou a rir e me disse: ‘O que me diz disso, mamãe?’ Acreditei que aí havia acontecido um verdadeiro milagre.’

“A partir desse momento, o pequeno Pepito começou a tocar, sem que sua mãe lhe desse lições, às vezes de partituras, outras de árias que ele inventava.

“Logo estava hábil o suficiente para poder, em 4 de dezembro de 1899, ou seja, não tendo ainda 3 anos, tocar diante de uma platéia bastante numerosa de críticos e de músicos; em 26 de dezembro, com a idade de 3 anos e 12 dias, tocou no Palácio Real de Madri, diante do rei e da rainha-mãe, seis composições musicais de sua autoria, que foram aplaudidas.

“Ele não sabia ler, quer se tratasse de música ou do alfabeto. Não tinha talento especial para o desenho; mas às vezes se punha a escrever árias musicais. Essa escrita não tinha nenhum sentido. Mas era bastante agradável vê-lo pegar um pequeno papel, pôr-lhe como cabeçalho uns rabiscos que significava, parece, a natureza do trecho, sonata, habanera ou valsa, etc. e depois, abaixo, desenhar linhas pretas que seriam as notas. Ele olhava esse papel com satisfação, colocava-o sobre o piano e dizia: ‘Vou tocar isto’ e de fato, tendo diante dos olhos um papel com rabiscos, improvisava de uma maneira espantosa.

“Para dizer a verdade, o que há nele de mais espantoso não é nem o dedilhado, nem a harmonia, nem a agilidade, mas a expressão. Há uma riqueza de expressão espantosa. Quer se trate de um trecho triste, alegre, marcial ou enérgico, a expressão é satisfatória, muitas vezes é tão forte, tão trágica, em algumas árias melancólicas ou fúnebres, que se tem a sensação de que*

* Marcial: relativo a militares ou a guerreiros (N.E.).



Pepito não pode, com seu dedilhado imperfeito, exprimir todas as idéias musicais que estremecem nele: de modo que quase ousaria dizer que é muito maior músico do que parece ser...

“Não somente toca os trechos que acaba de ouvir tocar ao piano, mas ainda pode tocar ao piano as árias cantadas que ouviu. É maravilhoso vê-lo, então, achar, imaginar, reconstituir os acordes do baixo e da harmonia, como poderia fazê-lo um músico habilidoso.”

Desde então, o jovem artista prosseguiu o curso de seus grandes sucessos. Tornou-se um violinista incomparável, brilhou no mundo musical com seu talento precoce, já tocou em grandes concertos em Leipzig e fez representações musicais em Petersburgo³⁷.

Acrescentamos a esta lista o nome de Willy Ferreros, que, com a idade de quatro anos e meio, dirigia com maestria a orquestra do Folies-Bergère, em Paris, depois a do Cassino de Lyon. Eis o que diz, em seu número de 18 de fevereiro de 1911, a revista *Comoedia*: *“É um homenzinho que já traz garbosamente o traje negro, o colete de cetim branco e as botinas de verniz. Com a batuta na mão, dirige com desembaraço, segurança e precisão incomparáveis uma orquestra de 80 músicos, atentos ao menor detalhe, escrupuloso observador do ritmo...”*

O *Intransigent* de 22 de junho de 1911 acrescenta que ele se sobressai na direção das sinfonias de Haydn, na marcha do Tannhauser e na Dança de Anitra, de Grieg.

Citemos também *Le Soir*, de Bruxelas, em sua enumeração de algumas crianças notáveis do além-mar:

“A Universidade de Nova Orleans acaba de dar um diploma de médico a um aluno de 5 anos, chamado Willie Gwin. Os examinadores declararam em seguida na sessão pública que o jovem médico era o mais sábio osteólogo a quem já tinham oferecido um diploma.*

*“A esse propósito, os jornais transatlânticos publicaram uma lista de suas crianças prodígios. Uma delas, mal contando a idade de 11 anos, fundou um jornal chamado *The Sunny Home*, que desde o terceiro número já saía com uma tiragem de 20 mil exemplares.*

“Entre os pregadores de destaque dos Estados Unidos, citamos o jovem Dennis Mahan, de Montana, que desde a idade de 6 anos causava surpresa nos fiéis pelo seu profundo conhecimento das escrituras e pela eloquência de sua palavra.

37 – *Anais das Ciências Psíquicas*. Professor Charles Richet, abril de 1908.

* Osteólogo: especialista em osteologia, que é o ramo da medicina que estuda os ossos (N.E.).



“Pode-se acrescentar a esta lista o nome do famoso engenheiro sueco Ericson, que aos 12 anos era inspetor do grande canal marítimo de Suez e tinha 600 trabalhadores sob suas ordens.”

*

Voltemos ao problema das crianças prodígios e vamos examiná-lo em diferentes aspectos. Primeiramente, duas hipóteses foram propostas para explicá-lo: a hereditariedade e a mediunidade.

A hereditariedade é, ninguém o ignora, a transmissão das propriedades de um indivíduo aos seus descendentes. As influências hereditárias são consideráveis dos dois pontos de vista: físico e psíquico. A transmissão dos pais aos filhos do temperamento, dos traços, do caráter e da inteligência é bem notada em algumas pessoas. Encontramos em nós, em diferentes pormenores, não somente particularidades orgânicas de nossos geradores diretos ou ancestrais, mas ainda suas qualidades ou seus defeitos. No homem atual, revive toda a misteriosa linhagem dos seres, que é o resumo dos esforços seculares para uma vida mais elevada e completa.

Mas ao lado das semelhanças há diferenças mais consideráveis ainda. Os membros de uma mesma família, ao apresentar semelhanças, traços comuns, às vezes também oferecem diferenças que se destacam muito. O fato pode ser constatado em todos os lugares, à nossa volta, em cada família, entre os irmãos e irmãs e mesmo entre os gêmeos. Muitos desses, semelhantes fisicamente em seus primeiros anos, a ponto de dificilmente se conseguir distingui-los uns dos outros, apresentam no decorrer de seu desenvolvimento diferenças sensíveis de feições, caráter e de inteligência.

Para explicar essas diferenças será preciso fazer intervir um fator novo na solução do problema: as reencarnações do ser, que lhe permitiram aumentar suas faculdades de vida em vida, constituir uma individualidade, marcando nela seu selo de originalidade e suas próprias aptidões. Somente essa lei dos renascimentos poderá nos fazer compreender como certos espíritos, ao encarnar, mostram desde seus primeiros anos essas facilidades de trabalho e de aprendizagem que caracterizam as crianças prodígios. Estão aí os resultados de imensos trabalhos que familiarizaram esses espíritos com as artes ou as ciências em que primam. Longas pesquisas, estudos, exercícios seculares deixaram em seu perispírito impressões profundas, criando uma espécie de automatismo psicológico. Para os músicos especialmente, essa faculdade cedo se manifesta com clareza, pela sua maneira de



execução que causa espanto aos mais indiferentes e deixa perplexos os sábios como o professor Richet.

Existem, nesses jovens, reservas consideráveis de conhecimento armazenado na consciência profunda e que, daí, extravasam para a consciência física, de modo a produzir essas manifestações precoces do talento e do gênio. Embora parecendo anormais, são apenas a consequência do trabalho e dos esforços acumulados ao longo dos tempos. É a essa reserva, esses valores indestrutíveis do ser, que F. Myers chama de consciência subliminal e que se encontra em cada um de nós. Ela se revela não somente no sentido artístico, científico ou literário, mas ainda em todas as aquisições do espírito, tanto na ordem moral quanto na intelectual.

A concepção do bem, do justo, a noção do dever são, muitas vezes, mais vivas para certos indivíduos e em algumas raças do que em outras. Elas não resultam somente da educação que recebem, como se pode reconhecer por uma observação atenta dos indivíduos em seus impulsos espontâneos, mas de um fundo pessoal que trazem ao nascer. A educação desenvolve esses germes nativos, permite-lhes desabrochar e produzir todos os seus frutos. Sozinha, ela não poderia predispor tão profundamente nos recém-vindos essas noções superiores que dominam toda a sua existência. Isso é constatado diariamente nas raças inferiores, rebeldes a certas idéias morais e sobre as quais a educação tem pouca influência.

Os antecedentes explicam ainda essas anomalias estranhas dos seres de caráter selvagem, indisciplinado, mau, aparecendo de repente em centros honestos e civilizados. Têm-se visto filhos de boas famílias cometer roubos, provocar incêndios, executar crimes com audácia e habilidade consumadas, sofrer condenações e desonrar o nome que usam. Podemos citar em outras crianças atos de ferocidade sanguinária, que nada ao seu redor ou em sua ascendência pode explicar. Adolescentes, por exemplo, que matam os animais domésticos que caem em suas mãos, após os torturar com uma crueldade refinada.

Em sentido oposto, pode-se constatar casos de dedicação extraordinários pela idade dos que o praticam; salvamentos são efetuados com reflexão e decisão por crianças de dez anos e de menos idade. Esses indivíduos, como os precedentes, parecem trazer para este mundo disposições particulares que não se encontram em seus pais. Assim como se vêem anjos de pureza e de doçura nascer e crescer em meios grosseiros e de pouca moral, encontram-se também ladrões e assassinos em famílias virtuosas;



e nos dois casos essas anomalias se apresentam em condições que nenhum precedente hereditário pode dar a chave do enigma.

Todos esses fenômenos, em sua variedade infinita, encontram sua explicação no passado da alma, nas numerosas vidas humanas que ela percorreu. Cada uma traz ao nascer os frutos de sua evolução, a intuição do que aprendeu, as aptidões adquiridas nos diversos domínios do pensamento e da obra social: na arte, na ciência, no comércio, na indústria, na navegação, na guerra, etc. Se traz habilidade para determinada coisa é porque se exercitou nesse sentido.

O espírito é capacitado para estudos mais diversos, mas no curso limitado da vida terrestre, pelo efeito das condições do ambiente, por consequência das exigências materiais e sociais, geralmente apenas se aplica ao estudo de um número restrito de questões. E desde que sua vontade é orientada para um dos domínios do vasto conhecimento, pelo fato de suas tendências e das noções acumuladas nele, sua superioridade nesse sentido desperta e se evidencia, se define cada vez mais; repercute de existência em existência, revelando-se, a cada retorno ao campo terrestre, por manifestações sempre mais precoces e mais acentuadas. Daí as crianças prodígios e, numa ordem mais específica, as vocações, as predisposições nativas. Revela-se então o talento, o gênio que são o resultado de esforços perseverantes e contínuos para um objetivo determinado.

Entretanto, que a alma é chamada a abordar todas as formas do conhecimento e não a se restringir a algumas necessidades de estágios sucessivos, demonstra-se pelo fato único da lei de um desenvolvimento sem limites. Do mesmo modo que a prova das vidas anteriores se estabelece pelas aquisições realizadas antes do nascimento, a necessidade das vidas futuras se impõe como consequência de nossos atos atuais, essa consequência, para se desenvolver, exige condições e meios em harmonia com o estado das almas. Atrás de nós temos toda uma infinidade de lembranças; diante de nós uma outra infinidade de promessas e de esperanças. Mas, de todo esse esplendor de vida, a maioria dos homens vê e só quer ver apenas o fragmento mesquinho da existência atual, existência de um dia que acreditam sem precedente e sem amanhã. Daí a fraqueza do pensamento filosófico e da ação moral em nossa época.

O trabalho anterior efetuado pelo espírito pode ser facilmente calculado, medido pela rapidez com que cada qual executa novamente um trabalho semelhante sobre o mesmo assunto, ou também pela facilidade com que assimila os elementos de uma



ciência qualquer. Desse ponto de vista, a diferença entre os indivíduos é de tal modo considerável que se tornaria incompreensível sem essa noção das existências anteriores. Duas pessoas igualmente inteligentes, estudando um mesmo assunto, não o assimilam da mesma forma: uma alcançará à primeira vista os menores elementos; outra, apenas à custa de um lento trabalho e de muita aplicação. É que uma já conheceu essa matéria e só precisa recordá-la, enquanto a outra se encontra pela primeira vez diante dessas questões. Acontece o mesmo com a facilidade que certas pessoas têm para aceitar determinada verdade, um princípio, um ponto de uma doutrina política ou religiosa, enquanto outras, só com o tempo e com a força dos argumentos se convencem. Para uns, é coisa familiar ao seu entendimento, enquanto é nova para outros. As mesmas considerações se aplicam, já vimos, à variedade tão grande dos caracteres e das disposições morais. Sem a noção das preexistências, a diversidade sem limites das inteligências e das consciências permaneceria um problema sem solução, e a ligação dos diferentes elementos do eu, em um todo harmonioso, se tornaria um fenômeno sem causa.

O gênio, dizíamos, não se explica pela hereditariedade, nem pelas condições do meio. Se a hereditariedade pudesse produzir o gênio, seria muito mais freqüente. A maioria dos homens célebres tiveram ascendentes de inteligência medíocre e sua descendência foi-lhes notoriamente inferior. Cristo, Sócrates e Joana D'Arc nasceram de famílias obscuras. Sábios ilustres saíram de meios mais vulgares, por exemplo, Bacon, Copérnico, Galvani, Kepler, Hume, Kant, Locke, Malebranche, Réaumur, Spinoza, Laplace, etc. J.-J. Rousseau, filho de um relojoeiro, apaixonou-se pela filosofia e pelas letras na loja de seu pai. D'Alembert, enjeitado, foi encontrado numa noite de inverno na soleira de uma igreja e criado pela mulher de um vidraceiro. Nem a ascendência nem o meio explicam as concepções geniais de Shakespeare.

Os fatos não são menos interessantes, quando consideramos a descendência dos homens de gênio. Seu poder intelectual desaparece com eles; não passa para os filhos. Os filhos conhecidos de um grande poeta ou matemático são incapazes das obras mais elementares nesses dois modos de trabalho. Entre os homens ilustres, a maioria teve filhos tontos ou indignos. Péricles gerou dois tolos: Parallas e Xantippe. Diferenças de outra natureza, mas também acentuadas, encontram-se em Aristipo e seu filho Lisímaco, em Tucídides e Milésias. Também Sófocles, Aristarco,



Temístocles não foram mais felizes com seus filhos. Que contraste entre Germânico e Calígula, entre Cícero e seu filho, Vespasiano e Domiciano, Marco Aurélio e Cômodo! E dos filhos de Carlos Magno, de Henrique IV; de Pedro, o Grande; de Goethe, de Napoleão, o que se pode dizer disso?

Há casos, entretanto, em que o talento, a memória, a imaginação, as mais altas faculdades do espírito, parecem hereditárias. Essas semelhanças psíquicas entre pais e filhos se explicam pela atração e simpatia. São espíritos afins e familiares, atraídos uns para os outros por inclinações semelhantes e que antigas relações uniram. No que diz respeito às aptidões musicais, pode-se constatar esse fato nos casos de Mozart e do jovem Pepito. Mas essas duas pessoas ultrapassam em muito seus ascendentes. Mozart brilha entre os seus como um sol entre obscuros planetas. A capacidade musical de sua família não basta para nos fazer compreender que aos quatro anos tenha revelado conhecimentos que ninguém ainda lhe havia ensinado, e mostrar uma ciência profunda das leis da harmonia. De todos da família, Mozart, apenas ele, tornou-se célebre. Evidentemente, essas supremas inteligências, a fim de manifestarem mais livremente suas faculdades, escolhem, para reencarnar, um meio em que há comunhão de gostos e em que os organismos materiais são, de geração em geração, aprimorados na esfera de ação que perseguem. Isso se encontra particularmente entre os grandes músicos, para quem condições especiais de sensação e de percepção são indispensáveis. Mas, na maioria dos casos, o gênio aparece no seio de uma família sem precedente e sem sucessor, no encadeamento das gerações. Os grandes gênios moralizadores, os fundadores da religião: Lao-Tse, Buda, Zaratustra, Cristo, Maomé pertencem a essa classe de espíritos. É também o caso para essas poderosas inteligências que tiveram neste mundo nomes imortais, como: Platão, Dante, Newton, Giordano Bruno, etc.

Se as exceções fulgurantes ou ocasionais, criadas em uma família pela aparição de um gênio ou de um criminoso, fossem simples casos de hereditariedade, encontraria na genealogia* familiar o ancestral que serviu de modelo, de tipo primitivo para essa manifestação. Acontece que quase nunca isso se dá, nem num sentido nem em outro. Poderiam nos perguntar como conciliaremos essas desigualdades com a lei das atrações e das semelhanças, que parece orientar a aproximação das almas.

* Genealogia: nesse caso, enumeração de ancestrais e seus descendentes na ordem natural de seqüência (N.E.).



O surgimento em algumas famílias de seres sensivelmente superiores ou inferiores, que vêm dar ou receber ensinamentos, exercer ou sofrer influências novas, é facilmente explicável; pode resultar do encadeamento dos destinos comuns que, em alguns casos, tornam a se unir como uma conseqüência de afeições ou ódios mútuos do passado, forças igualmente atrativas que reúnem as almas sobre planos sucessivos na vasta espiral de sua evolução.

*

Seria possível explicar pela mediunidade os fenômenos acima apontados? Alguns tentaram. Nós mesmos, numa obra anterior³⁸, reconhecemos que o gênio deve muito à inspiração, e essa é uma das formas da mediunidade. Mas acrescentamos que, no caso em que essa faculdade especial se nota claramente, não se pode considerar o homem dotado de gênio como um simples instrumento, como é acima de tudo o médium propriamente dito. O gênio, dissemos nós, é principalmente uma aquisição do passado, o resultado dos pacientes estudos seculares, de uma lenta e dolorosa iniciação. Esses antecedentes desenvolveram no ser uma profunda sensibilidade que o torna acessível às influências elevadas.

Há uma grande e sensível diferença entre as manifestações intelectuais das crianças prodígios e a mediunidade tomada em seu sentido geral. É que a mediunidade tem um caráter não-contínuo, passageiro, anormal. O médium não a pode exercer a qualquer momento; são necessárias condições especiais, por vezes difíceis de conciliar; mas as crianças prodígios podem utilizar seus talentos a qualquer momento, de modo permanente, como nós mesmos fazemos com nossas próprias aquisições mentais.

Se analisarmos com cuidado os casos assinalados, reconheceremos que o gênio dos jovens prodígios é um dom pessoal que se manifesta por sua própria vontade. Suas obras, por mais originais e surpreendentes que pareçam, ressentem-se sempre de sua idade e não têm o caráter que apresentariam se fossem mediúnicas, ou seja, de uma entidade espiritual. Há no seu modo de trabalhar e proceder tentativas, hesitações, tateamentos que não se produziriam se eles fossem os instrumentos passivos de uma vontade superior e oculta. É o que constatamos claramente em Pepito, cujo caso estudamos.

Aliás, pode-se admitir que, em alguns indivíduos, essas duas causas: a aquisição pessoal e a inspiração exterior, combinam-se, completam-se uma pela outra. A doutrina da reencarnação não será enfraquecida por isso.

38 – Ver *No invisível*, capítulo 26, A Mediunidade Gloriosa, Ed. FEB.



É sempre a essa doutrina que se deve recorrer quando se trata de abordar desigualdades. As almas humanas são mais ou menos desenvolvidas conforme sua idade e sobretudo pelo emprego que fizeram do tempo vivido. Não fomos todos lançados ao mesmo tempo no turbilhão da vida; não temos caminhado todos de modo igual, desenvolvido do mesmo modo o rosário de nossas existências. Percorremos um caminho infinito; daí procede que nossas situações e nossos valores respectivos nos pareçam tão diferentes; mas o objetivo é o mesmo para todos. Sob o açoitado das provas, sob o agulhão da dor, todos sobem, todos se elevam. A alma não é feita de uma vez só; ela a si mesma se faz; ela mesma se constrói no decorrer dos tempos. Suas faculdades, suas qualidades, seus valores intelectuais e morais, longe de se perderem, capitalizam-se, aumentam de século em século. Pela reencarnação, cada qual vem para continuar a tarefa de ontem, essa tarefa de aperfeiçoamento interrompida pela morte. Daí a brilhante superioridade de algumas almas que viveram muito, adquiriram e trabalharam muito. Daí esses seres extraordinários que aparecem aqui e ali na História e projetam luzes vivas sobre o caminho da humanidade. Sua superioridade é feita apenas da experiência e dos trabalhos acumulados.

Considerada sob esse enfoque, a marcha da humanidade se reveste de aspecto grandioso. Ela se liberta lentamente da obscuridade das idades, emerge das trevas, da ignorância e da barbárie e avança pausadamente no meio dos obstáculos e das tempestades. Sobe o caminho áspero e a cada degrau acima entrevê melhor os grandes cimos, os cumes luminosos onde imperam a sabedoria, a espiritualidade e o amor.

E essa marcha coletiva é também a marcha individual, a de cada um de nós. Porque essa humanidade somos nós mesmos; são os mesmos seres que, após um tempo de repouso no espaço, voltam a reencarnar, até que estejam maduros para uma sociedade melhor, para um mundo mais belo. Fizemos parte das gerações extintas e estaremos entre as gerações que estão por vir. Na realidade, somos apenas uma imensa família humana em marcha para realizar o plano divino nela escrito, o plano de seus magníficos destinos.

Para quem quer ficar atento a isso, todo um passado vive e estremece em nós. Se a História, se todas as coisas antigas têm tantos atrativos aos nossos olhos, se despertam em nossas almas impressões tão profundas, por vezes dolorosas, se nos sentimos viver a vida dos homens de antigamente, sofrer de seus males, é porque essa história é a nossa. A solicitude com que estudamos,



com que veneramos a obra de nossos antepassados, os impulsos repentinos que nos atraem para uma causa ou para uma crença, não têm outra razão de ser. Quando percorremos a história dos séculos, nos apaixonamos por algumas épocas, quando todo o nosso ser se anima e vibra com as lembranças heróicas da Grécia ou da Gália, da Idade Média, das Cruzadas, da Revolução, é o passado que sai da sombra, se anima e revive. No decorrer da trama tecida pelos séculos, encontramos as próprias angústias, as aspirações, as discórdias de nosso ser. A lembrança está momentaneamente adormecida em nós; mas se interrogarmos o nosso subconsciente, ouviremos sair de sua profundidade vozes um tanto vagas e confusas, às vezes brilhantes. Essas vozes nos falariam de grandes epopéias, de migrações de homens, de cavalgadas furiosas que passam como furacões, arrastando tudo para a escuridão e a morte. Elas também nos revelariam as vidas humildes, despercebidas, das lágrimas silenciosas, dos sofrimentos esquecidos, das horas pesadas e monótonas passadas a meditar, a produzir, a orar no silêncio dos claustros ou a vulgaridade das existências pobres e desoladas.

Há momentos em que todo um mundo obscuro, confuso, misterioso, revive e vibra em nós, um mundo cujos rumores, sussurros nos comovem e embriagam. É a voz do passado; ela fala no transe sonambúlico e nos conta as mudanças sucessivas de nossa pobre alma, errando pelo mundo. Ela nos diz que nosso eu atual é feito de numerosas personalidades que se encontram nele como os afluentes no rio; que nosso princípio de vida animou muitas formas, cuja poeira repousa entre os restos dos impérios, sob os vestígios de civilizações mortas. Todas essas existências deixaram bem no fundo de nós traços, lembranças, impressões inesquecíveis.

O homem que se estuda e se observa sente que viveu e viverá novamente; herda de si mesmo, colhendo no presente o que semeou em outras vidas e semeando para o futuro.

Assim se afirmam a beleza e a grandeza dessa concepção das vidas sucessivas, que vêm completar a lei da evolução entrevista pela ciência. Exercendo sua função simultaneamente em todos os domínios, distribui a cada um conforme suas obras e nos mostra, acima de tudo, essa majestosa lei do progresso que rege o universo e dirige a vida para os estados mais belos, sempre melhores.





4

AS VIDAS SUCESSIVAS. – OBJEÇÕES E CRÍTICAS

Já respondemos à principal objeção que o esquecimento das vidas passadas traz ao pensamento. Resta-nos contestar outras, de caráter filosófico ou religioso, que os representantes das Igrejas opõem de boa-fé à doutrina das reencarnações.

Em primeiro lugar, dizem, essa doutrina é insuficiente do ponto de vista moral. Ao abrir ao homem tão amplas perspectivas sobre o futuro, ao lhe deixar a possibilidade de reparar tudo nas existências futuras, encoraja-o ao vício e ao desleixo; não oferece um estímulo muito poderoso e bastante atual para a prática do bem; por todas essas razões, ela é menos eficaz que a crença num castigo eterno após a morte.

Como vimos, a teoria dos castigos eternos não é, mesmo no pensamento da Igreja³⁹, mais do que um espantalho destinado a assustar os maus. Mas a ameaça do inferno, a crença nesses suplícios, eficaz no tempo da fé cega, não assusta mais ninguém. No fundo, é uma impiedade para com Deus, de quem se faz um ser cruel, punindo sem necessidade e sem objetivo de melhoramento.

Em seu lugar, a doutrina das reencarnações nos mostra a verdadeira lei de nossos destinos e, com ela, a realização do progresso e da justiça no universo. Ao nos fazer conhecer as causas anteriores de nossos males, ela coloca fim a essa concepção absurda do pecado original, segundo a qual toda a descendência de Adão, ou seja, toda a humanidade, sofreria o castigo das fraquezas do primeiro homem. É por isso que sua influência moral será mais profunda que a das fábulas infantis do inferno e do paraíso. Será o freio às paixões, ao nos mostrar as conseqüências de nossos atos recaindo sobre nossa vida presente e as futuras,

39 – Ver *Cristianismo e Espiritismo*, Ed. FEB.



semeando nela germes de dor ou de felicidade. Ao nos ensinar que a alma é tanto mais infeliz quanto mais imperfeita e culpada for, estimulará nossos esforços para o bem. É verdade que essa doutrina é inflexível, mas pelo menos sabe proporcionar o castigo à falta e, após a reparação, fala-nos de reabilitação e esperança. A crença tradicional, porém, impregnada da idéia de que a confissão e a absolvição apagam seus pecados, ilude-se com uma esperança vã e prepara para si própria decepções na outra vida; o homem informado das novas luzes aprende a corrigir sua conduta, a se manter em guarda, a se preparar cuidadosamente para o futuro.

Uma outra objeção consiste em dizer: se estamos convencidos de que nossos males são merecidos, que são uma consequência da lei da justiça, uma tal crença terá por efeito apagar em nós toda piedade, toda compaixão para com o sofrimento dos outros; nos sentiremos menos levados a socorrer, a consolar nossos semelhantes, e deixaremos em livre curso as suas provas, uma vez que devem ser para eles uma expiação necessária e um meio de adiantamento. Essa objeção é illusória, enganosa; emana de fonte interesseira, falsa.

Consideremos primeiramente a questão do ponto de vista social; e, a seguir, em seu sentido individual. O Espiritismo nos ensina que os homens são solidários entre si, unidos pela mesma sorte. As imperfeições sociais de que todos sofremos, mais ou menos, são os resultados de nossas ações coletivas no passado. Cada um de nós tem a sua parte de responsabilidade e o dever de trabalhar para o melhoramento do destino geral. A educação das almas humanas obriga-as a ocupar situações diversas. Todos devem alternadamente sofrer a prova da riqueza e a da pobreza, do infortúnio, da doença, da dor.

Diante das misérias desse mundo que não o atingem, o egoísta se desinteressa e diz: *"Depois de mim, o dilúvio!"** Ele acredita que a morte o livra da ação das leis terrestres e das convulsões das sociedades. Com a reencarnação, o ponto de vista muda. Seria preciso ainda voltar e sofrer os males que contávamos deixar aos outros. Todas as paixões e injustiças que tivermos tolerado, encorajado, sustentado, por fraqueza ou interesse, se dirigirão contra nós. Esse meio social para o melhoramento do qual nada tivermos feito nos constrangerá com toda a sua força opressora. Quem oprimiu, explorou os outros, será oprimido, explorado, por

* "Depois de mim o dilúvio": frase atribuída a Luiz XV (1710 – 1774), rei de França (N.E.).



sua vez. Quem semeou a divisão, o ódio, sofrerá os efeitos disso. Os orgulhosos serão desprezados e aquele que roubou terá de devolver. Aquele que fez sofrer sofrerá. Se quiserdes assegurar vosso próprio futuro, trabalhai, desde agora, para se aperfeiçoar, para tornar melhor o meio em que deveis renascer, pensai no vosso próprio melhoramento. Eis o que é necessário para eliminar as misérias coletivas que devem ser vencidas pelo esforço de todos. Aquele que, podendo ajudar seus semelhantes, deixa de fazê-lo, falta à lei da solidariedade.

Quanto aos males individuais, diremos, ao nos colocar em um outro ponto de vista: não somos juízes para distinguir com exatidão onde começa ou acaba a expiação. Nós mesmos sabemos em quais casos há expiação? Muitas almas, sem serem culpadas, mas ansiosas por progredir, pedem uma vida de provas para evoluir mais rapidamente. A ajuda que devemos a essas almas pode ser uma das condições tanto de seu destino como do nosso, e é possível que sejamos colocados no seu caminho para aliviá-los, esclarecê-los, reconfortá-los. Todo bem e todo mal realizado remontam à sua origem com seus efeitos, e é negativo de nossa parte negligenciar a menor ocasião de nos tornarmos úteis e prestativos.

*“Fora da caridade não há salvação”**, disse Allan Kardec. Aí está o preceito por excelência da moral espírita. Em todos os lugares onde o sofrimento se manifeste, deve encontrar corações compassivos, prontos a socorrer e a consolar. A caridade é a mais bela das virtudes; é a única obra de acesso aos mundos felizes.

*

Muitas das pessoas para quem a vida foi rude e difícil sentem medo ante a perspectiva de renová-la indefinidamente. Essa longa e difícil elevação no decorrer dos tempos e entre os mundos enche de pavor aqueles que, tomados de cansaço, esperam um repouso imediato e uma felicidade sem fim. É certo que é preciso ter vigor na alma para contemplar sem vertigem essas perspectivas imensas. A concepção católica é mais sedutora para as almas tímidas, para os espíritos preguiçosos, porque, conforme ela ensina, poucos esforços têm a fazer para ganhar a salvação. A visão do destino é formidável. Só espíritos vigorosos podem considerá-la sem enfraquecer e encontrar na noção do destino o estimulante necessário, a compensação aos pequenos hábitos confessionais, a calma e a serenidade do pensamento.

* *“Fora da caridade não há salvação”*: o assunto acha-se desenvolvido em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 15 (N.E.).



Uma felicidade que é preciso conquistar à custa de muitos esforços, mais amedronta do que atrai as almas humanas, ainda fracas em sua maioria e inconscientes de seu magnífico futuro. Mas a verdade está acima de tudo! Não estão em questão aqui as nossas conveniências pessoais. A Lei, agrade ou não, é a Lei! Cabe a nós adaptar nossos objetivos e atos a ela, e não lhe cabe dobrar-se às nossas exigências.

A morte não pode transformar um espírito inferior em elevado. Somos, nesta como na outra vida, o que fizemos, intelectual e moralmente. Todas as manifestações espíritas o demonstram. Entretanto, dizem que apenas as almas perfeitas habitarão os reinos celestes, e, de outro modo, condicionam e limitam os meios de aperfeiçoamento ao círculo de uma vida fugaz, passageira. Podem-se vencer as paixões, endireitar o caráter no decorrer de uma única vida? Se alguns o têm conseguido, o que pensar da multidão de seres ignorantes e viciosos que povoam o nosso planeta? É admissível que sua evolução se resuma a essa curta passagem sobre a Terra? E aqueles que se tornaram culpados de grandes crimes, onde encontrarão as condições necessárias para a reparação? Se não for nas reencarnações sucessivas, recairemos forçosamente no labirinto do inferno. Mas um inferno eterno é tão impossível quanto um eterno paraíso, uma vez que não há ato tão louvável ou crime tão horroroso que acarrete uma eternidade de recompensas ou de castigos!

Basta considerar a obra da natureza desde a origem dos tempos para constatar em todos os lugares essa lenta e tranqüila evolução dos seres e das coisas, que se ajusta tão bem ao poder eterno e que todas as vozes do universo proclamam. A alma humana não escapa a essa regra soberana. Ela é o resumo, o remate desse esforço prodigioso, o último anel da cadeia que se desenrola desde as mais profundas camadas da vida e cobre o globo inteiro. Não é no homem que se resume toda a evolução dos reinos inferiores e que aparece com esplendor o princípio sagrado da perfeição? Esse princípio não é a sua própria essência e uma espécie de selo divino marcando sua natureza? E, se ocorre desse modo, como admitir que a inteligência humana possa ser colocada fora das leis imponentes, emanadas da Causa Primária das Inteligências?

A onda de vida que se desencadeia através dos tempos para chegar ao ser humano e que, em seu curso, é dirigida por essa regra grandiosa da evolução poderia terminar em nada? O princípio do progresso está escrito em todos os lugares: na natureza



e na História. Todo o movimento que ele imprime às forças em ação sobre nosso mundo vai terminar no homem; pode-se pretender que a parte essencial do homem, seu eu, sua consciência, escape a essa lei de continuidade e de progressão? Não! A lógica, sem falar dos fatos, demonstra que nossa existência não pode ser isolada. O drama da vida não pode compor-se de um único ato; é preciso uma seqüência, um prolongamento, pelos quais se explicam e se esclarecem as incoerências aparentes e as obscuridades do presente; é preciso um encadeamento de existências, solidárias umas às outras, fazendo sobressair o plano e a organização que presidem aos destinos dos seres humanos.

Resulta disso que seremos condenados a um trabalho doloroso e incessante? A lei da elevação retardará indefinidamente o período de paz e de descanso? De maneira nenhuma. Ao fim de cada vida terrestre, a alma colhe o fruto das experiências adquiridas; direciona suas forças e suas faculdades para a vida interior e individual. Procede ao inventário de sua obra terrestre, assimila dela as partes úteis e rejeita os elementos improdutivos. É a primeira ocupação na outra vida, o trabalho por excelência de recapitulação e de análise. O recolhimento entre os períodos de atividade terrestre é necessário, e todo ser que segue o caminho normal, dele recebe os seus benefícios.

Dizemos recolhimento porque, na realidade, o espírito, na espiritualidade, não descansa. A atividade é sua própria natureza. Não vemos essa atividade no sono? Só os órgãos materiais de transmissão sentem a fadiga e morrem. Na vida espiritual, esses entraves são quase desconhecidos; o espírito pode se dedicar, sem incômodo e sem constrangimento, até o momento da reencarnação, às missões que lhe são destinadas.

Seu retorno à vida terrestre é como um rejuvenescimento. A cada renascimento, a alma reconstitui para si uma espécie de virgindade. O esquecimento do passado, qual Lete* benfazejo e reparador, torna a fazer dela um ser novo, que recomeça a elevação vital com mais ardor. Cada vida realiza um progresso, cada progresso aumenta o poder da alma e a aproxima do estado de perfeição. Essa lei nos mostra a vida eterna em sua amplitude. Todos nós temos um ideal a realizar: a beleza e a felicidade supremas. Nós nos encaminhamos para esse ideal mais ou menos rapidamente, seguindo o impulso de nossos impulsos e a intensidade de nossos desejos. Nossa vontade e nossa consciência, reflexos

* Lete: um dos rios dos infernos. O nome Lete significa esquecimento; as almas que bebiam a água desse rio esqueciam os males e prazeres da vida física (N.E.).



vivos da norma universal, são nossos únicos juízes. Cada existência humana condiciona a seguinte. Seu conjunto constitui a plenitude do destino, ou seja, a comunhão com o infinito.

*

Muitas vezes nos perguntam: como a expiação, o resgate das faltas passadas, podem ser meritórios e fecundos para o espírito reencarnado, uma vez que, esquecido e inconsciente das causas que o oprimem, ignora presentemente o objetivo e a razão de ser de suas provas?

Vimos que o sofrimento não é forçosamente uma expiação. Toda a natureza sofre; tudo que vive, a planta, o animal e o homem, está sujeito à dor. O sofrimento é um modo de evolução, de educação. Mas no caso proposto, é preciso lembrar que uma distinção deve ser estabelecida entre a inconsciência atual e a consciência virtual* do destino no espírito reencarnado.

Quando o espírito compreende, à luz intensa do além, que uma vida de provas lhe é absolutamente necessária para apagar os resultados deploráveis de suas existências anteriores, esse mesmo espírito, agindo em plena inteligência e plena liberdade, escolhe ou aceita espontaneamente sua reencarnação futura com todas as conseqüências que ela acarreta, aí compreendido o esquecimento do passado, que se segue ao ato da reencarnação. Essa visão inicial, clara e total de seu destino, no momento preciso em que o espírito aceita o renascimento, basta para estabelecer a consciência, a responsabilidade e o mérito dessa nova vida. Dela conserva a intuição, o instinto adormecido, que a menor lembrança, o menor sonho, bastam para acordar e fazer reviver. É por esse laço invisível, mas real e poderoso, que a vida presente se liga à vida anterior do mesmo ser e constitui a unidade moral e a lógica implacável de seu destino. Nós não nos lembramos do passado; é que, muitas vezes, como já demonstramos, nada fazemos para despertar essas lembranças adormecidas. Mas a ordem das coisas não subsiste menos; nenhum anel da cadeia magnética se apagou, e ainda menos se quebrou.

O homem na idade madura não se lembra mais dos detalhes de sua primeira juventude; isso o impede de ser a criança de antigamente e de lhe realizar as promessas? O grande artista que, ao entardecer de um dia de trabalho, cede à fadiga e adormece, não guarda durante o sono o plano virtual, a visão íntima

* Virtual: que existe como faculdade, porém sem exercício atual. Possível de se realizar (N.E.).



da obra que vai retomar e continuar assim que acordar? Acontece o mesmo com o nosso destino. Ele também é um trabalho constante, entrecortado muitas vezes em seu andamento, por sonos que são, na realidade, atividades em dimensão diferente, iluminadas por sonhos de luz e de beleza!

A vida do homem é um drama lógico e harmonioso, cujas cenas e decorações mudam, variam ao infinito, mas não se afastam por um único instante da unidade do objetivo nem da harmonia do conjunto. Só quando voltarmos para o mundo invisível compreenderemos o valor de cada cena, o encadeamento dos atos, a incomparável harmonia do todo em suas relações com a vida e a unidade universais.

Sigamos, com fé e confiança, a linha traçada pela Mão Infallível. Dirijamo-nos aos nossos fins, como os rios vão para o mar – fecundando a terra e refletindo o céu.

*

Duas objeções ainda se apresentam: “*Se a teoria da reencarnação fosse verdadeira – diz Jacques Brieu, no *Moniteur des Études Psychiques* –, o progresso moral deveria ser sensível desde o início dos tempos históricos. Acontece que a realidade é outra. Os homens de hoje são tão egoístas, violentos, cruéis e tão ferozes como o eram há dois mil anos.*”

Essa apreciação é exagerada. Ainda que fosse assim, não prova nada contra a reencarnação. Os melhores homens, nós sabemos, aqueles que, após uma seqüência de existências, atingiram certo grau de perfeição, prosseguem sua evolução em mundos mais avançados e voltam à Terra apenas excepcionalmente, na qualidade de missionários. Por outro lado, grande número de espíritos, vindos de planos inferiores, juntam-se a cada dia à população do globo. Como, nessas condições, estranhar que o nível moral se eleve muito pouco?

Segunda objeção: a doutrina das vidas sucessivas, ao se espalhar na humanidade, traz abusos inevitáveis. Não acontece o mesmo com todas as coisas no seio de um mundo pouco avançado, cuja tendência é corromper, desnaturar os ensinamentos mais sublimes, acomodá-los a seus gostos, paixões e interesses mesquinhos?

Está claro que o orgulho humano pode encontrar aí amplas satisfações e, com a colaboração de espíritos zombeteiros ou da sugestão automática*, assiste-se, por vezes, às revelações

* Sugestão automática: comunicação anímica, ou seja, do próprio médium que ele por vezes afirma ser de um espírito desencarnado (N.E.).



mais cômicas. Do mesmo modo que muitas pessoas têm a pretensão de descender de uma ilustre linhagem, assim também, entre os espíritas, encontra-se muito crente vaidoso convencido de ter sido este ou aquele personagem célebre do passado.

“*Em nossos dias* – diz F. Myers⁴⁰ – *Anna Kingsford e Edward Maitland pretendiam ser nada menos do que a Virgem Maria e São João Batista.*”

Pessoalmente, conheço uma dezena de pessoas que afirmam ter sido Joana D’Arc. Seria algo infinito se fosse preciso enumerar todos os casos desse gênero. Entretanto, há casos em que é possível ser verdade. Mas como os distinguir dos erros? É preciso, em tais matérias, entregar-se a uma análise atenta e passar essas revelações por uma crítica rigorosa; investigar primeiramente se nossa individualidade apresenta traços surpreendentes de semelhança com a pessoa designada; depois solicitar da parte dos espíritos reveladores provas de identidade no que diz respeito a essas personalidades do passado e a indicação de detalhes e de fatos desconhecidos, cuja verificação seja possível apurar.

É bom lembrar que esses abusos, como tantos outros, não derivam da natureza da causa em questão, mas da inferioridade do meio em que acontecem. Esses abusos, frutos da ignorância e de um falso julgamento, se atenuarão e desaparecerão com o tempo, graças a uma educação mais forte e mais prática.

*

Uma última dificuldade ainda resta: é a contradição aparente dos ensinamentos espíritas a respeito da reencarnação. Nos países anglo-saxões, por muito tempo as mensagens dos espíritos não falavam dela; muitos até mesmo a negavam, e isso serviu de principal argumento para os adversários do Espiritismo.

Já respondemos em parte a essa objeção. Dissemos que essa desigualdade se explicava pela necessidade em que se encontravam os espíritos de ser tolerantes, no início, com os preconceitos religiosos muito arraigados em certos meios. Muitos pontos da doutrina foram propositadamente deixados de lado nos países protestantes, mais hostis em relação à reencarnação, para serem divulgados com o tempo, no momento oportuno. De fato, depois desse período de silêncio, vemos as afirmações espíritas em favor das vidas sucessivas aparecerem hoje nesses países com a mesma intensidade que nos países latinos. Alguns pontos dos ensinamentos foram esclarecidos aos poucos; não houve contradição.



A negação provém quase sempre de espíritos pouco avançados para saberem e poderem ler em si mesmos e distinguir o futuro que os espera. Sabemos que essas almas passam pela reencarnação sem a preverem e, chegada a hora, são imersas na vida espiritual como em um sonho anestésico.

Os preconceitos de raça e de religião, que marcaram sobre a Terra uma influência considerável sobre esses espíritos, continuam na outra vida. Enquanto a entidade elevada pode facilmente se libertar deles após a morte, os menos avançados permanecem muito tempo submissos a esses preconceitos.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, os preconceitos de cor e de raça, entre eles muito fortes, fizeram considerar a lei dos renascimentos de um aspecto totalmente diferente de como é vista no Velho Mundo, onde as velhas tradições orientais e célticas* haviam depositado o seu germen em muitas almas. A questão parecia a princípio tão chocante, provocava tanta repulsão, que os espíritos dirigentes do movimento julgaram mais prudente tolerar. Deixaram, primeiramente, a idéia se expandir nos meios mais bem preparados para, daí, ganhar os centros refratários por caminhos diferentes, visíveis e ocultos, e se infiltrarem lentamente neles, como está ocorrendo agora.

A educação protestante não deixa no pensamento dos crentes ortodoxos** nenhum lugar à noção das vidas sucessivas. Segundo os seus princípios, após a morte a alma é julgada e sua sorte fixada definitivamente, seja no paraíso, seja no inferno. Para os católicos, existe um meio-termo: é o purgatório, meio impreciso, não-localizado, onde a alma deve expiar suas faltas e se purificar por meios incertos. Essa concepção é meio caminho para as idéias de renascimentos terrestres. O católico pode assim ligar as antigas crenças às novas, enquanto o protestante ortodoxo se encontra na necessidade de fazer tábua rasa*** e de edificar no seu entendimento doutrinas totalmente diferentes das que lhes foram ensinadas pela sua religião. Daí a hostilidade que o princípio das vidas sucessivas encontrou, no começo, nos países anglo-saxônicos adeptos do protestantismo; razão pela qual esses preconceitos persistem, mesmo depois da morte, para certa categoria de espíritos.

* Céltico: relativo aos celtas, povo indo-germânico que, saído do centro-sul da Europa, espalhou-se por parte da Espanha, Itália, etc. (N.E.).

** Ortodoxo: nesse caso, aquele que cumpre fielmente as determinações de uma doutrina religiosa (N.E.).

*** Fazer tábua rasa: nesse caso, ignorar (N.E.).



Vimos que, na atualidade, uma reação se produz pouco a pouco. A crença nas vidas sucessivas ganha a cada dia um pouco mais de terreno nos países protestantes, à medida que a idéia de inferno perde toda a influência. Ela já conta, na Inglaterra, nos Estados Unidos e em outros países, com inúmeros seguidores. Os principais órgãos espíritas desses países a adotaram ou pelo menos a discutem de maneira absolutamente justa. Os testemunhos dos espíritos em seu favor, tão raros a princípio, hoje se multiplicam. Eis alguns exemplos:

Uma importante obra foi publicada em Nova York em 1905, com o título *The widow's mite*, na qual o princípio das reencarnações é aceito. O autor, senhor Funck, é, diz J. Colville, na *Light*, “um homem altamente conhecido e respeitado nos centros literários americanos como o mais antigo associado da firma Funck e Wagnalls, que publicou o famoso Standard Dictionary, cuja autoridade é reconhecida em todos os lugares onde se fala a língua inglesa.”

Nessa obra, o autor expõe primeiramente as condições de experimentação, que são rigorosas; depois, passa em revista as comunicações do espírito mentor Amos. Este diz:

“Há aqui um espírito luminoso que eu vos apresento esta noite. Ele vem vos ensinar a respeito da reencarnação, que foi o objeto de uma de vossas questões. É um espírito muito elevado, que consideramos como um instrutor para nós mesmos e vem a nosso pedido. Vós vos lembrais que as perguntas que haveis feito, em várias reuniões, não tinham recebido uma resposta satisfatória. Lamento muito que o professor Hyslop esteja ausente, já que fez várias perguntas a esse respeito, em outra ocasião.”

Uma voz mais forte do que a anterior e muito diferente da outra toma assim a palavra:

“Meus amigos, a reencarnação é a lei do desenvolvimento do espírito no caminho de seu progresso, e todos devemos progredir, lentamente, é verdade, com pausas mais ou menos prolongadas, e esse crescimento leva longos séculos.”

Stainton Moses, aliás, Oxon, professor da Universidade de Oxford, foi o médium ideal, pois era de uma grande cultura e de uma moralidade exemplar. Incentivador do movimento espiritualista na Inglaterra, recebeu e produziu a afirmação das vidas sucessivas em seus ensinamentos espiritualistas:

“A criança – foi-lhe dito – pode alcançar o amor e a ciência apenas pela educação adquirida por uma nova vida terrestre. Uma tal experiência é necessária e numerosos espíritos escolhem um retorno à Terra, a fim de ganhar o que lhes falta.”



F. Myers, em sua obra magistral *Personnalité humaine; sa survivance* (edição inglesa), capítulo 10, exprime uma opinião semelhante:

“Nosso novo conhecimento em ‘psiquismo’, confirmando o pensamento antigo, confirma também, em relação ao cristianismo, os relatos das aparições de Cristo depois da morte e nos faz entrever a possibilidade da reencarnação benfazeja dos espíritos que já atingiram um nível mais elevado do que o do homem.”

Na página 329:

“A doutrina da reencarnação não encerra nada que seja contrário à melhor razão e aos instintos mais elevados do homem. Não é, decerto, fácil estabelecer uma teoria firmando a criação direta de espíritos em fases de adiantamento tão diversas quanto aquelas em que tais espíritos entram na vida terrena sob a forma de homens mortais; deve existir certa continuidade, certa forma de passado espiritual. Para o momento, não possuímos nenhuma prova em favor da reencarnação.”

Myers não conhecia as experiências recentes das quais falamos no capítulo 2; entretanto, ele ainda afirma: *“a evolução gradual (das almas) tem numerosas etapas, às quais é impossível assinalar um limite”*.

Mais recentemente, o livro *Lettres du monde des esprits (Cartas do mundo dos espíritos)*, de Lord Carlingford, publicadas na Inglaterra, admitem a reencarnação como uma conseqüência necessária da lei da evolução.

A doutrina das vidas sucessivas, dizemos, nesse momento avança um pouco em todas as partes, do outro lado do Canal da Mancha. Aí vemos um filósofo, como o professor Taggart, adotá-la de preferência às outras doutrinas espiritualistas e declarar, como fez Hume antes dele, *“que ela é a única que apresenta argumentos razoáveis sobre a imortalidade”*.

Enfim, em seu discurso de abertura como presidente da Sociedade para Pesquisa Psíquica, o reverendo W. Boyd-Carpenter, bispo de Ripon, em 23 de maio de 1912, diante de um auditório numeroso e distinto, fez ressaltar a utilidade das pesquisas psíquicas para obter um conhecimento mais completo do eu humano e indicar com exatidão as condições de sua evolução. “O interesse desse discurso – diz o *Anais das Ciências Psíquicas* de maio de 1912 – reside especialmente nisso: o ver-se aí um alto dignitário da Igreja Anglicana afirmar, como certos padres da Igreja Católica, a preexistência da alma, aderir à teoria da evolução e das existências múltiplas”.





5

AS VIDAS SUCESSIVAS. – PROVAS HISTÓRICAS

Nosso estudo seria incompleto se não déssemos uma rápida olhada para o papel que representou na História a crença nas vidas sucessivas.

Essa doutrina domina toda a Antiguidade. Vamos encontrá-la no coração das grandes religiões do Oriente e nas obras filosóficas mais puras e elevadas. Ela guiou em sua marcha civilizações do passado e se eternizou de tempos em tempos. Apesar das perseguições e trevas temporárias, reapareceu e persiste no decorrer dos séculos em todos os países.

Originária da Índia, expandiu-se para o mundo. Muito antes de terem aparecido os grandes reveladores* dos tempos históricos, era formulada nos Vedas** e claramente no Bhagavad-Gita***. O bramanismo e o budismo se inspiraram nela e, ainda hoje, milhões de asiáticos – o dobro ou mais do que representam todas as associações cristãs reunidas – acreditam na pluralidade das existências.

O Japão nos mostrou, há pouco, o que tais crenças podem fazer por um povo. A magnífica coragem, o espírito de sacrifício que os japoneses mostram em face da morte, sua indiferença diante da dor, todas essas qualidades superiores que fizeram a admiração do mundo em circunstâncias memoráveis, não tiveram outra causa.

Após a batalha de Tsushima, diz-nos o *Journal*, numa cena de melancolia grandiosa, diante do exército reunido no cemitério de Aoyama, em Tóquio, o almirante Togo falou em nome da

* Os grandes reveladores: veja o *O Livro dos Espíritos*, questão 628 (N.E.).

** Vedas: livros sagrados para os hindus (N.E.).

*** Bhagavad-Gita: poema sagrado para as religiões da Índia (N.E.).



nação e dirigiu-se aos mortos em termos patéticos. Pediu às almas desses heróis que “*protegessem a marinha japonesa, que freqüentassem os navios e que reencarnassem em novas equipagens*”⁴¹.

Se, com o professor Izoulet, comentando no Colégio de França a obra do autor americano A. Mahan sobre o Extremo Oriente, admitirmos que a verdadeira civilização está no ideal espiritual e que, sem ele, os povos caem na corrupção e na decadência, será preciso reconhecê-lo bem: o Japão está destinado a um grande futuro.

Voltemos à Antiguidade. O Egito e a Grécia adotaram essa mesma doutrina. Sob um simbolismo mais ou menos obscuro, esconde-se por toda parte a palíngenesia*.

A antiga crença dos egípcios nos é revelada pelas inscrições dos monumentos e pelos livros de Hermes: “*Tomada na origem – diz-nos o senhor M. de Vogüé – a doutrina egípcia nos apresenta a viagem*

às terras divinas como uma série de provas, ao sair das quais se opera a ascensão na luz”. Mas o conhecimento das leis profundas do destino era reservado apenas aos iniciados. Em seu livro recente, *La vie e la mort (A vida e a morte)*, A. Dastre se exprime assim⁴²:

*“No Egito, a doutrina das transmigrações** era representada por imagens sagradas surpreendentes. Cada ser tinha o seu duplo. Ao nascer, o egípcio é representado por duas figuras. Durante a vigília, as duas individualidades se confundem em uma única; mas durante o sono, enquanto um repousa e repara os órgãos, o outro se lança no mundo dos sonhos. Todavia, essa separação não é completa; ela o será apenas após a morte ou, antes, a separação completa é que será a própria morte. Mais tarde, esse duplo ativo poderá vir vivificar um outro corpo terrestre e realizar assim uma nova existência semelhante.”*

Na Grécia, encontramos a doutrina das vidas sucessivas nos poemas órficos. Era a crença de Sócrates, de Platão, de Pitágoras, de Apolônio*** e de Empédocles. Sob o nome de



Sócrates



Platão

Sócrates e Platão: filósofos gregos precursores da doutrina cristã e do Espiritismo. Veja em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução.

41 – Ver o *Journal* de 12 de dezembro de 1907, artigo do senhor Ludovic Naudeau, testemunha da cerimônia. Ver também Yamato Damachi ou a *L'ame japonaise (A alma japonesa)* e o livro do professor americano Hearn, matriculado em uma universidade japonesa: *Kakoro ou l'idée de la préexistence (Kakoro ou a idéia da preexistência)*.

* Palíngenesia: teoria dos renascimentos sucessivos ensinada por filósofos gregos e por religiões orientais muito antes da era cristã (N.E.).

42 – Citação de P. C. Revel, *Le hasard, sa loi et ses conséquences (O acaso, sua lei e suas consequências)*.

** Transmigração: passagem da alma de um corpo para outro (N.E.).

*** Pitágoras e Apolônio: sábios e filósofos gregos anteriores ao Cristianismo (N.E.).



metempsicose⁴³, falam delas muitas vezes em suas obras, em termos ocultos, pois eram ligados pelo juramento iniciático. Entretanto, a afirmação é precisa no último livro de *A República*, em *Fedra*, em *Timeu* e em *Fédon*:

“É certo que os vivos nascem dos mortos, que as almas dos mortos voltam a nascer.” (*Fedra*)

“A alma é mais velha que o corpo. As almas renascem sem parar do Hades*, para voltar à vida atual!” (*Fédon*)

A reencarnação era celebrada no Egito nos mistérios de Ísis, e na Grécia, nos de Elêusis, sob o nome de mistério de Perséfone, e somente os iniciados** participavam das cerimônias.

O mito de Perséfone era a representação dramática dos renascimentos, a história da alma humana; passado, presente e futuro, sua descida à matéria, seu cativeiro em corpos perecíveis, sua reascensão por etapas sucessivas. As festas eleusianas duravam três dias e traduziam, em uma trilogia comovente, as alternâncias da vida dupla, terrestre e celeste. Ao termo das iniciações solenes, os adeptos eram sagrados⁴⁴.

Quase todos os grandes homens da Grécia foram iniciados, adoradores fervorosos da grande deusa. É dos seus ensinamentos secretos que tirarão a inspiração do gênio, as formas sublimes da arte e os preceitos da divina sabedoria. Quanto ao povo, eram-lhe apenas apresentados símbolos. Mas, sob a transparência dos mitos, a verdade iniciática aparecia, do mesmo modo que a seiva da vida se revela sob a casca da árvore.

A grande doutrina era conhecida do mundo romano. Ovídio, Virgílio, Cícero, em suas obras imortais, fazem freqüentes alusões a isso. Virgílio, em *Eneida*, assegura que a alma, ao mergulhar no Lete, perde a lembrança de suas existências passadas.

43 – Metempsicose: doutrina segundo a qual a mesma alma pode animar, em vidas sucessivas, corpos diversos: vegetais, animais ou homens. O povo não pode ver hoje na metempsicose mais do que a passagem da alma humana no corpo de seres inferiores. Na Índia, no Egito e na Grécia ela era considerada de um modo mais geral, como a transmigração das almas em outros corpos humanos. Somos levados a acreditar que a descida da alma em um corpo inferior à humanidade não era, como a idéia de inferno no catolicismo, mais do que um espantinho destinado, no pensamento dos antigos, a espantar os maus. Toda retrogradação dessa espécie será contrária à justiça, à lógica, à verdade. É, aliás, impossível, pelo fato de que o desenvolvimento do organismo fluidico ou perispirito não permitiria mais ao ser humano se adaptar às condições da vida animal (N.E.).

* Hades: residência dos mortos. O inferno da mitologia grega (N.E.).

** Iniciado: indivíduo admitido há pouco tempo em uma seita (N.E.).

44 – Ver *Sanctuaires d'Orient (Santuários do Oriente)*, Ed. Schuré.



A escola de Alexandria deu-lhe um brilho vivo, pelas obras de Filo, Plotino, Amônio Sacchas, Porfírio, Jâmblico, etc. Plotino diz a respeito dos deuses: *“Eles asseguram a cada um o corpo que lhe convém e que está em harmonia com seus antecedentes, segundo suas existências sucessivas.”*

Os livros sagrados dos Hebreus: o Zohar, a Cabala, o Talmude afirmam igualmente a preexistência e, sob o nome de ressurreição, a reencarnação era também a crença dos fariseus e dos essênios⁴⁵. O Antigo e o Novo Testamento, por entre textos difíceis de interpretar e alterados, trazem ainda traços numerosos, por exemplo, em algumas passagens de Jeremias e de Jó, depois no caso de João Batista, que foi Elias, no do cego de nascença e na conversação particular de Jesus com Nicodemos.

Lê-se em Mateus⁴⁶: *“Eu vos digo em verdade, entre os filhos das mulheres, não há nenhum maior do que João Batista. (...) E se quereis ouvir, é mesmo Elias que deve vir. Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.”*

Um outro dia, os discípulos do Cristo o interrogam dizendo⁴⁷: *“Por que os Escribas dizem ‘que é preciso primeiramente que Elias venha?’ Jesus respondeu-lhes: ‘É verdade que Elias deve vir primeiramente e restabelecer todas as coisas; mas eu vos digo que Elias já veio, mas eles não o reconheceram e fizeram-lhe o que quiseram’.”* Então os discípulos compreenderam que era de João Batista de quem ele falava.

Um dia Jesus perguntou a seus discípulos o que dizia dele o povo. Esses respondem: *“Uns dizem que és João Batista; outros Jeremias, ou alguns dos antigos profetas que voltou ao mundo.”* Jesus, antes de dissuadi-los, como se tivessem falado coisas imaginárias, contentou-se em acrescentar: *“E vós, quem credes que sou eu?”** Quando encontrou o cego de nascença, seus discípulos lhe perguntaram se aquele homem nasceu cego por causa dos pecados de seus pais ou dos pecados que cometeu antes de nascer.** Eles acreditavam na possibilidade da reencarnação e na possível existência da alma antes do nascimento. Sua linguagem nos leva mesmo a crer que essa idéia estava divulgada entre o povo, e Jesus parece autorizá-la, em vez de combatê-la.

45 – Lê-se no Zohar, capítulo 2: “Todas as almas estão sujeitas à revolução (metempsicose), mas os homens não conhecem os caminhos de Deus, o que é bom”. José (Antiq. 18, parágrafo 3) diz que o virtuoso terá o poder de ressuscitar e de viver novamente.

46 – Mateus, capítulo 11:11, 14 e 15.

47 – Mateus, capítulo 17:10 a 13.

* Mateus, capítulo 16:14 e 15 (N.E.).

** João, capítulo 9:2 (N.E.).



Ele fala de numerosas moradas de que se compõe a casa do Pai, e Orígenes, comentando essas palavras, acrescenta: “*O Senhor cita as diferentes estações que as almas devem ocupar, depois que se desprenderam de seus corpos atuais e se revestirem de outros.*”

O Cristianismo primitivo possuía o verdadeiro sentido do destino. Mas com as sutilezas da teologia bizantina, o sentido oculto desapareceu pouco a pouco; a virtude secreta dos ritos iniciáticos desvaneceu-se como um perfume sutil. A escolástica* abafou a primeira revelação sob o peso dos silogismos** ou aruinou-a com sua argumentação enganosa.

Entretanto, os primeiros padres da Igreja e, entre outros, Orígenes e São Clemente de Alexandria, pronunciaram-se em favor da transmigração das almas. São Jerônimo e Ruffinus (*Carta a Anastácio*) afirmam que ela era ensinada como verdade tradicional a certo número de iniciados.

Em sua mais importante obra, *Dos princípios*, livro I, Orígenes passa em revista os numerosos argumentos que mostram, na existência anterior ao nascimento e na sobrevivência após a morte das almas em outros corpos, o corretivo necessário à desigualdade das condições humanas. Ele se pergunta qual é o total das etapas percorridas por sua alma nas peregrinações no infinito, quais os progressos realizados em cada uma de suas estações, as circunstâncias dessa imensa viagem e a natureza particular de suas residências.

São Gregório de Nysse disse “*que há necessidade natural para a alma imortal de ser curada e purificada, e que, se não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera pela vida futura e nas seguintes.*”

Contudo, essa alta doutrina não podia conciliar-se com certos dogmas e artigos de fé, armas poderosas para a Igreja, tais como a predestinação, os castigos eternos e o juízo final. Com ela, o Catolicismo teria dado lugar mais amplo à liberdade do espírito humano, chamado em suas vidas sucessivas a se elevar por seus próprios esforços e não somente por uma graça do “alto”.

Por isso, a condenação das opiniões de Orígenes e das teorias gnósticas*** pelo Concílio de Constantinopla, em 553,

* Escolástica: filosofia religiosa da Igreja Romana baseada em Aristóteles e Tomás de Aquino (N.E.).

** Silogismo: dedução que se tira de uma proposição que, habilmente conduzida, leva a uma conclusão filosófica. Nesse caso, conclusão falsa, enganadora, impostura, falsidade (N.E.).

*** Gnóstico: que segue os ensinamentos da gnose. Gnose quer dizer busca interior ou autoconhecimento e tem suas origens nas antigas religiões orientais e nos filósofos gregos, especialmente em Sócrates e Platão (N.E.).



foi um ato repleto de conseqüências prejudiciais. Ela trouxe o descrédito e a repulsa ao princípio das reencarnações. Então, vê-se edificar, em vez de um conceito simples e claro do destino, compreensível às mais humildes inteligências, unindo a Justiça Divina com a desigualdade das condições e dos sofrimentos humanos, todo um conjunto de dogmas que lançaram o esquecimento sobre o problema da vida, revoltaram a razão e, finalmente, afastaram o homem de Deus.

A doutrina das vidas sucessivas reaparece ainda em diferentes épocas, no mundo cristão, sob a forma das grandes heresias* e das escolas secretas, mas foi muitas vezes afogada no sangue ou sufocada sob a cinza das fogueiras.

Na Idade Média, ela se apaga quase inteiramente e deixa de influenciar o desenvolvimento do pensamento ocidental, causando-lhe assim grande dano. Daí os erros e a confusão dessa época sombria, o fanatismo mesquinho, a perseguição cruel, as trevas do espírito humano. Uma espécie de noite intelectual se fez sobre a Europa.

No entanto, de tempos em tempos, como um relâmpago, o grande pensamento ilumina ainda, por inspiração do “alto”, algumas belas almas intuitivas. Continua a ser, para os pensadores da elite, a única explicação possível do que se tornou para a massa o profundo mistério da vida.

Não somente os trovadores, em seus poemas e suas canções, faziam-lhe discretas menções, mas poderosos espíritos, como Boaventura e Dante Alighieri, mencionaram essa doutrina de um modo formal. Ozanam, escritor católico, reconhece que o plano da *Divina comédia* segue muito de perto as grandes linhas de iniciação antiga, baseadas, como já vimos, na pluralidade das existências. O cardeal Nicolas de Cusa sustentou, em pleno Vaticano, a teoria da pluralidade das vidas e dos mundos habitados, com a aprovação do Papa Eugênio IV**.

Thomas Moore, Paracelso, Jacob Boehme, Giordano Bruno e Campanella afirmaram ou ensinaram essa grande doutrina, muitas vezes com seu próprio sacrifício. Van Helmont, em *De revolutione animarum*, expõe, em 200 problemas, todos os argumentos em favor da reencarnação das almas.

Não são essas altas inteligências comparáveis aos cumes das montanhas, aos cimos gelados dos Alpes, que são os primeiros a receber as luzes do dia, a refletir as luzes do sol, e que os conservam ainda quando o resto da Terra já está imerso nas trevas?

* Heresia: doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé (N.E.).

** Eugênio IV: exerceu o papado entre 1431 e 1447 (N.E.).



O próprio Islamismo, especialmente no *Alcorão**; dá lugar importante às idéias dos renascimentos sucessivos⁴⁸.

A filosofia, nos últimos séculos, enriqueceu-se com elas. Cudworth e Hume as consideram como a teoria mais racional da imortalidade. Em Lessing, Herder, Hegel, Schelling, Fichte – o jovem – elas são discutidas com elevação.

Mazzini, apostofrando os bispos em sua obra *Dal concilio a Dio*, diz:

“Acreditamos em uma série indefinida de reencarnações da alma, de vida em vida, de mundo em mundo, em que cada uma constitui um progresso sobre a anterior; podemos recomeçar o estágio percorrido quando merecemos passar a um nível superior; mas não podemos nem recuar nem morrer espiritualmente.”

*

Reportemo-nos agora às origens de nossa raça céltica e veremos a idéia das vidas sucessivas pairar sobre a terra das Gálias: ela vibra nos cantos dos bardos**; sussurra na grande voz da floresta: “*Agitei-me em cem mundos, vivi em cem círculos*”. (Canto bárdico: *Barddas cad Goddeu*.)

É a tradição nacional por excelência; ela inspirava em nossos pais o desprezo pela morte, o heroísmo nos combates. Deve ser amada por todos os que se sentem ligados pelo coração ou pelo sangue a essa raça céltica, móvel, entusiasta, generosa, apaixonada pela justiça, sempre pronta a lutar pelas grandes causas.

Nos combates contra os romanos – diz d’Arbois de Jubainville, professor do Colégio de França – os druidas*** permaneciam imóveis como estátuas, recebendo ferimentos sem fugir nem se defender. Eles sabiam que eram imortais e pensavam achar em outra parte do mundo um corpo novo e sempre jovem⁴⁹.

Os druidas não eram somente homens bravos, eram também profundos sábios⁵⁰. Seu culto era o da natureza sob ramos sombrios dos carvalhos ou sobre rochedos batidos pelas tempestades. As *Tríades* proclamam a evolução das almas, partidas de *anoufn*, o abismo, subindo vagorosamente a longa espiral das

* Alcorão: livro sagrado do islamismo, religião cujos adeptos seguem os ensinamentos do profeta Maomé (N.E.).

48 – Ver Surate 2, versículo 26 do Alcorão; Surate 7, versículo 55; Surate 17, versículo 52; Surate 14, versículo 25.

** Bardo: poeta heróico entre os celtas e gálios (N.E.).

*** Druida: antigo sacerdote dos povos gauleses e bretões (N.E.).

49 – Ver Tácito; *Ab excessu Augusti*, livro 14.

50 – *Commentaires de la guerre des Gaules* (Comentários da guerra da Gália), livro 6, capítulo 19, Ed. Lemerre, 1919.



existências (*abred*) para chegarem, depois de muitas mortes e renascimentos, a *gwynfyd*, o círculo da felicidade.

As *Triades* são o maravilhoso monumento que nos resta da antiga sabedoria dos bardos e dos druidas; abrem perspectivas sem limites à vista admirada do investigador. Citaremos apenas três, as que se referem mais diretamente ao nosso assunto, As *Triades* 19, 21 e 36⁵¹:

19. “Três condições indispensáveis para chegar à plenitude (ciência e virtude): transmigrar em *abred*, transmigrar em *gwynfyd* e recordar-se de todas as coisas passadas no *anoufn*.”

21. “Três modos eficazes de Deus, em *abred* (círculos dos mundos planetários), para dominar o mal e vencer sua oposição em relação ao círculo de *gwynfyd* (círculo dos mundos felizes): a necessidade, a perda da memória e a morte.”

36. “Os três poderes (fundamentos) da ciência e da sabedoria: a transmigração completa por todos os estados dos seres; a lembrança de cada transmigração e de seus incidentes; o poder de passar à vontade novamente por um estado qualquer em vista da experiência e do julgamento. E isso será obtido no círculo de *gwynfyd*.”

Alguns autores entenderam, de acordo com os textos bárdicos, que as vidas seguintes da alma continuavam exclusivamente nos outros mundos. Eis dois casos que demonstram que os gauleses admitiam também a reencarnação. Nós os extraímos do *Cours de littérature celtique*, do senhor De Jubainville⁵²:

Find MacCumail, o célebre herói irlandês, renasce em Morgan, filho de Fiachna, rainha de Ulster, em 603, e, mais tarde, sucede-lhe. Os *Annales de Tigernach* (*Anais de Tigernach*) fixam a morte de Find no ano de 273 de nossa era, na batalha de Athbrea. “Um segundo nascimento – diz De Jubainville – dá-lhe uma vida nova e um trono na Irlanda.”

Os celtas praticavam também a evocação dos mortos. Houve uma polêmica entre Mongan e Forgoll a respeito da morte do rei Folhad, da qual Mongan fora testemunha ocular, e do lugar onde esse rei tinha perdido a vida: “Ele evocou – diz o mesmo autor – do reino dos mortos *Cailté*, seu companheiro de combates. No terceiro dia, o testemunho de *Cailté* fornece a prova de que Mongan tinha dito a verdade.”

51 – As *Triades*. Publicadas por Ed. Williams, conforme o original gaulês e a tradução de Edward Darydd. Ver Gatién Arnoult, *Philosophie Gauloise (Filosofia Gaulesa)*.

52 – Tomo I. Ver também H. d'Arbois de Jubainville, *Les druides et les dieux celtiques (Os druidas e os deuses celtas)*; *Livre de Leinster (Livro de Leinster)*; *Anais de Tigernach*, publicados por Whitley Stokes; *Revue Celtique*; *Annales des quatre maîtres (Anais de quatro mestres)*, Ed. O. Donovan, tomo 1.



O outro fato de reencarnação remonta a uma época mais antiga. Algum tempo antes de nossa era, Aeochaid Airem, rei supremo da Irlanda, tinha desposado Etâin, filha de Etar. Etâin já havia nascido em país celta muitos séculos antes. Nessa vida anterior, tinha sido filha de Aillil e esposa de Mider, divinizado depois de morto por suas façanhas.

É provável que se encontrassem na história dos tempos célticos numerosos casos de reencarnação; mas, como se sabe, os druidas nada confiavam à escrita e se contentavam com o ensinamento oral. Os documentos relativos à sua ciência e à sua filosofia são raros e de data relativamente recente.

A doutrina céltica, após séculos no esquecimento, reapareceu na França moderna. Ela foi reconstituída ou sustentada por todo um grupo de brilhantes escritores: Charles Bonnet, Dupont de Nemours, Ballanche, Jean Reynaud, Henri Martin, Pierre Leroux, Fourier, Esquiros, Michelet, Victor Hugo, Flammarion, Pezzani, Fauvety, Strada, etc.

“Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, essa é a lei”, disse Allan Kardec. Graças a ele e à escola espírita da qual é o fundador, a crença nas vidas sucessivas da alma se popularizou, se espalhou em todo o Ocidente, e conta hoje com milhões de seguidores. O testemunho dos espíritos veio lhe dar uma comprovação definitiva. À exceção de algumas almas pouco evoluídas para quem o passado ainda está envolvido de trevas, todos, nas mensagens, afirmam a pluralidade das existências e o progresso indefinido dos seres.

A vida terrestre, dizem eles, basicamente é um treino, uma preparação à vida eterna. Limitada a uma única existência, em sua curta duração não poderia corresponder a plano tão amplo. As reencarnações são as etapas do caminho que todas as almas percorrem em sua evolução; é a escala misteriosa que, das regiões misteriosas, por todos os mundos da forma, nos conduz ao reino da luz. Nossas existências se desenrolam no decorrer dos séculos; elas passam, se sucedem e se renovam. Em cada uma delas, purificamo-nos um pouco do mal que está em nós. Lentamente, avançamos, penetramos mais adiante no caminho sagrado, até que tenhamos adquirido os méritos que nos abrirão o acesso aos círculos superiores, de onde se irradiam eternamente a beleza, a sabedoria, a verdade e o amor.

*

O estudo atento da história dos povos não nos mostra somente o caráter universal da doutrina das vidas sucessivas, mas ainda nos permite perceber o encadeamento grandioso das causas e dos efeitos que se reproduzem, através dos tempos, na ordem social. Vemos nela que esses efeitos renascem de si mesmos



e retornam à causa que os gerou; comprometem os indivíduos e as nações na rede de uma lei justa e implacável.

Nesse aspecto, as lições do passado são surpreendentes. O testemunho dos séculos é assinalado por um caráter majestoso que impressiona o homem mais indiferente; ele nos demonstra a irresistível força do direito. Todo o mal praticado, o sangue e as lágrimas derramadas recaem cedo ou tarde, fatalmente, sobre seus autores: indivíduos ou coletividades. Os mesmos fatos criminosos, os mesmos erros acarretam as mesmas conseqüências trágicas. Enquanto os homens teimam em agredir uns aos outros, a se oprimir, a se dilacerar, as obras de sangue e luto prosseguem e a humanidade sofre no mais profundo de suas entranhas. Há expiações coletivas, como há reparações individuais. Através dos tempos, uma justiça natural e soberana se exerce; faz desabrocharem os elementos de decadência e de destruição, os germes da morte, que as nações semeiam em seu próprio seio cada vez que desrespeitam as leis superiores.

Se lançarmos nossos olhares sobre a História, veremos que a juventude da humanidade, como a do indivíduo, tem seus períodos de problemas, de loucuras, de experiências dolorosas. Nas suas páginas desfila o cortejo de misérias conseqüentes. As quedas profundas se alteram com as elevações, os triunfos, com as derrotas.

Civilizações primitivas assinalam as primeiras idades. Os maiores impérios desmoronam uns após outros ao choque das paixões. O Egito, Nínive, Babilônia, o império dos Persas caíram. Roma e Bizâncio, roídas pela corrupção, baquearam ante a invasão dos bárbaros.

Após a Guerra dos Cem Anos e o suplício de Joana D'Arc, a Inglaterra foi açoitada por uma terrível guerra civil, a das Duas Rosas, entre os York e os Lancaster, que a conduz a dois passos do abismo.

O que é feito da Espanha, responsável por tantos suplícios e degolações, a Espanha com seus conquistadores e seu Santo Ofício? Onde está hoje o vasto império no qual o sol jamais se punha?

Vede os Habsburgo, herdeiros do Santo Império e, talvez, reencarnações dos algozes dos hussitas! A casa de Áustria foi



Hussitas: seguidores da doutrina de Jan Hus ou João Huss (foto) – 1369-1415, reitor da Universidade de Praga (Tchecoslováquia). Excomungado pelo papa Alexandre V, foi queimado vivo em praça pública por sentença do concílio de Constança. Apesar disso, João Huss é considerado herói de sua pátria. A Igreja armou os nobres em várias cruzadas e deu-lhes implacável perseguição, acabando por aniquilar barbaramente os hussitas em lutas que duraram até 1471. As idéias de João Huss e de seu seguidor e discípulo Jerônimo de Praga, igualmente condenado à fogueira, são o estopim do grande movimento que culmina com a luta de Martinho Lutero contra a Igreja Romana, a Reforma Protestante.



ferida em todos os seus membros: Maximiliano foi fuzilado, Rodolfo caiu em meio a uma orgia; a imperatriz Elisabeth foi assassinada; depois chegou a vez de François Ferdinand. O velho imperador, com os cabelos brancos, fica sozinho em meio aos restos de sua família, e, finalmente com a guerra, é a desfeita, a ruína e a deslocação completa de seus Estados.

Onde estão hoje todos esses impérios fundados a ferro e fogo, dos Califas, Mongóis, Carlovíngios, o de Carlos V? Napoleão disse: “*Tudo se paga!*” E ele mesmo pagou. A França pagou com ele. O império de Napoleão passou como um meteoro!

Detenhamo-nos um instante sobre esse prodigioso destino que, depois de haver lançado, em sua trajetória pelo mundo, um brilho fulgurante, foi se apagar miseravelmente num rochedo do Atlântico, na ilha de Santa Helena, onde ficou prisioneiro. É a vida dele, bem conhecida de todos, e, por conseguinte, melhor que qualquer outra, que deve servir de exemplo. Assim como disse Maeterlinck*, pode-se constatar uma coisa sobre isso: são as três maiores crueldades cometidas por Napoleão que lançaram as três causas principais de sua queda:

“Primeiramente, foi o assassinato do duque de Enghien, condenado por sua ordem, sem julgamento e sem provas, e executado nos fossos de Vincennes: assassinato que espalhou ao redor do ditador ódios daí em diante implacáveis e um desejo de vingança que não acabou mais. Em seguida foi a odiosa cilada de Bayonne, em que atraiu por baixas intrigas, para despojá-los de sua coroa hereditária, os bonachões e muito confiantes Bourbons de Espanha. A horrível guerra que se seguiu tragou, além dos 300 mil homens, toda a energia, toda a moralidade, a maior parte do prestígio, quase todas as certezas, quase todas as garantias e todos os destinos felizes do Império. E, por fim, a pavorosa e indesculpável campanha da Rússia, que selou definitivamente a sua sorte com o desastre nos gelos de Berezina e nas neves da Polônia⁵³.”

A história diplomática da Europa, nos últimos 50 anos, não escapa a essas regras. Os autores das injustiças e das crueldades têm sido castigados, como por uma mão invisível.

A Rússia, depois de dominar a Polônia, prestou seu apoio moral à Prússia para a invasão dos ducados** dinamarqueses, “*um dos maiores crimes de pirataria – diz um historiador – cometidos*

* Maurice Maeterlinck (1862–1949): filósofo, escritor e dramaturgo belga, prêmio Nobel de literatura de 1913 (N.E.).

53 – Maeterlinck. *Le temple enseveli (O templo oculto)*.

** Ducado: território que faz parte do domínio de um duque (N.E.).



nos tempos modernos". Foi punida por causa disso primeiramente pela própria Prússia que, em 1877, no Congresso de Berlim, anulava todas as vantagens obtidas sobre a Turquia; depois, mais cruelmente ainda, pelos insucessos da guerra de Manchúria e sua repercussão prolongada em todo o império dos czares*, que por fim veio dar lugar à revolução sangrenta e ao caos bolchevista.

No decorrer dos últimos séculos, a Inglaterra perseguiu muitas vezes uma política fria e egoísta. Depois da Guerra de Transvaal, vê-se mais enfraquecida, aproximando-se talvez dos tempos previstos, em termos impressionantes, pelo senhor Robert: *"A habilidade de nossos homens de Estado os imortalizará, se suavizarem para nós essa descida, de modo a evitar que se transforme numa queda, se a conduzirem de modo a fazer parecer-se com a Holanda e não com Cartago e Veneza."*

O destacamento da Irlanda, do Egito, a revolta dos Indianos vieram a confirmar essas previsões.

Tal será o destino de todas as nações que foram grandes por seus filósofos e pensadores e que tiveram a fraqueza de pôr seu destino nas mãos de políticos muito ávidos.

Não insistimos sobre esses fatos. Não vimos desenvolver-se sob nossos olhos, de 1914 a 1918**, o drama imenso, o drama vingador que deixou a Alemanha vencida, punida por seu orgulho e por seus crimes?

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que a França recebia uma lição terrível, talvez por causa da leviandade, imprevidência e sensualismo de um grande número de seus filhos; mas, com a vitória, encontrava o seu prestígio no mundo. Assim se afirmava uma vez mais a grande missão, o papel providencial que lhe parece destinado e que consiste em proclamar e defender, de todas as formas, pelo verbo e pela espada, o direito, a verdade, a justiça!

A Alemanha e a Áustria, aventuradas num pacto e numa cumplicidade ferozes, tinham sonhado com o domínio da Europa e do mundo: uma sobre o Oriente e a outra sobre o Ocidente. Na perseguição desse objetivo, calcaram os pés nos empenhos mais solenes, por exemplo, para com a Bélgica; não recuaram diante dos crimes mais odiosos. Qual foi o resultado? Após quatro anos de luta encarniçada, os impérios centrais rolaram no abismo.

* Czar: título que se dava ao imperador da Rússia e aos antigos soberanos sérvios e húngaros (N.E.).

** De 1914 a 1918: foi o período da Primeira Guerra Mundial (N.E.).



A Áustria é apenas um fantasma de nação, a Alemanha diminuiu, arruinada, presa às lutas internas e a todos os males econômicos.

Não é a repercussão dos acontecimentos de 1870 a 1871? Por sua vez, os alemães tiveram que conhecer a derrota e a anarquia.

Talvez, em nenhuma outra guerra, a luta de dois princípios ficou tão evidente. De um lado, a força brutal, do outro, o direito e a liberdade. E o que prova que Deus não se desinteressou pelo destino de nosso pequeno globo é que o direito venceu! Pode-se dizer que, como os gregos em Maratona e em Salamina, os soldados de Marne e de Verdun, sustentados por esses poderes invisíveis, preservaram a humanidade do domínio da espada e salvaram a civilização⁵⁴. Este será o justo julgamento da História!

Sim, a História é um grande ensinamento. Podemos ler em suas profundezas a ação de uma lei poderosa. Na sucessão dos acontecimentos, por vezes, sentimos passar como um vento sobre-humano; no meio da noite dos séculos, por instantes, vemos luzir como brilhos as radiações de um pensamento eterno.

Para os povos, como para os indivíduos, há uma justiça. Para os povos, vemo-la se manifestar no encadeamento dos fatos. Para o indivíduo, não acontece o mesmo. Nem sempre se pode seguir sua marcha, principalmente quando sua ação, em vez de ser imediata, se exerce apenas a longo prazo. A reencarnação, a descida à carne, a sombra do capuz da matéria que se abate sobre a alma e faz o esquecimento, escondem-nos a sucessão dos efeitos e das causas. Mas, como já vimos, particularmente nos fenômenos de transe, desde que podemos levantar o véu estendido sobre o passado e ler o que está gravado no fundo do ser humano, então, no sofrimento que o atinge, nas grandes dores, nos reveses, nas aflições que ferem, somos constrangidos a reconhecer a ação de uma causa anterior, de uma causa moral, e de nos inclinar diante da majestade das leis que presidem os destinos das almas, das sociedades e dos mundos!

*

O plano da História se desenvolve em suas linhas formidáveis: Deus envia à humanidade seus messias, seus reveladores visíveis e invisíveis, seus guias, seus educadores de todas as ordens. Mas o homem, livre em seu pensamento, em sua consciência, escuta-os e renega-os. O homem é livre; as incoerências sociais são sua obra. Ele lança sua nota confusa no concerto universal; mas essa nota discordante não chega a dominar a harmonia dos séculos.

54 – Ver meu livro *Le monde invisible et la guerre* (*O mundo invisível e a guerra*).

Os gênios enviados do “alto” brilham como faróis na noite escura. Sem remontar à mais alta Antiguidade, sem falar dos Hermes, dos Zoroastros, dos Krishnas, ainda antes da aurora dos tempos cristãos, vimos erguer-se a enorme estátua dos profetas, gigantes que ainda dominam a História. Foram eles, de fato, que prepararam os caminhos ao Cristianismo, a religião mestra, da qual nascerá mais tarde, na evolução dos tempos, a fraternidade universal. Depois vemos o Cristo, o homem da dor, o homem do amor, cujo pensamento irradia uma beleza imortal, o drama do Gólgota, a ruína de Jerusalém, a dispersão dos judeus.



Gutenberg (1397–1468): impressor alemão, inventor da tipografia, que ocasionou o desenvolvimento da imprensa e o decorrente barateamento do livro, que passou a ser impresso pelo processo de letras móveis.



Catedral de Chartres, França.



Catedral de Notre-Dame, França.

Gótico: estilo caracterizado principalmente pelo uso de ogivas, ou seja, figuras formadas por dois arcos iguais que se cortam, formando um ângulo agudo, e que possibilitavam a construção de estruturas elevadas.

Desse lado do mar azul, desabrocha o gênio grego, foco de educação, esplendor de arte e ciência, em que a humanidade virá se esclarecer. Depois virá o poder romano, que ensinará ao mundo o direito, a disciplina, a vida social.

Em seguida voltam as idades das trevas, da ignorância, mil anos de barbárie, o remoinho das invasões, erguem-se os elementos ferozes na civilização, o rebaixamento do nível intelectual, a noite do pensamento. Mas Gutenberg, Cristóvão Colombo, Lutero* aparecem. As catedrais góticas se levantam; continentes desconhecidos se revelam, a religião se disciplina. Graças à imprensa, a idéia nova se expandirá sobre todos, sobre o mundo. Depois da reforma virá o renascimento, depois as revoluções!

E eis que depois de muitas desgraças e lutas, a despeito das perseguições religiosas, das tiranias civis e das inquisições, o pensamento se liberta. O problema da vida que, com as concepções de uma Igreja que se tornara fanática e cega, continuava impenetrável, esse problema vai se escl-

* Colombo (1451–1506): descobridor da América em 1492. Lutero (1483–1546): frade agostiniano. Promoveu a reforma religiosa que resultou no Protestantismo, após árdua luta com o Vaticano.



recer de novo. Como uma estrela sobre a névoa do mar, a grande Lei reaparece. O mundo vai renascer para a vida do espírito. A existência humana não será mais um beco sem saída, misterioso, mas um caminho largamente aberto ao futuro.

*

As leis da natureza e da História se completam e se afirmam em sua unidade imponente. Uma lei, cíclica, orienta a evolução dos seres e das coisas; rege a marcha dos séculos e das humanidades. Cada destino gravita em um círculo imenso, cada vida descreve uma órbita. Toda a ascensão humana se divide em ciclos, em espirais, que se vão ampliando de modo a tomar um sentido cada vez mais universal.

Do mesmo modo que a natureza se renova sem parar em suas ressurreições, desde as metamorfoses dos insetos até o nascimento e a morte dos astros, assim as coletividades humanas nascem, desenvolvem-se e morrem em suas formas sucessivas. Mas morrem apenas para renascer e crescer em perfeição, em instituições, artes e ciências, cultos e doutrinas.

Nas horas de crise e de extravio, surgem enviados que vêm restabelecer as verdades obscurecidas e recolocar a humanidade em seu caminho. E apesar de melhores almas humanas irem para as esferas superiores, as civilizações terrestres se regeneram e as sociedades evoluem. Apesar dos males ligados ao nosso planeta e das necessidades múltiplas que nos oprimem, o testemunho dos séculos nos diz em sua elevação que as inteligências se apuram, os corações tornam-se mais sensíveis; a humanidade, em seu conjunto, progride lentamente. A partir de hoje, ela aspira à paz na solidariedade.

A cada renascimento, o indivíduo mergulha novamente na massa. A alma, ao reencarnar, veste uma máscara nova. Suas personalidades anteriores se apagam por um tempo. Entretanto, através dos séculos, reconhecem-se algumas grandes figuras do passado. Encontra-se Krishna no Cristo, e numa ordem menos elevada, Virgílio em Lamartine, Vercingetorix em Desaix, César em Napoleão.

Numa certa mendiga de feições altivas, de olhar tirano, acocorada sobre uma esterqueira às portas de Roma, coberta de úlceras e estendendo a mão aos transeuntes, poder-se-ia reconhecer, num passado recente conforme indicações dos espíritos, Messalina*.

* Messalina (10 a.C.–54 d.C.): esposa do imperador romano Cláudio, famosa pelos desregramentos de sua vida amorosa (N.E.).

Quantas outras almas culpadas vivem ao redor de nós, escondidas em corpos disformes, expostas a males, a enfermidades que elas prepararam, moldadas por elas mesmas de algum modo, por seus pensamentos, seus atos de antigamente. O doutor Pascal nos diz:

“O estudo das vidas anteriores de certos homens, particularmente feridos, revelou estranhos segredos. Aqui, uma traição causando um massacre é punida, passados séculos, por uma vida dolorosa desde a infância e por uma enfermidade que traz a marca de sua origem – a mudez: os lábios que traíram não podem mais falar; ali, um inquisidor retorna à encarnação com um corpo doente desde a infância, num meio familiar agressivo ao extremo e com intuições nítidas das crueldades passadas: os sofrimentos físicos e morais mais agudos o perseguem sem piedade⁵⁵.”

Esses casos são mais numerosos do que se supõe. É preciso ver neles a aplicação de uma regra implacável. Todos os nossos atos, conforme sua natureza, se traduzem por um acréscimo ou diminuição de liberdade. Daí, para os culpados, o renascimento em corpos miseráveis, prisões da alma, imagens e repercussão de seu passado.

Nem os problemas da vida individual nem os da vida social se explicam sem essa lei dos renascimentos. Todo o mistério do ser está aí. É por ela que o nosso passado se esclarece e o futuro se amplia. Nossa personalidade se reveste de uma grandeza inesperada. Compreendemos que não é de ontem que data o nosso aparecimento no universo, como muitos ainda pensam; bem ao contrário, nosso ponto de origem, nosso primeiro nascimento recua na profundidade dos tempos. Nós sentimos que estamos ligados a essa humanidade por meio de laços tecidos lentamente no decorrer dos séculos; sua história é a nossa história; viajamos com ela sobre o oceano das idades, afrontando os mesmos perigos, sofrendo os mesmos insucessos. O esquecimento dessas coisas é apenas temporário. Um dia, todo um mundo de lembranças despertará em nós. O passado, o futuro, a História inteira tomará, aos nossos olhos, um caráter novo, um interesse profundo. Nossa admiração aumentará à frente de destinos tão magníficos. As leis divinas nos parecerão maiores, mais sublimes, e a própria vida se tornará bela e desejável, apesar de suas provas, de seus males!

55 – Doutor Pascal. *Les lois de la destinée* (As leis do destino).





6

JUSTIÇA E RESPONSABILIDADE. — O PROBLEMA DO MAL

A lei dos renascimentos, como vimos, rege a vida universal. Com um pouco de atenção, poderemos ler em toda a natureza, como num livro, o mistério da morte e da ressurreição.

As estações se sucedem em seu ritmo imponente. O inverno é o sono das coisas; a primavera é o seu despertar. O dia se alterna com a noite; o repouso segue a vigília; o espírito remonta às regiões superiores, para descer novamente em seguida e retomar, com mais forças, a tarefa interrompida.

As transformações da planta e do animal não são menos significativas. A planta morre para renascer cada vez que volta a seiva; tudo murcha para reflorir. A larva, a crisálida, a borboleta são outros tantos exemplos que reproduzem, com maior ou menor fidelidade, as fases alternadas da vida imortal.

Como só o homem poderia ser excluído dessa lei? Quando tudo está ligado por laços sólidos e numerosos, como admitir que nossa vida seja como um ponto lançado, sem ligação, nos turbilhões do tempo e do espaço? Nada antes, nada depois! Não, o homem, como todas as coisas, está submetido à Lei Eterna. Tudo o que viveu, reviverá sob outras formas, para evoluir e se aperfeiçoar. A natureza nos fez morrer apenas para nos fazer reviver. Em conseqüência do renovamento periódico das moléculas de nosso corpo, dispersadas e produzidas pelas correntes vitais, pela assimilação e desassimilação cotidianas, já habitamos um grande número de corpos diferentes nas nossas existências. Não é lógico admitir que ainda habitaremos outros no futuro?

A sucessão das existências apresenta-nos, portanto, como uma obra de grande proveito e de melhoramento. Depois de cada vida terrestre, a alma colhe e recolhe, em seu corpo fluídico, as



experiências e os frutos da existência decorrida. Todos os seus progressos se refletem nessa forma sutil da qual é inseparável, nesse corpo etéreo, lúcido, transparente, que, purificando-se com ela, torna-se o instrumento maravilhoso, a harpa que vibra a todos os sopros do infinito.

Assim o ser psíquico, em todas as fases de sua elevação, encontra-se tal qual a si mesmo se fez. Nenhum nobre objetivo é improdutivo; nenhum sacrifício é vão. E na imensa obra, todos são solidários, desde a alma mais obscura até o gênio mais radioso. Uma cadeia sem fim religa os seres na majestosa unidade do cosmo. É uma efusão de luz e de amor que, dos cumes divinos, se lançam e se espalham sobre todos, para regenerá-los e fecundá-los. Ela reúne todas as almas em uma comunhão universal e eterna, em virtude de um princípio que é a mais magnífica revelação dos tempos modernos.

*

A alma deve conquistar, um a um, todos os elementos, todos os atributos de sua grandeza, de seu poder e felicidade. E para isso, é preciso o obstáculo, a natureza resistente, até mesmo hostil, a matéria adversa, cujas exigências e as rudes lições provocam seus esforços e formam sua experiência. Daí também, nas etapas inferiores da vida, a necessidade das provas e da dor, a fim de que sua sensibilidade desperte e que ao mesmo tempo exerça sua livre escolha e cresçam sua vontade e sua consciência. É preciso a luta para tornar o triunfo possível e fazer surgirem os heróis. Sem o mal, a arbitrariedade*, a traição seria possível sofrer e morrer pela justiça?

É preciso o sofrimento físico e a angústia moral para que o espírito se depure, se desembarace de suas partículas grosseiras, para que a débil centelha que está nas profundezas da consciência se converta em uma chama pura e ardente, numa consciência radiosa, centro da vontade, da energia e da virtude.

Verdadeiramente só se conhecem, saboreiam e apreciam os bens que se adquirem à própria custa, lentamente, vencendo dificuldades. A alma, criada perfeita, como o querem certos pensadores, seria incapaz de apreciar e mesmo de compreender sua perfeição, sua felicidade. Sem termos de comparação, sem mudanças possíveis com seus semelhantes, perfeitos como ela, sem objetivo para sua atividade, seria condenada à ociosidade, ao desleixo, o que seria o pior dos estados. Uma vez que viver, para

* Arbitrariedade: procedimento que resulta apenas do desejo de alguém; que não respeita regras (N.E.).



o espírito, é agir, é crescer, é conquistar sempre novos títulos, novos méritos, um lugar sempre mais alto na hierarquia luminosa e infinita. E para o merecer, é preciso ter trabalhado, lutado, sofrido. Para saborear a abundância, é preciso ter conhecido a necessidade. Para apreciar a claridade dos dias, é preciso ter atravessado a sombra das noites. A dor é a condição da alegria e o preço da virtude. E a virtude é o bem mais precioso que existe no universo.

Construir seu eu, sua individualidade, nas milhares de vidas, passadas em centenas de mundos e, sob a direção de nossos irmãos mais velhos, de nossos amigos do espaço, escalar os caminhos do céu, arrojarmo-nos cada vez mais para cima, fazer em si um campo de ação sempre mais amplo, proporcional à obra realizada ou sonhada, tornar-se um dos atores do drama divino, um dos agentes de Deus na obra eterna, trabalhar para o universo, como o universo trabalha para nós, eis o segredo do destino!

Assim a alma sobe de esfera em esfera, de círculo em círculo, unida aos seres que amou; ela vai, seguindo suas peregrinações, em procura das perfeições divinas. Chegada às regiões superiores, ela é livre da lei dos renascimentos. A reencarnação não é mais uma obrigação para ela, mas somente um ato de sua vontade, a realização de uma missão, uma obra de sacrifício.

Depois que atingiu as alturas supremas, o espírito por vezes diz a si mesmo: "Estou livre, quebrei para sempre as algemas que me acorrentavam aos mundos materiais. Conquistei a ciência, a energia, o amor. Mas o que adquiri, quero partilhar com os meus irmãos, os homens, e para isso irei novamente viver entre eles; irei lhes oferecer o que há de melhor em mim; retomarei um corpo de carne. Descerei novamente até aqueles que choram, que sofrem, que ignoram, para os ajudar, consolar, esclarecer!" E então, temos Lao-Tse, Buda, Sócrates, Cristo; em uma palavra, todas as grandes almas que deram a sua vida pela humanidade!

*

Resumamos. No decorrer deste estudo, demonstramos a importância da doutrina das reencarnações. Vimos aí uma das bases essenciais sobre as quais repousa o Espiritismo. Seu alcance é imenso. Ela explica as desigualdades das condições humanas, a variedade infinita das aptidões, das faculdades dos caracteres. Dissipa os perturbadores mistérios e as contradições da vida; resolve o problema do mal. É por meio dela que a ordem sucede a desordem; a luz se faz no seio do caos; as injustiças desaparecem, as misérias aparentes do destino se desvanecem, para dar lugar à lei forte e majestosa da repercussão dos atos e



de suas conseqüências. E essa lei de justiça que governa os mundos Deus a inscreveu na essência das coisas e na consciência humana.

A doutrina das reencarnações aproxima os homens mais do que qualquer outra crença, ao lhes ensinar sua comunidade de origens e fins, ao lhes mostrar a solidariedade que os liga novamente no passado, no presente, no futuro. Diz-lhes que não há entre eles deserdados nem favorecidos; cada um é filho de suas obras, mestre de seu destino. Nossos sofrimentos são as conseqüências do passado ou a escola severa em que se aprendem as altas virtudes e os grandes deveres.

Percorremos todas as etapas do imenso caminho. Passaremos alternadamente por todas as condições sociais, para adquirir as qualidades pertencentes a esses meios. Assim, essa solidariedade que nos liga compensa numa harmonia final a variedade infinita dos seres, resultante da desigualdade de seus esforços e também das necessidades de sua evolução. Com ela, para longe vão a inveja, o desprezo, o ódio! Os menores dentre nós talvez já tenham sido grandes, e os maiores renascerão pequenos, se abusam de sua superioridade. A cada um, por sua vez, a alegria como a dor! Daí a verdadeira confraternidade das almas. Nós nos sentimos todos unidos nos degraus de nossa evolução coletiva; aprendemos a nos ajudar, a nos sustentar, a nos dar as mãos!

No decorrer dos ciclos dos tempos, todos se aperfeiçoam e se elevam. Os criminosos do passado se tornarão sábios do futuro. Chegará o tempo em que as nossas faltas serão apagadas, nossos vícios, nossas feridas morais serão curados. As almas fúteis se tornarão sérias; as inteligências obscuras se iluminarão. Todas as forças do mal que vibram em nós serão transformadas em forças do bem. Do ser fraco, indiferente, fechado a todos os grandes pensamentos, sairá, com o passar dos tempos, um espírito poderoso, que reunirá todos os conhecimentos, todas as qualidades e se tornará apto a realizar as mais sublimes coisas.

Essa será a obra das existências acumuladas. Sem dúvida, será preciso um grande número delas para operar tal mudança, para nos purificar de nossas imperfeições, fazer desaparecer as asperezas de nosso caráter; transformar as almas de trevas em almas de luz! Mas só é poderoso e durável aquilo que teve o tempo necessário para germinar, sair da sombra, subir para o céu. A árvore, a floresta, as camadas do solo, os astros e os mundos nos dizem isso em sua profunda linguagem. Nenhuma semente se perde, nenhum esforço é inútil. A planta dá suas flores



e seus frutos apenas na hora certa. A vida só desabrocha nas terras do espaço após imensos períodos geológicos.

Vede os diamantes esplêndidos que ornaram a beleza das mulheres e faíscam mil cores. Quantas transformações eles não tiveram de sofrer para adquirir essa pureza incomparável, esse brilho fulgurante? Uma lenta permanência no seio da matéria obscura!

Acontece o mesmo com a entidade humana. Para se purificar de seus elementos grosseiros e adquirir todo o seu brilho, são precisos períodos de evolução mais vastos ainda, muitos anos de aprisionamento na carne.

É nesse trabalho de aperfeiçoamento que aparece a utilidade, a importância das vidas de provas, das vidas modestas e apagadas, das existências de trabalho e de dever, para vencer as paixões ferozes, o orgulho e o egoísmo, para curar as feridas morais. Desse ponto de vista, o papel dos humildes, dos pequenos neste mundo, as tarefas modestas se revelam a nossos olhos em toda a sua grandeza: compreendemos melhor a necessidade do retorno à carne para resgate e purificação.

*

Ao resolver o problema do mal, o Espiritismo mostra uma vez mais sua superioridade sobre as outras doutrinas.

Para os materialistas evolucionistas, o mal e a dor são constantes, universais. Em todas as partes, dizem Taine, Soury, Nietzsche, Haeckel, vemos o mal desabrochar e sempre o mal reinará na humanidade. Entretanto, acrescentam eles, com o progresso o mal se tornará menos freqüente, mas será mais doloroso, porque nossa sensibilidade física e moral irá crescer. E será preciso sempre sofrer e chorar sem consolação, por exemplo, no caso de uma catástrofe, irreparável aos olhos deles, e igualmente a morte de um ser querido. Por conseguinte, o mal será sempre superior ao bem.

Certas doutrinas religiosas não são muito mais consoladoras. De acordo com o catolicismo, o mal parece também predominar no universo e Satanás parece ser bem mais poderoso do que Deus. O inferno, segundo essa visão trágica, povoa-se continuamente de multidões inumeráveis, enquanto o paraíso é partilhado por uns poucos eleitos. Para o crente ortodoxo, a perda, a separação dos seres que amou, é quase tão definitiva quanto a do materialista. Nunca há para eles certeza completa de reencontrá-los, de se reunirem um dia.

Com o Espiritismo, a questão toma um aspecto totalmente diferente. O mal é apenas o estado transitório do ser no caminho



da evolução para o bem. O mal é próprio e natural da inferioridade dos mundos e dos indivíduos; é também, já vimos, a correção, o resgate do passado. Toda escala comporta graus. Nossas vidas terrestres representam os baixos graus de nossa eterna evolução.

Tudo, ao redor de nós, demonstra a inferioridade do planeta em que vivemos. Muito inclinado sobre o eixo, sua situação astronômica é a causa das perturbações freqüentes e das bruscas mudanças de temperatura, de tempestades, inundações, terremotos, calores tórridos, frios rigorosos. A humanidade terrestre, para subsistir, é condenada a um difícil trabalho. Milhares de homens, curvados sob sua tarefa, não conhecem nem o repouso nem o bem-estar. Acontece que existem relações estreitas entre a ordem física dos mundos e o estado moral das sociedades que os povoam. Os mundos imperfeitos como a Terra são reservados, em geral, às almas ainda pouco evoluídas.

Entretanto, nossa estada neste mundo é apenas temporária e subordinada às exigências de nossa educação psíquica. Outros mundos, mais bem contemplados em todos os aspectos, nos esperam. O mal, a dor, o sofrimento, atributos da vida terrestre, têm sua razão de ser. São o chicote, a espora que nos estimulam e nos levam adiante.

O mal, desse ponto de vista, tem apenas um caráter relativo e passageiro; é a condição da alma ainda criança que ensaia para a vida. Com o progresso realizado, ele se atenua pouco a pouco, desaparece, desvanece à medida que a alma sobe as escalas que conduzem ao poder, à virtude, à sabedoria!

Então a justiça se revela no universo. Não há mais eleitos nem reprovados. Todos sofrem a conseqüência de seus atos, mas todos reparam, resgatam e se preparam cedo ou tarde para evoluir desde os mundos obscuros e materiais até a luz divina. Todas as almas que se amam se encontram, se reúnem em sua elevação, para cooperarem juntas na grande obra e participarem da comunhão universal.

Não há mal real, mal absoluto no universo; há, sim, em toda parte, a realização lenta e progressiva de um ideal superior; em toda parte a ação de uma força, de um poder, de uma causa, que, nos deixando livres, nos atrai e nos arrasta para um estado melhor. Em toda parte vemos os seres trabalhando para desenvolver em si, à custa de imensos esforços, a sensibilidade, o sentimento, a vontade, o amor!

*

Insistimos na noção de justiça, que é essencial, porque é uma necessidade. É imperioso para todos saber que a justiça não é uma palavra vã, que há razão e legitimidade em todos os



deveres e compensação para todas as dores. Nenhum sistema pode satisfazer nossa razão, nossa consciência, se não realizar a noção de justiça em toda a sua amplitude. Essa noção está gravada em nós; é a lei da alma e do universo. É por tê-la desconhecido que tantas doutrinas se enfraquecem e se apagam na presente hora, ao redor de nós.

Acontece que a doutrina das vidas sucessivas é o reflexo da idéia de justiça. Ela lhe dá um relevo e brilho incomparáveis. Todas as nossas vidas são solidárias umas com as outras e se encadeiam rigorosamente. Nossos atos e os efeitos ou conseqüências que eles geram constituem uma sucessão de elementos que se ligam uns aos outros pela relação estreita de causa e efeito. Nós nos submetemos constantemente em nós mesmos, em nosso ser interior, como nas condições exteriores de nossa vida, aos resultados inevitáveis. Nossa vontade ativa é uma causa geradora de efeitos mais ou menos distantes, bons ou maus, que recaem sobre nós e formam a trama de nossos destinos.

O Cristianismo, renunciando a este mundo, prometia a felicidade e a justiça para o outro. E se os ensinamentos podiam bastar aos simples e aos crentes, tornavam fácil aos cépticos hábeis de se dispensar da justiça com o pretexto de que seu reino não era da Terra. Mas com a prova das vidas sucessivas, o caso muda completamente de figura. A justiça não é mais relegada a um domínio ilusório e desconhecido. É aqui mesmo; é em nós e ao redor de nós que ela exerce o seu império. O homem deve reparar, no plano físico, o mal que realizou sobre esse mesmo plano. Ele volta ao palco da vida, ao meio onde se tornou culpado, perto daqueles que enganou, despojou, espoliou, para sofrer as conseqüências de seus atos anteriores.

Com o princípio dos renascimentos, a idéia de justiça se exprime com exatidão e se verifica. A lei moral, a lei do bem se revela em toda sua harmonia. O homem compreende, enfim: esta vida é apenas um dos anéis da grande cadeia de suas existências; tudo o que semeia, colherá cedo ou tarde. Sendo assim, não é mais possível desconhecer nossos deveres nem iludir nossas responsabilidades. Nisso, como em tudo, o amanhã se torna o produto da véspera. Sob a aparente confusão dos fatos, descobrimos as relações que os ligam. Em vez de ser escravizado a um destino inflexível cuja causa nos seria exterior, tornamo-nos senhores e autores disso. Bem longe de ser dominado pela sorte, o homem a domina e a cria, por sua vontade e seus atos. O ideal de justiça não é mais o ideal de um mundo superior;



podemos definir os termos disso em cada vida humana renovada, em sua relação com as leis universais, no domínio das causas reais e tangíveis.

Essa grande luz se faz precisamente no momento em que as velhas crenças desabam sob o peso do tempo e todos os sistemas se apresentam com sinais de ruínas, em que os deuses do passado se cobrem e se afastam. Há muito tempo, o pensamento humano, ansioso, tateia nas trevas à procura do novo edifício moral que deve abrigá-lo. E eis que a doutrina dos renascimentos vem lhe oferecer o ideal necessário a toda a sociedade em marcha e, ao mesmo tempo, o corretivo indispensável aos apetites violentos, às ambições desmedidas, à avidez das riquezas, dos lugares, das honras, um dique aos transbordamentos de sensualismo que ameaçam nos arruinar.

Com ela, o homem aprende a suportar sem amargura e sem revolta as existências dolorosas, indispensáveis à sua purificação. Aprende a se submeter às desigualdades naturais e passageiras que são o resultado da lei de evolução, a desdenhar as divisões ilusórias e separatistas, provenientes dos preconceitos de castas, de religiões ou de raças. Esses preconceitos desaparecem inteiramente desde que se saiba que todo espírito, em suas múltiplas vidas, deve passar pelos mais diversos meios.

Graças à noção das vidas sucessivas, as responsabilidades individuais ao mesmo tempo que as das coletividades aparecem-nos mais distintas. Há em nossos contemporâneos uma tendência a empurrar o peso das dificuldades presentes sobre as gerações futuras. Convencidos de que não retornarão à Terra, deixam a nossos sucessores o cuidado de resolverem os problemas espinhosos da vida política e social.

Com a lei dos destinos, a questão muda totalmente de aspecto. Não somente o mal que tivermos feito recairá sobre nós, como teremos de pagar nossas dívidas até o último ceitil*, mas o estado social que tivermos contribuído para perpetuar com seus vícios, maldades, nos prenderá na sua pesada engrenagem quando voltarmos à Terra e sofreremos por todas as imperfeições. Essa sociedade, à qual teremos pedido muito e dado pouco, se tornará outra vez nossa sociedade, sociedade madrastra para seus filhos egoístas e ingratos.

No decorrer de nossas etapas terrestres, às vezes como poderosos ou fracos, dirigentes ou dirigidos, sentiremos muitas vezes recair sobre nós as injustiças que deixamos se perpetuar.

* Ceitil: moeda antiga de pequeníssimo valor (N.E.).



E não esqueçamos uma coisa: as existências obscuras, as vidas humildes e apagadas serão muito mais numerosas para cada um de nós, ao passo que os homens que possuírem a abastança, a educação e a instrução representarão apenas uma minoria no conjunto das populações do globo.

Mas quando a doutrina tiver se tornado a base da educação humana e for entendida por todos, quando a lei das vidas sucessivas se estabelecer com toda a clareza, então, dos mais instruídos aos mais reflexivos, desenvolvendo em si as intuições do passado, compreenderão que viveram em todos os meios sociais e agirão com mais tolerância e benevolência para com os pequenos. Sentirão que há menos maldade e acidez do que sofrimento revoltado na alma dos deserdados; e que lição admirável poderão tirar de sua própria experiência, ao espalhar em torno de si a luz, a esperança, a consolação.

Então, o interesse, o bem pessoal se tornará o bem de todos. Cada um se sentirá levado a cooperar mais ativamente para o melhoramento dessa sociedade, no seio da qual será preciso renascer para progredir com ela e avançar para o futuro.

*

A hora presente ainda é de lutas: luta das nações para a conquista de território, de classes para a conquista do bem-estar e do poder. Ao redor de nós se agitam forças cegas e profundas, forças que ignoram o ontem e que, hoje, organizam-se e entram em ação. Uma sociedade agoniza; outra nasce. O ideal do passado vem à tona. Qual será o de amanhã?

Um período de transição está aberto; uma fase diferente da evolução humana está começada, fase obscura, cheia, ao mesmo tempo, de promessas e de ameaças. Na alma das gerações que sobem repousam os germes das florações novas: flores do mal ou flores do bem?

Muitos se alarmam; muitos se apavoram. Não duvidemos do futuro da humanidade, de sua ascensão para a luz, e proclamemos ao redor de nós, com coragem e perseverança incansáveis, as verdades que assegurarão o dia de amanhã e farão as sociedades fortes e felizes.

Os defeitos de nossa organização social provêm principalmente dos nossos legisladores que, em suas concepções estreitas, visam apenas o horizonte de uma vida material. Não compreendem o objetivo evolutivo da existência e o encadeamento de nossas vidas terrestres e por isso estabeleceram um estado de coisas incompatíveis com os fins reais do homem e da sociedade.



A conquista do poder pela maioria não consegue modificar esse ponto de vista. O povo segue o instinto surdo que o impele, incapaz de medir o mérito e o valor de seus representantes, leva muitas vezes ao poder aqueles que se identificam com suas paixões e partilham de sua cegueira. A educação popular precisa ser completamente refeita; porque só o homem esclarecido poderá colaborar com inteligência, coragem e consciência para a renovação social.

Nas reivindicações atuais, fala-se muito sobre a noção de direito; superexcitam-se os apetites, exaltam-se os ideais. Esquece-se que o direito é inseparável do dever e que é simplesmente sua resultante. Daí, uma ruptura de equilíbrio, uma inversão das relações, de causa e efeito, ou seja, do dever para o direito na repartição das vantagens sociais, o que constitui uma causa permanente de divisão e de ódio entre os homens. O indivíduo que encara somente seu interesse próprio e seu direito pessoal ainda está colocado bem abaixo na escala de evolução.

Assim como disse Godin*, o fundador do familistério: “*O direito é feito do dever cumprido*”. Os serviços prestados à humanidade, sendo a causa, o direito torna-se o efeito. Em uma sociedade bem organizada, cada cidadão se classificará de acordo com seu valor pessoal, seu grau de evolução será proporcional à sua participação na vida social.

O indivíduo deve ocupar apenas uma situação merecida. Seu direito deverá ser proporcional e equivalente à sua capacidade para o bem. Tal é a regra, tal é a base da ordem universal, e, enquanto a ordem social não for seu reflexo, sua imagem fiel, será precária e instável.

Em virtude dessa regra, cada membro de uma coletividade, em vez de reivindicar direitos fictícios, deve se esforçar para tornar-se digno deles, aumentando o próprio valor e sua participação na obra comum. O ideal social se transforma, o sentido da harmonia se desenvolve, o campo do amor ao próximo se alarga.

Mas, no estado atual das coisas, no seio de uma sociedade onde fermentam tantas paixões, em que se agitam tantas forças brutais, no meio de uma civilização feita de egoísmo e de cobiça, de incoerência e má vontade, de sensualidade e sofrimento, devemos temer muitas convulsões.

Às vezes, ouve-se o ruído da onda que sobe. A queixa daqueles que sofrem transforma-se em crise. As multidões contam-se.

* Godin: fundador do que modernamente chamariamos de cooperativa de famílias (familistério), em que o trabalho e os rendimentos são igualmente repartidos (N.E.).



Interesses seculares são ameaçados. Mas uma nova fé se levanta, iluminada por um raio do “alto” e apoiada sobre fatos, sobre provas sensíveis. Ela diz a todos: *“Sede unidos, pois sois irmãos, irmãos neste mundo, irmãos na imortalidade. Trabalhai em comum para tornardes mais doces as condições da vida social, mais fáceis vossas tarefas de amanhã. Trabalhai para aumentar o saber, os tesouros da sabedoria, do poder, que são a herança da humanidade. A felicidade não está na luta, na vingança; está na união dos corações e das vontades!”*





7

A LEI DOS DESTINOS

Estando demonstrada a prova das vidas sucessivas, como está, o caminho da existência se encontra desimpedido, a rota firme e segura está traçada. A alma vê claramente seu destino, que é a elevação para a sabedoria mais alta, para a luz mais viva. O equilíbrio governa o mundo; nossa felicidade está em nossas mãos. O universo não pode mais falhar. Seu objetivo, sendo a felicidade, seus meios são a justiça e o amor. Portanto, todo receio ilusório, todo terror do além, desaparece. Em vez de recear o futuro, o homem saboreia a alegria das certezas eternas. Com a confiança no amanhã, suas forças redobram; seu esforço para o bem será multiplicado por cem.

Entretanto, uma questão ainda se coloca: por que relações secretas se exerce a ação da justiça no encadeamento de nossas existências?

Notemos, primeiramente, que o funcionamento da justiça humana não nos oferece nada de comparável à lei divina dos destinos. Esta se executa por si mesma, sem intervenção exterior, tanto para os indivíduos como para as coletividades. O que chamamos mal, ofensa, traição, morte, determina nos culpados um estado de alma que os entrega aos golpes da sorte, em uma medida proporcional à gravidade de seus atos.

Essa lei imutável é, antes de tudo, uma lei de equilíbrio. Ela estabelece a ordem no mundo moral do mesmo modo que as leis da gravitação e da gravidade asseguram a ordem e o equilíbrio no mundo físico. Seu mecanismo é, ao mesmo tempo, simples e grande. Todo mal se resgata pela dor. O que o homem realiza de acordo com a lei do bem lhe proporciona a quietude e contribui para sua elevação; toda violação provoca o sofrimento. Este prossegue sua obra interior; cava as profundidades do ser; traz para



a luz os tesouros da sabedoria e da beleza que ele contém e, ao mesmo tempo, elimina os germens doentios. Prolongará sua ação e voltará à carga por tanto tempo quanto for necessário, até que ele se expanda no bem e vibre em uníssono com as forças divinas. Mas, na perseguição dessa obra grandiosa, compensações serão reservadas à alma. Alegrias, afeições, períodos de repouso e de felicidade se alternarão, no rosário das vidas, com as existências de luta, de resgate e de reparação. Assim, tudo é regulado, disposto com uma arte, uma ciência, uma bondade infinitas na Obra da Providência.

No princípio de seu curso, em sua ignorância e sua fraqueza, o homem desconhece e desobedece muitas vezes à Lei. Daí as provações, as enfermidades, as servidões materiais. Mas desde que se instrui, desde que aprende a colocar os atos de sua vida em harmonia com a regra universal, por isso mesmo é cada vez menos presa da adversidade.

Nossos pensamentos e nossos atos se traduzem em movimentos vibratórios, e seu foco de emissão, pela repetição freqüente desses mesmos atos e pensamentos, transforma-se pouco a pouco em um gerador poderoso para o bem ou para o mal. O ser classifica-se assim, a si mesmo, pela natureza das energias de que se torna o centro radiador. Mas, enquanto as forças do bem se multiplicam por si mesmas e aumentam sem parar, as forças do mal se destroem por seus próprios efeitos, porque esses efeitos voltam para sua causa, para seu centro de emissão e se traduzem sempre em conseqüências dolorosas. O indivíduo mau, como todos os seres, sendo submisso à impulsão evolutiva, vê por isso aumentar forçosamente sua sensibilidade. As vibrações de seus atos, de seus pensamentos maus, depois de haverem efetuado sua trajetória, voltam a ele cedo ou tarde, oprimem-no e apertam-no na necessidade de reformar-se.

Esse fenômeno poderia se explicar cientificamente pela correlação das forças, pela espécie de sincronismo vibratório que traz sempre o efeito à sua causa. Temos demonstração disso neste fato bem conhecido: em tempo de epidemia, de contágio, são principalmente as pessoas cujas forças vitais se harmonizam com as causas mórbidas em ação que são atacadas, enquanto os indivíduos dotados de uma vontade firme e isentos de receio permanecem geralmente sadios.

Acontece o mesmo na ordem moral. Os pensamentos de ódio e de vingança, os desejos de prejudicar, vindos de fora, só podem agir sobre nós e nos influenciar desde que encontrem elementos



que vibrem em uníssono com esses pensamentos, com esses desejos. Se não existe nada em nós de similar, essas forças más passam por nós sem nos prejudicar; retornam para aquele que as projetou, para, por sua vez, o ferirem, seja no presente, seja no futuro, quando circunstâncias particulares as fizerem entrar na corrente do seu destino.

*

Na lei de causa e efeito a repercussão dos atos tem, aparentemente, algo de mecânico, de automático. Entretanto, quando acarreta duras expiações, reparações dolorosas, espíritos elevados intervêm para regular-lhe o exercício e acelerar a marcha das almas no caminho da evolução. Sua influência se faz sentir principalmente no momento da reencarnação, a fim de guiar essas almas em sua escolha, ao determinar as condições e os meios favoráveis à cura de suas doenças morais e ao resgate das faltas anteriores.

Sabemos que não há educação completa sem a dor. Ao nos colocar nesse ponto de vista, é preciso nos precaver e não considerar as provas e os males da humanidade a consequência exclusiva das faltas passadas. Todos os que sofrem não são forçosamente culpados em processo de expiação. Muitos são simplesmente espíritos ávidos de progresso, que escolheram vidas de dificuldade e laboriosas para retirar o benefício moral que anda ligado a toda existência sofrida.

Contudo, em tese geral, é do choque, é do conflito do ser inferior, que não se conhece ainda, com a lei da harmonia que nasce o mal, o sofrimento. É pelo retorno gradual e voluntário do mesmo ser a essa harmonia que se restabelece o bem, ou seja, o equilíbrio moral. Em todo pensamento, em toda obra, há ação e reação, sempre proporcional em intensidade à ação realizada. Assim podemos dizer: o ser colhe exatamente o que semeou.

Colhe-o, de fato, uma vez que, por sua ação contínua, modifica sua própria natureza, purifica ou materializa seu perispírito, o envoltório fluídico, o veículo da alma, o instrumento que serve para todas as suas manifestações e sobre o qual se modela o corpo físico em cada renascimento.

Como vimos, nossa situação no além resulta das ações repetidas que nossos pensamentos e vontade exercem constantemente sobre o perispírito. De conformidade com sua natureza e seu objetivo, transformam-no pouco a pouco num organismo sutil e radiante, aberto às mais altas percepções, às sensações mais delicadas da vida do espaço, capaz de vibrar em harmonia



com os espíritos elevados e de participar das alegrias e das impressões do infinito. No sentido inverso, farão dele uma forma grosseira, opaca, acorrentado à Terra por seu próprio materialismo e condenado a ficar encerrado nas baixas regiões.

Essa ação contínua do pensamento e da vontade, exercida no decorrer dos séculos e das existências sobre o perispírito, nos faz compreender como se criam e se desenvolvem nossas aptidões físicas, assim como nossas faculdades intelectuais e nossas qualidades morais.

Nossas aptidões para cada espécie de trabalho, nossa habilidade, nossa agilidade em todas as coisas são o resultado de inumeráveis ações mecânicas acumuladas e registradas pelo corpo sutil, do mesmo modo que todas as lembranças e as aquisições mentais são gravadas na consciência profunda. Com o renascimento, essas aptidões são transmitidas por uma nova educação, da consciência externa aos órgãos materiais. Assim se explica a habilidade consumada e quase nativa de certos músicos e, em geral, de todos os que em suas atividades demonstram um grande domínio, uma superioridade de execução que surpreende à primeira vista.

Acontece o mesmo com as faculdades e as virtudes, com todas as riquezas da alma adquiridas com a seqüência dos tempos. O gênio é um longo e imenso esforço na ordem intelectual, e a santidade foi adquirida por uma luta secular contra as paixões e as atrações inferiores.

Com um pouco de atenção poderíamos estudar e seguir em nós o processo de nossa evolução moral. Cada vez que realizamos uma boa ação, um ato generoso, uma obra de caridade, de dedicação, a cada sacrifício do eu, não sentimos uma espécie de dilatação interior? Alguma coisa parece expandir-se em nós. Uma chama se ilumina ou se aviva nas profundezas do ser.

Essa sensação não é ilusória. O espírito se ilumina a cada pensamento de amor ao próximo, a cada ímpeto de solidariedade e de amor puro. Se esses pensamentos e esses atos se repetem, se multiplicam e acumulam, o homem se encontra meio transformado ao sair de sua existência terrestre. A alma e seu envoltório fluídico terão adquirido um poder de radiação mais intenso.

No sentido contrário, todo pensamento mau, todo ato culposo e todo hábito deplorável provocam um estreitamento, uma contração do ser psíquico, cujos elementos se condensam, embrutecem, se carregam de fluidos grosseiros.

Os atos violentos, a crueldade, o suicídio e homicídio produzem no organismo fluídico, no perispírito do culpado, uma pertur-



bação, um abalo prolongado, que repercute de renascimento em renascimento no corpo material e se traduz em doenças nervosas, em tiques, convulsões e até mesmo em deformidades e enfermidades, em casos de loucura, conforme a gravidade das causas e o poder das forças em ação. Toda transgressão à lei acarreta uma dificuldade, uma doença, uma privação de liberdade.

As vidas impuras, a luxúria, a embriaguez, a desordem, conduzem-nos a corpos débeis, desprovidos de vigor, de saúde, de beleza. O ser humano que abusa de suas forças vitais condena a si mesmo a um futuro miserável, a enfermidades mais ou menos cruéis.

Às vezes a reparação se efetua numa longa vida de sofrimentos, necessária para extinguir em nós as causas do mal, ou então numa existência curta e difícil, encerrada por uma morte trágica. Uma atração misteriosa reúne algumas vezes num mesmo lugar criminosos de lugares e tempos muito afastados, para feri-los coletivamente. Citamos como exemplos as catástrofes célebres, as grandes desgraças, as mortes coletivas, tais como os incêndios, as explosões, o naufrágio do Titanic e de tantos outros navios.

Assim se explicam as breves existências. Elas são o complemento das vidas anteriores, terminadas muito cedo, abreviadas prematuramente, seja pelo excesso, pelos abusos, seja por qualquer outra causa moral, as quais, normalmente, deveriam ter durado mais tempo.

Não devem ser incluídas nesses casos as mortes de crianças em tenra idade. A curta vida de uma criança pode ser uma prova para os pais, como para o espírito que quer encarnar. Em geral, é simplesmente uma entrada rápida no teatro da vida, seja por causas físicas seja por falta de adaptação entre os fluidos. Nesse caso, a tentativa de encarnação se renova pouco depois no mesmo meio; reproduz-se até completo êxito, ou então, se as dificuldades são muitas, efetua-se em um meio mais favorável.

*

Todas essas considerações o demonstram: para assegurar a depuração fluídica e o bom estado moral do ser, há uma disciplina de pensamento a estabelecer, uma higiene da alma a seguir, assim como há uma higiene física a observar para manter a saúde do corpo.

Em virtude da ação constante do pensamento e da vontade sobre o perispírito, vê-se que a retribuição é absolutamente perfeita. Cada um colhe o fruto imperecível de suas obras passadas e presentes. Ele o colhe, não pelo efeito de uma causa exterior, mas por um encadeamento que liga em nós mesmos a pena à alegria,



o esforço ao sucesso, a falta ao castigo. É, portanto, na intimidade secreta de nossos pensamentos e na viva luz de nossos atos que é preciso procurar a causa eficiente de nossa situação presente e futura.

Colocamo-nos segundo nossos méritos no meio a que nossos antecessores nos chamam. Se somos infelizes, é porque não somos perfeitos o suficiente para desfrutar de melhor destino. Mas nosso destino melhorará desde que saibamos fazer nascer em nós mais desinteresse, justiça e amor. O ser deve se aperfeiçoar, embelezar sem parar sua natureza íntima, aumentar seu valor próprio, construir o edifício de sua consciência: tal é o objetivo de sua evolução.

Cada um de nós possui esse gênio particular que os druidas chamavam *awen*, ou seja, a aptidão primordial de todo ser para realizar uma das formas especiais do pensamento divino. Deus depositou no fundo da alma os germens das faculdades poderosas e variadas; todavia, há uma das formas de seu gênio que é chamada a desenvolver acima de todas as outras, por um trabalho constante, até que a tenha levado a seu ponto de excelência. Essas formas são inumeráveis. São os aspectos múltiplos da inteligência, da sabedoria e da beleza eternas: a música, a poesia, a eloquência, o dom da invenção, a previsão do futuro e das coisas ocultas, a ciência ou a força, a bondade, o dom da educação, o poder de curar, etc.

Ao projetar a entidade humana, o pensamento divino impregna-a mais particularmente de uma dessas forças e por isso mesmo designa-lhe um papel especial no vasto concerto universal.

As missões do ser, seu destino, sua ação na evolução geral se mostrarão cada vez mais no sentido de suas aptidões próprias, aptidões latentes e confusas no início de seu curso, mas que vão despertar, crescer, acentuar-se, à medida que percorrer a imensa espiral. As intuições, as inspirações que receber do “alto” corresponderão a esse lado especial de seu caráter. Conforme suas necessidades e apelos, é sob essa forma que sentirá, do fundo de si mesmo, a divina melodia.

Assim Deus, da variedade infinita dos contrastes, sabe fazer brotar a harmonia, tanto na natureza como no seio da humanidade.

E se a alma abusa desses dons, se os aplica às obras do mal, se concebe disso a vaidade ou o orgulho, será preciso, como expiação, que ela renasça em organismos impotentes para sua manifestação. Viverá, gênio desconhecido, humilhado, entre os homens, por tanto tempo quanto seja necessário para que a dor tenha triunfado dos excessos da personalidade e lhe permita retomar seu vôo sublime, seu curso, num momento interrompido, para o ideal.



*

Almas humanas que percorreis estas páginas, elevai vossos pensamentos e vossas resoluções à altura das tarefas que vos cabem. Os caminhos do infinito se abrem diante de vós, semeados por maravilhas inesgotáveis. Em qualquer ponto a que vosso vôo vos leve, em todos os lugares vos aguardam objetos de estudo, com fontes inesgotáveis de alegrias e de deslumbramentos, de luz e de beleza. Em todos os lugares e sempre, horizontes inimagináveis sucederão aos horizontes percorridos.

Tudo é belo na obra divina. Em vossa evolução, vos está reservado saborear os aspectos inumeráveis, desde a flor delicada até os astros flamejantes, assistir ao surgimento dos mundos e das humanidades. Ao mesmo tempo, sentireis se desenvolver vossa compreensão das coisas celestes e aumentar vosso desejo ardente de compreender Deus, de mergulhar n'Ele, em Sua luz, em Seu amor; em Deus, nossa fonte, nossa essência, nossa vida!

A inteligência humana não saberia descrever os futuros que pressente, as ascensões que avista. Nosso espírito encerrado num corpo de argila, nos laços de um organismo mortal, não pode encontrar nele os recursos necessários para exprimir esses esplendores; qualquer expressão permanecerá sempre aquém das realidades. A alma, em suas intuições profundas, tem a sensação das coisas infinitas, de que participa e as quais deseja. Seu destino é vivê-las e gozá-las cada vez mais. Mas procuraria em vão exprimi-las com as balbuciações de uma fraca linguagem humana; ela se esforçaria em vão para traduzir as coisas eternas na pobre linguagem da Terra. A palavra é impotente, mas a consciência evoluída percebe as sutis radiações da vida superior.

Chegará o dia em que a alma engrandecida dominará o tempo e o espaço. Para ela um século durará apenas um instante, e num lampejo de seu pensamento transporá os abismos do céu. Seu organismo sutil, purificado pelas milhares de vidas, vibrará em todos os sopros, em todos os caminhos, em todos os apelos da imensidade. Sua memória mergulhará nas idades extintas, poderá reviver à vontade tudo o que tiver vivido, chamar a si as almas queridas que compartilharam suas alegrias e suas dores.

Porque todas as afeições do passado se encontram e se religam na vida do espaço; fazem-se novas amizades e, de camada em camada, uma comunhão mais poderosa reúne os seres em uma unidade de vida, de sentimento e de ação.

Crê, ama, espera, homem, meu irmão, depois, age! Aplica-te a semear em tua obra os reflexos e as esperanças de teu pensa-



mento, os desejos de teu coração, as alegrias e as certezas de tua alma imortal. Comunica tua fé às inteligências que te rodeiam e partilham tua vida, a fim de que te acompanhem em tua tarefa e que, por toda a Terra, um esforço poderoso levante o fardo das opressões materiais, triunfe das paixões grosseiras, abra uma larga saída aos vôos do espírito.

Logo uma ciência jovem e renovada – não mais a ciência dos preconceitos, das rotinas, dos métodos estreitos e velhos, mas uma ciência aberta a todas as pesquisas, a todas as investigações, a ciência do invisível e do além – virá fecundar o ensino, esclarecer o destino, fortificar a consciência, apoiada sobre a rocha da experiência e desafiando toda a crítica.

Uma arte mais idealista e mais pura, iluminada por luzes que não se apagam, imagem da vida radiosa, reflexo do céu entrevisto, virá alegrar e vivificar o espírito e os sentidos.

Acontecerá o mesmo com as religiões, crenças, sistemas. No vôo do pensamento para elevar-se das verdades de ordem relativa às verdades de ordem superior, chegam a aproximar-se, a alcançar-se, a fundir-se, para fazer das crenças múltiplas do passado, hostis ou mortas, uma fé viva que reunirá a humanidade em um mesmo impulso de adoração e de prece.

Trabalha com todos os poderes de teu ser para preparar essa evolução. É preciso que a atividade humana se dirija com mais intensidade para os caminhos do entendimento. Depois da humanidade física, é preciso criar a humanidade moral; depois dos corpos, as almas! O que foi conquistado em energias materiais, em forças exteriores, perdeu-se em conhecimentos profundos e revelações do sentido íntimo. O homem triunfou do mundo visível; seus conhecimentos no universo físico são imensos; resta-lhe conquistar o mundo interior, conhecer sua própria natureza e o conqesto de seu esplêndido futuro.

Não discutas, trabalha. A discussão é vã; a crítica, estéril. Mas a ação pode ser grande, se consistir em te engrandecer a ti mesmo, em engrandecer os outros, em fazer o teu ser melhor e mais belo. Porque não deves esquecer que trabalhas para ti ao trabalhar por todos, associando-te à tarefa comum. O universo, como tua alma, renova-se, perpetua-se e embeleza-se sem parar pelo trabalho e pela mudança. E Deus, ao aperfeiçoar Sua obra, goza dela como tu gozas da tua, embelezando-a. *Tua obra mais bela és tu mesmo.* Por teus esforços constantes, podes fazer de tua inteligência, de tua consciência, uma obra admirável, da qual gozarás indefinidamente. Cada uma de suas vidas é um caminho fecundo de onde deves sair apto para as tarefas,



missões sempre mais altas, apropriadas às tuas forças, e cada uma das quais será tua recompensa e tua alegria.

Assim, com tuas mãos irás, dia a dia, moldando teu destino. Renascerás nas formas que teus desejos constroem, que tuas obras geram, até que teus anseios e teus apelos tenham preparado para ti formas e organismos superiores aos da Terra. Renascerás nos meios que anseias, próximos aos seres queridos que já foram associados aos teus trabalhos, às tuas vidas e que viverão contigo e para ti, como viverás com eles e para eles.

Depois de terminada tua evolução terrestre, quando tiveres exaltado tuas faculdades e tuas forças a um grau de poder suficiente, quando tiveres esvaziado a taça dos sofrimentos, das amarguras e das felicidades que nos oferece este mundo, sondado suas ciências e suas crenças, te comunicado com todos os aspectos do gênio humano, então subirás com teus amados para outros mundos mais belos, mundos de paz e de harmonia.

E, depois que teu último envoltório humano tiver retornado ao pó, tua essência depurada chegado às regiões espirituais, tua lembrança e tua obra ainda ampararão os homens, teus irmãos, em suas lutas e suas provas, e poderás dizer com a alegria de uma consciência serena: *“Minha passagem sobre a Terra não terá sido estéril; meus esforços não terão sido vão.”*

Ao terminar a leitura deste livro, provavelmente você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas de que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nessa corrente!



O problema do Destino

A palavra destino traz consigo um sentido de incerteza, insegurança, um certo temor do que possa nos acontecer, principalmente se os fatos de nossa vida forem considerados como resultantes de causas independentes de nossas ações. Nesta obra, porém, o leitor irá conhecer o significado da palavra destino em toda a sua plenitude, como resultado de nossas vidas passadas.

Utilizando fatos e personagens históricos, o autor nos mostra que as grandes dificuldades vividas por alguns povos são o reflexo de seus próprios atos de crueldade praticados em tempos remotos.

Ele nos leva a uma viagem pela admirável Grécia, pela imponente Roma e pelas sangrentas batalhas travadas em todos os tempos, e o que descobrimos são as angústias, aspirações e contradições do nosso próprio ser que permanecem ao longo dos séculos. Em *O Problema do Destino*, edição atualizada, de linguagem simples complementada por notas que enriquecem ainda mais a obra, Léon Denis vem nos mostrar que herdaremos o destino que cultivarmos para nós mesmos, colhendo no futuro o que houvermos semeado no presente.



www.petit.com.br
petit@petit.com.br

petit
editora

Uma passagem segura para o terceiro milênio